

soluto de iodeto de potássio que lhe é adicionado. O soluto de hipossulfito de sódio que finalmente se ajunta tem por fim eliminar o excesso de iodo.

Este derivado monoiodado da sulfanilamida é insolúvel nos ácidos diluídos e concentrados, no soluto de hipossulfito de sódio, no éter e no clorofórmio; pouco solúvel no álcool frio; solúvel no álcool fervente e nos solutos de hidróxido de sódio.

Lavado e seco, funde a 172° — 174° , com ligeira decomposição; depois de recristalizado pelo álcool funde a 175° — 176° , tomando uma cor rósea mais acentuada.

A reacção γ) com a sulfaguanidina dá um pp. amarelado que o exame microscópico (Fig. 3) mostra ser constituído por cristais incolores, em forma de losango, isolados ou parcialmente sobrepostos, tomando, neste caso, formas denteadas. Não aparecem cristais aciculares.

Deve também tratar-se dum derivado monoiodado, visto que, sendo 35,1 a percentagem teórica de iodo, encontrámos a percentagem, bastante próxima, de 34,6. Esta hipótese foi-nos também confirmada por ensaios volumétricos.

É insolúvel nos ácidos diluídos e concentrados, nos solutos de hidróxido de sódio, no éter e no clorofórmio; dissolve-se em água fervente e nos solutos de hidróxido de sódio ferventes, reprecipitando por arrefecimento; pouco solúvel no álcool frio, mais no fervente, tomando após arrefecimento, formas cristalinas diferentes das anteriores. Neste último caso observam-se prismas de diversas dimensões, cristais e agregados cristalinos de formas irregulares, notando-se, no entanto, uma certa predominância de cristais com faces hexagonais, como mostra a Fig. 4.

Funde entre 263° e 265° com carbonização.

Com as sulfamidas de que iremos tratar seguidamente já os fenómenos se passam de modo diferente. Por terem na sua molécula, além do núcleo fundamental sulfamídico, outros anéis onde existem duplas ligações, com tendência a transformarem-se em ligações simples, formam com o iodo derivados de adição, insolúveis em meio ácido, dando por isso positiva a reacção β).

Sulfatiazol

Das seis sulfamidas estudadas é, como já dissemos, o sulfatiazol a única que dá positiva a reacção α); obtém-se um pp. imediato, abundante, de cor amarela, levemente acastanhada e amorfo.

Ao microscópio notam-se umas massas amareladas que nada têm de característico.

Se eliminarmos o excesso de iodo com um soluto diluído de hipossulfito de sódio, o pp. apresenta-se amarelo-claro. Se nesta fase o pp. for recebido em filtro, lavado com água, seco na estufa a 60° e pulverizado, apresenta-se sob a forma de um pó amarelo-alaranjado.

O derivado iodado assim obtido é insolúvel nos ácidos; facilmente solúvel nos solutos dos hidróxidos e dos carbonatos alcalinos; pouco solúvel em hipossulfito de sódio em meio ácido e menos ainda em meio neutro; muito pouco solúvel em álcool, éter e acetona. Agitado com clorofórmio, não lhe transmite cor ametista.

Aquecido gradualmente, conservou-se inalterável até 100°, libertou vapores de iodo a 110° e a temperaturas mais elevadas enegreceu e fundiu com decomposição a cerca de 195°.

Esta determinação, atendendo à instabilidade do produto, não tem grande interesse analítico, o mesmo sucedendo com os derivados iodados de que trataremos a seguir.

Este derivado não pode ser utilizado como forma de doseamento. Em tentativas de dosagem, precipitando o sulfatiazol, em meio neutro, pelo iodo e titulando o excesso deste com hipossulfito de sódio decinormal, verificámos que para as mesmas quantidades de sulfatiazol e de soluto decinormal de iodo, os volumes de soluto de hipossulfito de sódio gastos em cada ensaio, eram muito variáveis. A titulação do excesso de iodo, separando da mistura, por filtração, um volume determinado de líquido, deu-nos sempre números muito dispares.

Submetido à análise mostrou conter 14,2 % de iodo. Nova dosagem, executada sobre o produto de outra preparação, deu 17,5 %. Em novo produto, obtido por simples filtração, lavagem e secagem, sem intervenção do hipossulfito de sódio, encontramos 19,1 % de iodo.

A disparidade destes números, põe em evidência a instabilidade do produto e as percentagens de iodo encontradas mostram que o derivado não chega a conter um átomo de iodo, por cada molécula de sulfatiazol (a tratar-se dum derivado monoiodado, deveria haver cerca de 33 % de iodo). A combinação de um átomo de iodo com duas moléculas de sulfatiazol, daria um produto com a percentagem de 19,9 daquele elemento, mas esta hipótese parece-nos pouco aceitável.

O sulfatiazol dá a reacção β) com formação de um pp. imediato, microcristalino, castanho-escuro que toma, depois de depositado, cor arroxeadada. Este pp., observado ao microscópio (Fig. 5) mostra ser constituído por cristais de formas arborescentes e de cor castanho-escura.

Nesta precipitação do sulfatiazol pelo iodo, em meio clorídrico, tem influência sobre as características do pp., a concentração e a acidez do soluto sulfamídico. Assim, se na reacção β), baixarmos a quantidade de sulfatiazol para 0,01 grama ou mesmo para 0,005 grama, a reacção é ainda positiva, mas em vez do pp. imediato atrás indicado forma-se, passado algum tempo, no seio do líquido, cristais aciculares, castanho-escuros, que ao microscópio, (Fig. 6) se apresentam bastante compridos e com os bordos serrados.

Mantendo o peso de 0,02 grama, mas dissolvendo-o em 10 cc. de soluto a 10 % de ácido clorídrico, dois casos se podem dar: se o soluto de iodo for adicionado lentamente e sem agitação, formam-se pequenas agulhas que ao fim de algumas horas se apresentam, negras, grossas e longas, tornando-se bem visíveis à simples vista; se, pelo contrário, após a adição do soluto de iodo, agistarmos a mistura, forma-se imediatamente pp. cristalino que dá depois depósito arroxeadado.

O derivado iodado obtido nas condições de β) (mas empregando maior volume de soluto de iodo para termos a certeza que o produto fica saturado), uma vez retirado do líquido em que foi precipitado, é pouco estável. Recebido em filtro e lavado com água vai perdendo o seu iodo, de tal maneira que, as águas de lavagem nunca deixam de dar coloração azul com o cozimento de amido. Se, no entanto, depois de algumas lavagens, dermos a operação por terminada e o secarmos na estufa a 60°, obtém-se um produto de cor roxa que apresenta solubilidades semelhantes às do derivado obtido em α), dissolvendo-se porém, com grande facilidade no soluto de hipossulfito de sódio.

Posto em suspensão na água e agitado com algumas gotas de amônia, passa de roxo a amarelo e dissolve-se depois dando soluto amarelado.

Dissolve-se facilmente em álcool, éter e acetona dando solutos amarelo-acastanhados; com o clorofórmio dá soluto cor de ametista, resultante da decomposição do produto e subsequente libertação do iodo.

Esta mesma decomposição é observada durante a dissolução nos dissolventes orgânicos atrás referidos e até mesmo quando o derivado é posto em contacto com a água.

Aquecido gradualmente começou a libertar vapores de iodo a 80° e fundiu a cerca de 178°. Como já dissemos, esta determinação tem um interesse muito reduzido, visto tratar-se de produtos impuros e que se decompõem parcialmente antes de atingida a temperatura de fusão.

A dosagem do iodo, deu-nos a percentagem de 70,0. Em nova

dosagem, executada sobre o produto de outra preparação, mas obtido pelo mesmo processo, encontramos 70,1 % de iodo.

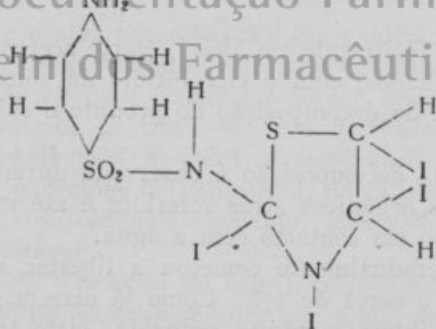
Exposto ao ar durante alguns dias e analisado novamente, mostrou conter ainda 70,0 % daquele elemento.

Estas determinações mostram que o produto, quando seco e à temperatura ordinária, é estável, sendo-o da mesma forma, quando em presença dum excesso de soluto de iodo. Pelo contrário, quando é posto em contacto com certos líquidos, a medida que se dissolve, põe em liberdade quantidades apreciáveis de iodo e quando é aquecido a temperaturas superiores a 80°, emite vapores violáceos. Note-se porém, que em meio líquido, a decomposição se dá apenas, na medida em que se dissolve; só assim se explica que depois de seco, apresente sempre a mesma percentagem de iodo, embora tenha sido, durante a sua preparação, lavado com maior ou menor volume de água.

Adicionando um excesso de soluto de iodo ao sulfatiazol dissolvido em meio ácido, deixando decantar o pp. retirando do líquido límpido sobrenadante, um volume conhecido e titulando o excesso de iodo com hipossulfito de sódio, verifica-se que por cada molécula de sulfatiazol é absorvido o iodo correspondente a 40.000 c.c. de soluto decinormal ou sejam quatro átomos daquele elemento. Sendo assim, e comparando a percentagem de iodo por nós encontrada, com as percentagens teóricas dos derivados diiodado e tetraiodado, respectivamente de 50 % e 66,5 % de iodo, somos levados a admitir a formação de um derivado tetraiodado por adição, atribuindo-se a diferença de 66,5 para 70, à existência no produto, de algum iodo não combinado por deficiência da lavagem.

Possivelmente o composto formado será o seguinte :

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos



O facto do derivado iodado do sulfatiazol obtido em meio ácido, ser estável e de fórmula definida, desde que esteja em pre-

sença dum excesso de iodo, foi por nós aproveitado como base para um novo método de dosagem desta sulfamida, ao qual nos referiremos na 2.^a parte do nosso trabalho.

Sulfapiridina

Nas condições de β), obtém-se um pp. imediato, microcristalino, castanho-escuro, que depositando-se lentamente se transforma em agulhas negras, brilhantes e que por vezes apresentam reflexos esverdeados. Estas, vistas ao microscópio, com pequena ampliação, (Fig. 7) apresentam-se longas e grossas e de cor acastanhada.

Esta reacção é ainda positiva com 0,005 grama de sulfapiridina, obtendo-se o mesmo pp. microcristalino, que desaparece por agitação, dando lugar, pouco depois, à formação de pequenos cristais aciculares com brilho metálico e que em conjunto apresentam reflexos esverdeados. Ao microscópio (Fig. 8), aparecem, uns, isolados e distribuídos irregularmente, outros, dispostos paralelamente e ligados perpendicularmente a um cristal de maior espessura, fazendo o conjunto lembrar um pente que tivesse os dentes de diferentes dimensões.

Se na reacção β) aumentarmos a dose de sulfapiridina para 0,1 grama, obtém-se um pp. muito abundante, avermelhado, aparentemente amorfo e que passado pouco tempo se torna cristalino e de cor azul-arroxeadada. Este, é constituído por cristais em forma de losango, castanho-escuros conforme mostra a microfotografia da Fig. 9.

O derivado iodado da sulfapiridina, obtido pelo processo que indicamos para o derivado correspondente do sulfatiazol, apresenta a mesma instabilidade, caracteres de solubilidade idênticos aos daquele e cor castanho-escuro.

Posto em suspensão na água e agitando com algumas gotas de amónia dissolve-se lentamente, dando coloração verde, que ao fim de algum tempo ou por nova adição de amónia passa a amarela.

Fundiu a cerca de 127° com decomposição.

Dosagens executadas nos produtos de duas preparações diferentes, deram-nos respectivamente 60,5 % e 63,8 % de iodo.

Determinações volumétricas realizadas nas condições indicadas para o sulfatiazol, deram-nos sempre números muito diferentes; no entanto, ensaios houve, em que a quantidade de iodo absorvido por cada molécula de sulfapiridina correspondeu a mais de cinco átomos.

Como os átomos absorvidos só devem ser fixados por adição e,

por isso, em número par, o produto formado deve ser constituído por uma mistura de diversos derivados iodados, com predominância do derivado hexaiodado.

As percentagens de iodo encontradas no produto seco, mostram que esta mistura, uma vez retirada da presença do excesso de iodo, se decompõe perdendo parte do halogénio.

Percentagens teóricas: derivado diiodado	— 50,4 %	de iodo
» tetraiodado	— 67,1 %	» »
» hexaiodado	— 75,3 %	» »

Sulfadiazina

Esta sulfamida dá positiva a reacção β) formando-se pp. imediato, aparentemente amorfo, acastanhado e que depois de depositado se apresenta com cor castanho-avermelhada. Examinado ao microscópio (Fig. 10) com a ampliação de 600 diâmetros, apresenta-se constituído por, pequenos cristais dispostos em roseta.

Se ao efectuarmos a reacção, lançarmos o soluto de iodo sobre o soluto da sulfamida ligeiramente aquecido, forma-se pp. microcristalino, de cor mais carregada, mais denso e que observado ao microscópio, apresenta as rosetas de cristais com maiores dimensões.

A reacção β) é ainda positiva com 0,005 grama de sulfadiazina, mas neste caso o pp. forma-se lentamente e toma cor negro-esverdeada. Este último, observado com a mesma ampliação de 600 diâmetros (Fig. 11), mostra as rosetas de cristais com grandes dimensões e a cor castanha mais acentuada.

O derivado iodado obtido com esta sulfamida, nas condições que indicamos para o sulfatiazol, é castanho-avermelhado e apresenta solubilidades semelhantes às dos dois últimos derivados estudados.

No entanto, quando agitado com soluto de hipossulfito de sódio só se dissolve parcialmente e o resíduo insolúvel é de cor amarelada.

Com a amónia, dissolve-se lentamente dando também cor esverdeada, mas esta é muito menos intensa do que a obtida com o derivado iodado da sulfapiridina.

Agitado com álcool, éter ou clorofórmio, cede-lhes parte do seu iodo, ficando um resíduo insolúvel amarelado.

Fundiu a cerca de 166° com decomposição.

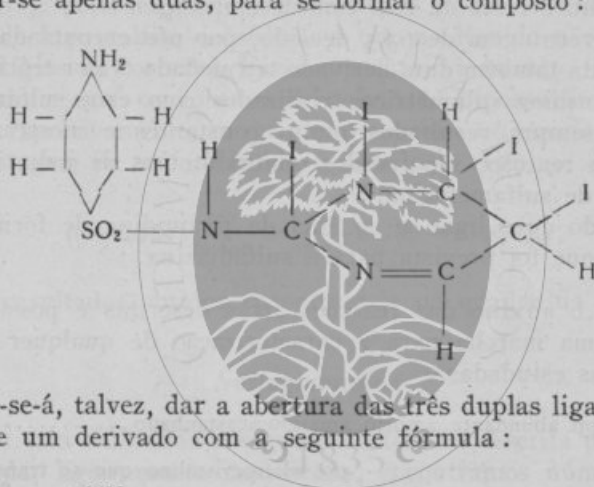
Submetido a análise mostrou conter 68,4 % de iodo.

Comparando este número, com as percentagens teóricas, respectivamente :

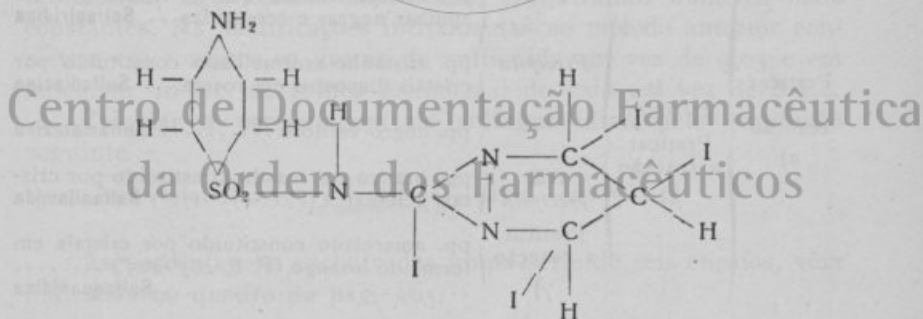
Derivado diiodado	50,4 % de iodo
» tetraiodado	67,0 % » »
» hexaiodado	75,2 % » »

admitimos que se forme um derivado tetraiodado por adição, facto que nos foi confirmado pelos ensaios volumétricos realizados aos quais nos referiremos mais adiante.

Das duplas ligações existentes no anel da pirimidina poderão abrir-se apenas duas, para se formar o composto :



ou poder-se-á, talvez, dar a abertura das três duplas ligações, formando-se um derivado com a seguinte fórmula :



Sulfametazina

Como a anterior, donde deriva, dá positiva a reacção β) obtendo-se um pp. imediato, amorfo, de cor negra que se aglomera e deposita com o aspecto duma massa negro-verdosa.

Se a reacção for feita com o soluto sulfamídico ligeiramente

aquecido, obtém-se pp. microcristalino, brilhante e com reflexos esverdeados bastante intensos.

A reacção é ainda positiva com 0,0025 grama de sulfameta-zina, formando-se, passado algum tempo, um pp. cristalino, de tom esverdeado e que observado à luz solar apresenta reflexos dourados.

Este, ao microscópio, mostra ser constituído por cristais castanho-escuros, reunidos em feixes conforme se observa na Fig. 12.

O derivado obtido, depois de lavado e seco, apresenta cor negra e caracteres de solubilidade idênticos aos do derivado iodado da sulfadiazina.

Fundiu a cerca de 164° com decomposição.

A percentagem de 63,5 de iodo, por nós encontrada, mostra que se trata também dum derivado tetraiodado (valor teórico 64,3).

Os ensaios volumétricos realizados com esta sulfamida de-raram-nos sempre resultados muito constantes e mostraram que durante a reacção, são fixados quatro átomos de iodo, por cada molécula de sulfametazina.

O iodo deve ligar-se ao anel da pirimidina de forma seme-lhante à que foi prevista para a sulfadiazina.

Com o auxílio das reacções atrás descritas é possível esta-belecer uma marcha para a caracterização de qualquer das seis sulfamidas estudadas.

		pp. abundante, amorfo, amarelo-acastanhado	Sulfatiazol	
Praticar a reacção α)	Não precipita	Precipita	pp. microcristalino que se transforma em agulhas negras e compridas... Sulfapiridina	
			pp. castanho-avermelhado constituído por cristais dispostos em roseta ... Sulfadiazina	
	Praticar a reacção β)	Não precipita	pp. negro-verdoso	Sulfametazina
		Praticar a reacção γ)	pp. branco ou rosado constituído por cristais aciculares (P. F.-175°-176°) Sulfanilamida	
			pp. amarelado constituído por cristais em forma de losango (P. F.-263°-265°)	Sulfaguanidina

II) ENSAIOS QUANTITATIVOS

Sulfanilamida

Seguindo a técnica que vamos expor para a dosagem desta sulfamida, não obtivemos resultados que se possam considerar

brilhantes, mas apesar disso, os números encontrados não se afastam exageradamente dos valores reais.

Os resultados vêm também confirmar a nossa hipótese, de se formar na reacção γ) atrás referida um derivado iodado mono-substituído.

Num matrás de 200 c.c. dissolver 0,05 grama de sulfanilamida em 10 c.c. de soluto a 1 % de ácido clorídrico; ajuntar 50 c.c. de água destilada, 10 c.c. de soluto a 5 % de cloreto mercúrico e depois de levar esta mistura a uma temperatura de 25°-30°, adicionar (duma galleta, gota a gota e agitando sempre) 8 c.c. de soluto decinormal de iodo. Adicionar ainda 15 c.c. de soluto a 10 % de iodeto de potássio, 1 c.c. de cozimento de amido e soluto decinormal de hipossulfito de sódio até que no líquido não se observem vestígios de cor azul. Fazer um ensaio a branco.

Sendo n e n' os volumes de soluto de hipossulfito de sódio gastos, respectivamente, no primeiro ensaio e no ensaio a branco, a percentagem de sulfanilamida é dada pela seguinte expressão :

$$(n' - n) \times \frac{172}{20.000} \times \frac{100}{0,05} \text{ ou } (n' - n) \times 17,2$$

Os resultados obtidos encontram-se no quadro da pág. 163.

Sulfaguanidina

Com esta sulfamida e seguindo a técnica descrita para a sulfanilamida, ligeiramente modificada, encontramos números mais constantes. As modificações introduzidas no método anterior consistem em tomar 0,07 grama da sulfamida em vez de 0,05 e em adicionar 10 c.c. de soluto decinormal de iodo em vez de 8 c.c.

Calcular a percentagem de sulfaguanidina pela expressão seguinte :

$$(n' - n) \times \frac{282}{20.000} \times \frac{100}{0,07} \text{ ou } (n' - n) \times 16,57$$

As percentagens encontradas numa série de seis ensaios, vêm indicadas no quadro da pág. 163.

Sulfatiazol

Como já dissemos, o sulfatiazol pode ser doseado iodométricamente dum maneira simples, rápida e bastante rigorosa.

Este novo método, não requer os cuidados exigidos pelo método bromométrico, no que diz respeito a excesso de reagente a

empregar, ao tempo de contacto e à agitação; o termo do ensaio, que nos é dado pela simples viragem do amarelo de iodo para o incolor, é muito nítido e comparado com o processo do toque usado no método do nitrito é indubitavelmente muito mais prático. Além disso, os resultados não são elevados como os obtidos no método do nitrito e são mais constantes do que os observados no método bromométrico.

A grande vantagem deste método sobre os anteriores, está porém no facto de se poder dosear o sulfatiazol em presença da sulfanilamida, que por ser um produto de menor custo e de mais fácil obtenção poderá servir para o falsificar.

Depois de vários ensaios estabelecemos uma técnica que nos forneceu bons resultados e que é a seguinte :

Dissolver 0,1 grama de sulfatiazol em 20 c.c. de soluto a 1 % de ácido clorídrico; juntar 25 c.c. de soluto decinormal de iodo, completar o volume de 50 c.c. com o mesmo soluto ácido, agitar a mistura e deixar em repouso durante 15 minutos. Filtrar por um pequeno filtro de papel regeitando os primeiro 15 c.c. do filtrado e a 25 c.c. do restante, adicionar igual volume de água destilada e soluto decinormal de hipossulfito de sódio até que no líquido não se notem vestígios de cor amarela.

Conhecido o número n de c.c. gastos de soluto de hipossulfito de sódio, calcular a percentagem de sulfatiazol pela seguinte expressão :

$$(25 - 2n) \times \frac{255.3}{40.000} \times \frac{100}{0,1} \text{ ou } (25 - 2n) \times 6,383$$

Os números encontrados vêm inscritos no quadro da pág. 163.

Dois ensaios executados sobre uma mistura em partes iguais de sulfanilamida e sulfatiazol, deram-nos as percentagens de 52,34 e 52,97 deste último.

Estes números mostram que as percentagens de sulfatiazol determinadas na presença da sulfanilamida, vêm um pouco aumentadas; no entanto o método satisfaz perfeitamente para a apreciação da riqueza em sulfatiazol no caso duma mistura com aquela sulfamida.

Sulfadiazina

Fundando-nos na propriedade que tem esta sulfamida de dar, como o sulfatiazol, com o iodo um derivado tetraiodado insolúvel, estabelecemos igualmente uma técnica de dosagem que nos forneceu resultados muito constantes e que consiste no seguinte :

Dissolver 0,07 grama de sulfadiazina em 20 c.c. de soluto a 5 % de ácido clorídrico; ajuntar 25 c.c. de soluto decinormal de iodo, completar o volume de 50 c.c. com o mesmo soluto ácido, agitar a mistura e deixar em repouso durante 15 minutos.

Filtrar por um pequeno filtro de papel regeitando os primeiros 15 c.c. de filtrado e a 25 c.c. do restante adicionar 50 c.c. de água destilada e soluto decinormal de hipossulfito de sódio até que no líquido não se notem vestígios de cor amarela.

Sendo n o número de c.c. de soluto de hipossulfito de sódio gastos no ensaio, a percentagem de sulfadiazina é dada pela seguinte expressão :

$$(25 - 2n) \times \frac{250}{40.000} \times \frac{100}{0,07} \text{ ou } (25 - 2n) \times 8,929$$

O quadro abaixo mostra alguns dos resultados encontrados.

Sulfametazina

Nos nossos ensaios com esta sulfamida tomámos sempre 0,07 grama e seguimos exactamente a técnica que indicamos para o sulfatiazol.

A percentagem de sulfametazina é dada pela expressão :

$$(25 - 2n) \times \frac{278}{40.000} \times \frac{100}{0,07} \text{ ou } (25 - 2n) \times 9,93$$

Os resultados obtidos foram também constantes e encontram-se patentes no quadro que se segue:

ENSAIOS	1	2	3	4	5	6	MÉDIA
Sulfanilamida %	103,2	98,9	97,2	102,3	103,2	99,7	100,7
Sulfaguanidina %	100,2	100,2	99,4	98,6	99,4	99,4	99,5
Sulfatiazol %	99,57	99,57	98,29	100,85	99,57	98,93	99,46
Sulfadiazina %	100,0	100,0	100,0	100,0	99,1	100,0	99,8
Sulfametazina %	99,3	99,3	99,3	98,3	99,3	99,3	99,1

Dum modo semelhante ao que se passa com o sulfatiazol, também a sulfametazina e a sulfadiazina podem ser doseadas pelo método iodométrico em presença da sulfanilamida.

CONCLUSÕES

1) — A sulfanilamida e a sulfaguanidina só dão derivados iodados por substituição. O sulfatiazol, a sulfapiridina, a sulfametazina e sulfadiazina dão com o iodo derivados iodados por adição.

2) — Pela observação dos precipitados formados e pelo exame microscópico dos cristais é possível fazer a caracterização de qualquer das seis sulfamidas estudadas.

3) — A determinação do ponto de fusão dos derivados iodados só tem interesse para a sulfanilamida e sulfaguanidina, visto os derivados das outras sulfamidas decompõem-se com facilidade.

4) — A formação destes derivados pode ser utilizada com fins quantitativos. Os melhores resultados foram obtidos com o sulfatiazol, a sulfadiazina e a sulfametazina utilizando uma técnica que se funda na propriedade que têm os derivados iodados destas sulfamidas de serem estáveis e insolúveis quando em presença dum excesso de iodo. Não nos foi possível estabelecer uma técnica de dosagem por iodometria para a sulfapiridina pelo facto desta sulfamida não dar com o iodo um derivado de composição definida.

Lisboa, Fevereiro de 1944.

NOTA — Algum tempo depois de termos dado por concluído o presente trabalho, tivemos conhecimento duma reacção de caracterização do Cibazol em que se emprega o iodo como reagente.

Na revista consultada¹ vem apenas o resumo do trabalho e embora não tivéssemos tido possibilidade de ler o original, queremos parecer que o autor não empregou o iodo na caracterização de outras sulfamidas.

(Trabalhos realizados no Laboratório da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos).

¹ «Afinidad» n.ºs 17 e 18 — 1944. — «Metodos cualitativos de identificación de las sulfamidas» por H. Wajahn.



Fig. 1

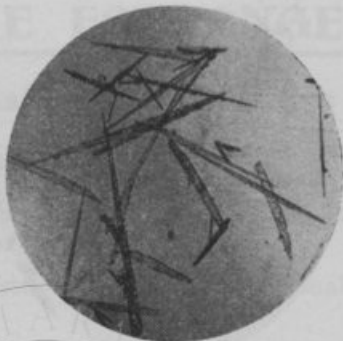


Fig. 2

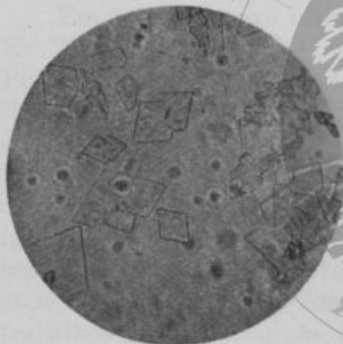


Fig. 3

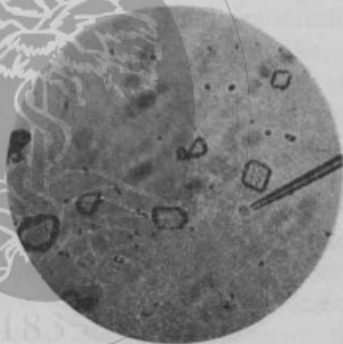


Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

Centro de Documentação Farmacêutica
Ordem dos Farmacêuticos



Fig. 7



Fig. 8

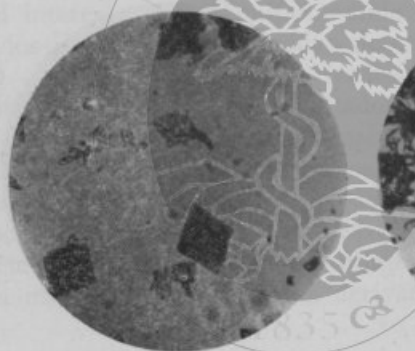


Fig. 9

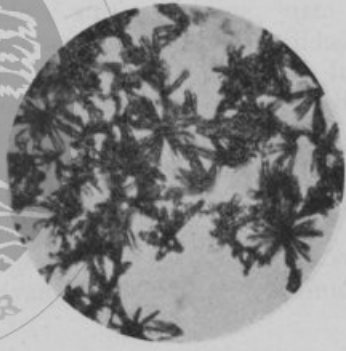


Fig. 10



Fig. 11

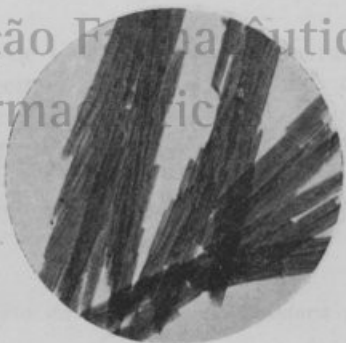


Fig. 12

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem Farmacêutica

ACTIVIDADE CIENTÍFICA **NACIONAL E ESTRANGEIRA**

Sociedades — Congressos — Actualidades

PRÊMIO «DOCTOR MANUEL FERNANDES CRUZ»

Registámos, nos N.^{os} 47-48, desta revista, a entrada dos dois trabalhos seguintes, que concorreram a este Prémio:

- 1) «Contribuição para o estudo da Beladona Nacional» — por «Alvor».
- 2) «Estudo químico-farmacognóstico da Gomphrena globosa L.» — por «Alpe & Alcora».

Em 16 de Janeiro último, o respectivo júri, constituído pelos Ex.^{mos} Srs. Professores Doutores Ruy Telles Palhinha, Manuel Pinheiro Nunes e Aloísio Fernandes Costa, e de acordo com o instituidor do Prémio, Ex.^{mo} Sr. Carlos José de Oliveira, procedeu à classificação dos dois trabalhos referidos acima.

Atendendo a que o valor dos trabalhos era bastante diferente e que os prémios a atribuir (o de 1944 e o de 1945) eram dois, de igual importância, nos termos do Regulamento e conforme a deliberação tomada o ano anterior, não estando, pois, de harmonia com as normas habituais em concursos literários e científicos equiparar trabalhos para atribuição de igual prémio pecuniário, mas sim conferir a cada um o merecimento devido, o júri resolveu anular o Prémio de 1944 e:

a) conceder o Prémio de 1945, na importância de 3.000\$00 ao trabalho «Estudo químico-farmacognóstico da Gomphrena globosa L.» de que são autores os Ex.^{mos} Srs. Drs. Albano Pereira Júnior e Alberto Correia Ralha.

b) conferir a Menção Honrosa ao trabalho «Contribuição para o estudo da Beladona Nacional», da autoria do Ex.^{mo} Sr. Manuel Ribeiro Cabral.



PRÊMIO «COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE»

Conforme também foi registado nos N.^{os} 47-48 desta revista, foram recebidos os seguintes trabalhos, concorrentes a este Prémio:

- 1) «Sobre derivados iodados da algumas sulfamidas» — por «Sizandro».

2) «Acerca da dosagem de vestígios de arsénio pelo método da Farmacopeia Portuguesa» — por «Castelo».

3) «Contribuição para o estudo do mecanismo da acção das sulfamidas» — por «Alcora & Alpe».

Em 26 de Janeiro do corrente reuniu o júri, composto pelos Ex.^{mos} Srs. Professores Doutores D. António Pereira Forjaz e Toscano Rico, e Dr. Carlos Cândido Coutinho, comparecendo também o Presidente do Sindicato e o Ex.^{mo} Sr. Carlos José de Oliveira como delegado da Companhia Portuguesa Higiene, instituidora do Prémio.

Foram admitidos à classificação os trabalhos: «Sobre derivados iodados de algumas sulfamidas» e «Acerca da dosagem de vestígios de arsénio pelo método da Farmacopeia Portuguesa», tendo sido excluído do concurso o trabalho «Contribuição para o estudo do mecanismo da acção das sulfamidas», por não estar ao abrigo das condições regulamentares do Prémio — que é exclusivamente destinado a trabalhos experimentais de *Química farmacêutica*.

O Prémio, na importância de 5.000\$00, foi conferido por unanimidade ao trabalho «Sobre derivados iodados de algumas sulfamidas», da autoria do Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim Augusto de Almeida Baltazar.

O Júri considerou, ainda, o outro trabalho admitido «como um estudo prometedor de futuro desenvolvimento da matéria».

A data para a distribuição dos Prémios e da Menção Honrosa, será oportunamente fixada pela Direcção, em virtude de se encontrarem ausentes do País alguns dos premiados.

Centro de Documentação Farmacêutica

DOUTOR JOSÉ FERREIRA DO VALE SERRANO

Com muito brilhantismo prestou provas, na Faculdade de Farmácia do Porto, para alcançar o grau de Doutor em Farmácia, o nosso distinto colega, Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ferreira do Vale Serrano, Assistente da mesma Faculdade e antigo Presidente da Secção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos no Porto.

Apresentou como dissertação de Doutoramento o trabalho *Titulações potenciométricas — Algumas aplicações à Farmácia*, (a que oportunamente faremos a devida referência) e do seu valor diz com eloquência a plena aprovação do novo Doutor.

Ao Dr. Vale Serrano endereçamos as nossas melhores felicitações pelo seu êxito.

PROF. DOUTOR JOSÉ RAMOS BANDEIRA

Foi nomeado Professor Extraordinário do 2.º grupo (História Natural e Farmácia) da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra, o Ex.^{mo} Sr. Prof. Doutor José Ramos Bandeira que foi dispensado de provas de concurso por proposta dos membros do júri entre os quais se achavam os Directores da Faculdade de Farmácia do Porto e da Escola de Farmácia de Lisboa. Esta proposta foi fundamentada na competência, zelo e interesse manifestado pelo ensino e no desempenho das funções de Professor Extraordinário contratado, e ainda pela invulgar actividade do Prof. Doutor Ramos Bandeira, quer como investigador quer como publicista, a quem a Farmácia muito deve já.

PROF. DOUTOR ALBERTO CORREIA DA SILVA

Na Faculdade de Farmácia do Porto prestou, ultimamente, com muito brilho, provas de concurso para Professor Extraordinário daquele estabelecimento de ensino superior, o Ex.^{mo} Sr. Doutor Alberto Carlos Correia da Silva que há pouco tempo efectuou também provas de Doutoramento e exercia, com muito zelo e competência, as funções de assistente da referida Faculdade.

A dissertação de concurso apresentada pelo Doutor Correia da Silva intitulou-se «Estudo da acção dos alcaloides de lobelia urens sobre os brônquios» — trabalho que é um complemento valioso da sua dissertação de Doutoramento, já oportunamente comentada neste «Jornal».



REUNIÃO DE CURSO

Nos passados dias 21, 22 e 23 de Junho reuniram-se os licenciados em Farmácia pela Universidade de Lisboa em 1936, comemorando o 10.º aniversário da sua formatura.

No primeiro dia teve lugar uma visita à Faculdade onde foram recebidos pelo Director e mais professores.

No dia 22 foi rezada missa em S. Domingos por alma dos professores e colegas falecidos. No mesmo dia efectuou-se um almoço de confraternização no Hotel Flórida que decorreu num ambiente de franca e leal camaradagem e durante o qual usaram da palavra o Director da Escola Prof. Doutor Raul de Carvalho e a Dr.^a D. Maria Carolina Varela. Assistiram ainda o Director da Faculdade de Ciências Prof. Doutor D. António Pereira Forjaz e os professores da Escola Superior de Farmácia Prof. Doutor Ma-



NESTLÉ

põe à vossa disposição

*para a alimentação dos lactantes
saudáveis, fracos ou doentes...*

Para o biberão:

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO «NESTLÉ»

leite completo, rico em vitaminas, de composição regular, de digestão fácil.

LEITE EM PÓ MEIO-GORDO «NESTOGÉNO»

LEITE EM PÓ ACIDIFICADO «ELEDON»

Para as papinhas:

FARINHA LÁCTEA «NESTLÉ»

um alimento completo, rico em leite que se digere muito facilmente.

N. B. — A Farinha Láctea «Nestlé» permite a preparação de papinhas fortificantes para os escolares, adolescentes, adultos, convalescentes e pessoas idosas.

Peça literatura e amostras à

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS — LISBOA



nuel Pinheiro Nunes, Drs. José Avelar de Almeida Ribeiro, Mendes Ribeiro, Matos Júnior, Manuel Rodrigues Machado e as Dr.^{as} D. Ester Nogueira e Judith Gonçalves.

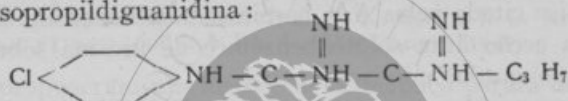
No dia 23, fechando o programa, um agradável passeio à Arrábida, coroou com o maior êxito as comemorações.

Das Revistas e dos Jornais

NOVOS REMÉDIOS

Paludrine. Anon: Pharm. J. 156,70 (1946).

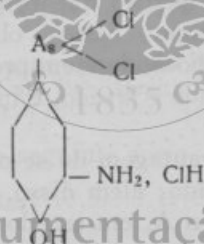
Eis a constituição deste novo anti-malárico que é a 1-p. clorofenil-5-isopropildiguanidina:



O produto utilizado na terapêutica é o cloridrato deste composto.

Clorarsen. Anon: J. Am. Med. Assoc. 126,169 (1944).

Com este nome acha-se inscrito na Farm. dos E. U. A. o cloridrato de diclorofenarsina, arsenical trivalente, de fórmula:

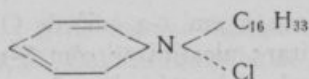


Centro de Documentação Farmacêutica

Cada ampola contém, para uma certa quantidade de produto 3,5 partes duma mistura de 96% de citrato de sódio e 4% de carbonato de sódio.

Ceepryn. C. L. Huyck: J. A. Ph. A. 34, 5 (1945).

Com o nome de *Ceepryn* foi especializado nos E. U. A. um composto germicida, com a seguinte fórmula e que é o cloreto de cetilpiridina:



É solúvel na água, no álcool e acetona, e insolúvel no éter e benzol.

A solução aquosa é ácida, e espuma como o sabão, devido à sua baixa tensão superficial.

O A. passa em revista o modo de acção do composto, e também dos bactericidas do tipo dos sais de amónio quaternários. O produto, em soluto a 1:4000 (contendo 18% de álcool e 10% de glicerina) é bastante activo.

ANÁLISE QUÍMICA

Determinação fotométrica dos ácidos gordos. H. G. Krainick e F. Muller: Mikroc. 7,30 (1942) apud Ion, 38,615 (1944).

A técnica citada pelos AA. baseia-se na obtenção duma reacção corada pela acção dum soluto benzénico de fucsina sobre um soluto do ácido gordo, em isopropanol.

A dosagem faz-se no fotómetro de Pulfrich usando o filtro S. 53.

O método permite avaliar 0,05 a 0,5 mg. de ácido gordo.

Determinação gravimétrica do alumínio nos preparados galénicos. F. J. Baudelin: J. A. Ph. A. 34,232 (1945).

O A. apresenta um método que consiste na precipitação do Al sob a forma do succinato básico, obtido pela libertação do amoníaco da ureia, em meio ácido e em presença do ácido succínico.

O pp. depois de filtrado e lavado, é incinerado e transformado em O_3Al_2 .

A técnica oferece a vantagem de se obter um pp. mais denso que no método do hidróxido; além disso, o método é mais exacto e uniforme, como mostra o A. em estudos comparativos feitos em géis de hidróxido de alumínio, soluto de Cl_3Al e soluto de acetato de alumínio.

Reacção diferencial da acetona e álcool etílico, por transformação em iodoformio. E. Rothlin: Actas e Trabajos das Jorn. Farm. Bioq. (Tucuman, 1938).

O A. aconselha a seguinte técnica, que assim seria específica da propanona:

Dissolver 0,1 a 0,2 g em 1-2 cm^3 de OH_2 ; juntar 4-5 cm^3 de CNK, 0,5 N; agitar; alcalinizar com 8-10 gotas de amónia; agitar; adicionar sol. de iodo até coloração amarela, leve. Ao fim de alguns minutos, a frio ou a b. m., observa-se um pp. amarelo, microcristalino, de iodoformio.

FARMACOGNÓZIA

Comparação do ensaio químico e biológico da ergonovina na Cravagem de centelo. D. C. Grove e B. J. Vos Jr.: J. A. Ph. A. 34,256 (1945).

Os AA. descrevem um método de extracção e dosagem colorimétrica (com o p. dimetilaminobenzaldeído) da ergonovina. Esta encontra-se nas cifras médias de 16-32 mg%. Ensaio de recuperação deram 91% do produto adicionado. Os resultados do método colorimétrico mostraram-se cêrca de 15% mais elevados que o ensaio biológico efectuado sôbre o mesmo líquido de extracção.

Dosagem química da dedaleira. F. K. Bell e J. C. Krantz Jr.: J. Pharmacol. 83,213 (1945) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,239 (1945).

Os AA. propuseram um método colorimétrico para a dosagem do pó de dedaleira, baseado na obtenção duma coloração vermelho-alaranjada com um picrato alcalino.

A determinação é feita num colorímetro fotoeléctrico, com um filtro apropriado.

Este método daria resultados concordantes com o método biológico oficial.

MICROBIOLOGIA

Melo de cultura para a preparação da vacina anti-pertussis. L. Farrel e E. M. Taylor: Can. Pub. Health J. 36, 326 (1945) apud J. A. Ph. A. (Abst.) 35, 47 (1946).

Os AA. recomendam o seguinte meio:

Hidrolisado de caseína	1 0/0 (em caseína)
Clorêto de potássio	0,02 0/0
Clorêto de sódio	0,5 0/0
L-cisteína	0,0012 0/0
Fosfato monosódico	0,02 0/0
Amido solúvel	0,1 0/0
Hidróxido de sódio q. b. p. pH = 7,1	

A preparação da fucsina de Ziehl. S. W. Reinders: Acta Med. 7,287 (1941).

O A. aconselha a técnica seguinte, que daria um soluto estável:

Num frasco tomar 5 g de fucsina-diamante e 50 cm³ de alcool; agitar até dissolução. Colocar num balão de litro 500 cm³ de água recentemente destilada e aquecida a 50°. Filtrar o 1.º soluto por algodão para o balão, agitando bem. Adicionar depois 10 cm³ de fenol fundido. Filtrar no dia seguinte, por algodão.

Dissociação da produção de pigmentos e de penicillina nas culturas de penicillium notatum. J. A. M. de Loureiro: Cader. Cientif. 4,65 (1946).

Depois de uma breve introdução, o A. trata dos seguintes capítulos:

- culturas.
- selecção do meio.
- estudo do meio de acetato.
- discussão (síntese da matéria viva do bolor, formação de ácidos, secreção do pigmento, secreção de penicilina).

Entre as conclusões do seu trabalho, o A. cita, em especial, que a pH 8,0 há um máximo de produção de penicilina, com um mínimo de formação de pigmento.

QUÍMICA BIOLÓGICA

Microensalo dos compostos acetónicos na urina. Rubinovith: Canad. Med. Ass. J. 602 (1945) apud Mon. Farm. Terap. 52,127 (1946).

O A. aconselha o emprego duns comprimidos, contendo 0,25 g da seguinte fórmula:

Nitroprussiato de sódio	1,5 g.
Carbonato de sódio, anidro	28,5 "
Sulfato de amónio	45 "
Lactose	25 "

Utilizando um comprimido com a urina a analisar, obtém-se cor semelhante à do permanganato, em presença de acetona.

Um método prático para a pesquisa e dosagem da albumina urinária. C. A. Sagastume e colab. Actas e Trabajos das Jorn. Farm. Bioq. (Tucuman, 1938) pg. 75.

Os AA. referem o seguinte reagente, que seria específico e mais sensível que os habituais:

Sulfato de amónio	50 g.
Ácido sulfosalicílico	10 "
Fenol	3 "
Água destilada	100 "

Ferver até dissolução; esfriar e filtrar.

Referem também o emprego deste reagente para a determinação gravimétrica da albumina, e para a determinação rápida por centrifugação.

Doseamento do ácido p-aminobenzoico no sangue, urina e fezes. Anon. Deut. Med. Wschr. apud Mon. Farm. Terap. 50,356 (1944).

O método baseia-se na coloração alaranjada obtida por diazotização com o timol, análoga à das sulfamidas.

O reagente copulante é uma solução alcoólica de timol, e a reacção pratica-se em meio alcalino.

Cita-se a técnica detalhada do método, que utiliza padrões de ácido p. aminobenzoico, tratados de igual modo.

A. M. L.

Bibliografia

MÉTODO DE ANÁLISE DE PLANTAS COM ALCALOIDES

Por A. FERNANDES COSTA e J. CARDOSO DO VALE

Não abundam em Portugal os cultores de Farmacognósia.

Por isso mesmo é consolador verificar o perseverante trabalho do Professor Aloísio Fernandes Costa e do Dr. José Cardoso do Vale neste ramo da Farmacologia que atravessou há pouco um período em Portugal de quase completo esquecimento.

É já bastante valiosa a contribuição que estes ilustres Autores têm prestado ao progresso da Farmacognósia e, é de esperar que, embora lutando com grandes dificuldades, próprias aliás do nosso meio, muito de proveitoso produzirão ainda, filho da sua incedível vontade e superior competência.

O livro *Métodos de análise de plantas com alcaloides*, últimamente publicado, ao qual os seus Autores, modestamente, chamaram guia escolar, e destinaram aos seus alunos do segundo ano de Farmacognósia, é uma obra notável que não só interessa aos estudantes para quem foi preparada, mas a todos os farmacêuticos, profissionais ou não, que tenham empenho na análise das plantas com alcaloides e tudo quanto a estas diga respeito.

A utilidade do livro vai pois para muito além do limite que os seus Autores lhe marcaram e bem andaram em introduzir-lhe as noções teóricas indispensáveis pois, sem prejuízo do carácter prático que pretenderam, os temas ficaram completos e a obra valorizada.

Os dois capítulos destinados à dosagem dos alcaloides, que justificam o título da obra, são precedidos de três outros, nos quais os AA. deprezem as propriedades gerais dos alcaloides, a sua composição química e a extracção, este último acrescido de chaves dicotómicas para identificação dos fármacos alcalóidicos dando assim uma ordenação perfeita aos assuntos ali versados.

Todavia, é quando se trata dos métodos de dosagem que, para nós, o livro alcança, e muito bem, o fim a que os seus ilustres Autores o destinaram, revelando-se aí por forma evidente, o alto grau de especialização dentro deste ramo da ciência do Prof. Dr. A. Fernandes Costa e do Dr. Cardoso do Vale, que, com esta publicação, prestaram mais um valiosíssimo serviço ao ensino da Farmacognósia e a todos os estudiosos.

MENDES RIBEIRO

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Com destino à Biblioteca do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) recebemos as seguintes publicações :

OFERTAS DE AUTORES E EDITORES

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. A. Correia Alves :

«Preparação de medicamentos» por John W. Cooper e Frederick J. Dyer. (Traduz. por A. Correia Alves). (I vol.).

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. A. Correia Alves e R. Redondo de Carvalho :

«Incompatibilidades e dificuldades na execução de prescrições médicas». (II e III vol.).

Da Academia das Ciências de Lisboa:

«Contribucion al estudio de la elasticidad y sus aplicaciones a la Econometria y la Estadística», por Olegario Fernández Baños. (I opuse.).

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. António Gonçalves Leitão:

«Mostos Concentrados—Subsídios para o estudo do seu fabrico». (I Sep.).

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. António da Piedade Noronha :

«Eleusine Indica ou Eleusine Coracana e o seu elevado valor Vitamínico». (I Sep.).

«Eugenia Jambolana no tratamento da diabetis» (I Sep.).

«O Problema da falta de Quinina e os seus sucedâneos vegetais» (I Sep.).

«Vitamina C nos frutos coloniais» (I Sep.).

JORNAL DOS FARMACÊUTICOS

DIRECTOR E EDITOR
PROF. MANUEL PINHEIRO NUNES
Presidente da Direcção

Comp. e imp. na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Orgão e propriedade do
SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS
SOCIEDADE FARMACÊUTICA LUSITANA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua da Sociedade Farmacêutica, 18 - LISBOA

Telefone 4 1433

Vol. V = 1946 = JULHO - AGOSTO = N.º 52

TRABALHOS ORIGINAIS

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA BELADONA NACIONAL (*)

MANUEL RIBEIRO CABRAL
Farmacêutico

Porque, segundo a Farmacopeia Portuguesa, o produto oficial é constituído pelas folhas da *Atropa Belladonna* Linn. esta era a espécie que interessava ao nosso trabalho, limitado, evidentemente, ao estudo daqueles órgãos.

Esta planta, certamente do conhecimento dos antigos que a usariam, talvez, para fins menos recomendáveis, dadas as suas propriedades tóxicas, só no século XVI, ou XVII, começou a ter aplicação medicamentosa. Com a denominação que ora lhe conhecemos, em que *Atropa* significa, no grego, cruel, homenagem àquela das três Parcas que detinha o fio da vida, e *Belladonna* pela beleza das suas flores e por as mulheres em Itália a terem usado para realce das suas cores, foi por Dioscoride denominada «*Strychnos manicos*», donde o termo de *estricnomania* a designar o delírio provocado pelo seu veneno, por Saladin chamada, no seu «Com-

(*) Trabalho a que foi atribuída Menção Honrosa do «Prémio Doutor Manuel Fernandes Cruz», de 1945.

pendium Aromatoriorum», «Solanum furiale», e Solanum «somniferum», por Fuchsius, que em 1542 fez dela uma descrição perfeita (1-2-3).

Solanácea vivaz, herbácea, de breve rizoma, muito ramosa, de folhas grandes, verde-escuras, esparsas, atenuadas no pecíolo, inteiras, ovado-lanceoladas, de flores pendentes, pedunculadas, com a corola violácea, de bagas globosas, escuras e lustrosas na maturação, encontra-se espalhada por todo o país, onde cresce espontâneamente e, onde, consoante as regiões, é conhecida por diferentes designações, como as de «beladona», «erva midriática», «erva envenenada», etc.

As suas propriedades tóxicas, causadoras de fatais enganos, devido à cor dos seus frutos, são diferentemente sensíveis as várias espécies animais, pois, como disse o Prof. Pouchet, tanto maior é a sua acção quanto mais desenvolvido for o sistema nervoso dos diferentes animais. Assim, o homem em especial, e com ele o macaco, o gato e o cão, formam o grupo dos mais afectados, ao passo que o coelho, o carneiro, a cabra, o porco, o cavalo, o burro e o boi, constituem o grupo dos menos sensíveis. Mas se os últimos podem ingerir grandes quantidades de beladona sem lhe sofrerem os efeitos tóxicos, o mesmo se não pode dizer dos que utilizarem produtos dele derivados, porquanto o caso apontado por VAN DEN COYSUT, em 1898, de uma criança envenenada com leite de cabra que ingerira folhas de beladona, é bem significativo (3).

Apresentando, além das suas propriedades tóxicas, propriedades midriáticas acentuadas, notadas pela primeira vez em 1770, por VAN SWIETEN, umas e outras as deve aos alcaloides que entram na sua constituição química, entre eles, principalmente, a hiosciamina e a atropina.

Se até há pouco se julgava ser a atropina que predominava sabe-se, hoje, que na planta verde existe maior percentagem de hiosciamina; na planta seca sobe a percentagem de atropina, isto se devendo à facilidade com que a primeira das duas substâncias se transforma no seu isómero, a segunda (4).

Sendo a hiosciamina de actividade sete a oito vezes maior e da mesma toxicidade que a atropina, elas são, contudo, idênticas na sua constituição química, pois se apresentam formadas por um éster do tropanol, diferindo somente no ácido esterificador, que na hiosciamina é o ácido trópico esquerdo, e na atropina o ácido trópico racémico, èster aquele a que se deve atribuir o facto de ambos os alcaloides darem a reacção de Vitali, e não ao tropanol ou ao ácido trópico.

Além dos alcaloides citados, entram na sua composição quí-

mica outras substâncias, como sejam açúcares, asparagina, ácido succínico, etc., sem interesse para o caso de que estamos tratando, e bases amínicas (piridina, N-metilpirrolina, N-metilpirrolidina e uma diamina, talvez a tetrametildiaminobutano) (4) que, sem possuírem acção farmacodinâmica, prejudicam, com a sua presença, os resultados obtidos a quando da dosagem dos alcaloides por determinados métodos, facto a que adiante faremos referência.

Pela sua dispersão e pela incúria que caracteriza a actividade nacional em quase todos os ramos, apesar de ser uma planta indígena, sempre a Farmácia tem recorrido para as suas exigências à proveniente do estrangeiro, tal atitude a justificando os interesses dizendo que a nossa beladona não satisfaz no seu teor em alcaloides, ao contrário da de importação, crença esta bastante arraigada e que os factos parecem demonstrar, como se pode ver pelos resultados compilados no quadro I, referentes a análises que efectuámos em amostras de folhas de beladona, nacionais e estrangeiras, existentes no mercado, utilizando como método de dosagem o adoptado pela nossa Farmacopeia, com as correcções que adiante apontamos.

QUADRO I

Amostra n.º	Alcal. totais (em Atropina) %	Amostra n.º	Alcal. totais (em Atropina) %
1	0,035	6	0,104
2	0,058	7	- (1)
3	0,052	8	0,093
4	0,072	9	0,110
5	0,104	10	0,380 (2)

Centro de Documentação Farmacêutica

Na realidade, o estudo dos números apresentados parece evidenciar que só a folha de beladona (*Atropa Belladonna*) de origem estrangeira indubitável satisfaz às exigências da Farmacopeia Portuguesa. E isto, que aqueles números aparentemente demonstram, está dentro da crença já citada, crença bastante prejudicial pela carência que provoca logo que o abastecimento do nosso mercado se encontra dificultado na origem.

Para nós, porém, não obstante os resultados anteriormente

(1) Amostra que nem sequer é constituída por folhas de bela fora, mas pelas de uma *Fitolacaea*, provavelmente da *Phytolacca americana*, vulgarmente conhecida por Erva dos cachos da Índia.
 (2) Amostra de origem estrangeira.

citados, sabedores do muito que no estrangeiro se tem escrito acerca do assunto, tais números não bastavam para banir a nossa beladona. Sabendo-se que toda a folha da beladona nacional provém de plantas expontâneas, cuja colheita é feita por pessoas não devidamente habilitadas, ignorando os princípios que a devem reger, e ao seu tratamento posterior, como afirmar que ela não satisfaz?

Para chegar àquela conclusão era preciso fazer-se o estudo sistemático em plantas devidamente identificadas, sujeitas a regimes de cultura, tratamento e colheita, estrictamente subordinados aos princípios de há muito estabelecidos por entidades que, proficientemente, neles assentaram.

Portanto, para levarmos a bom fim o nosso propósito, e possuirmos o material de estudo necessário e suficiente, e tendo em mente a referida dispersão da beladona indígena, procedemos à criação de um campo experimental, em que exemplares nitidamente identificados estivessem, constantemente, sob a nossa observação directa, e aos quais fôssemos colher as folhas que viriam a constituir a base do nosso trabalho.

Assim, em 1942, iniciámos aquela cultura, utilizando pés de *Atropa Belladonna* que nos foram gentilmente cedidos e, depois, as sementes provenientes destes mesmos pés.

Evidentemente que nestas culturas respeitámos, tanto quanto possível, as indicações fornecidas por obras que do assunto tratam (5-6), muito embora casos houvesse, como o dos adubos químicos, que devido às dificuldades provocadas pelo recente conflito mundial não pudemos obter e tivemos de substituir por estrume.

O método de cultura empregado foi o da sementeira em semeadeiras, usando terra joeirada misturada com estrume miudamente cortado. As sementeiras efectuaram-se na primavera e no outono, sendo de preferir a primeira daquelas duas épocas, visto as plantas germinadas resistirem menos facilmente aos rigores do inverno.

Procedendo deste modo em todos os anos, verificámos que a germinação se fazia em elevada percentagem e bastante rapidamente, sem que encontrássemos as dificuldades que nos profetizaram ou usássemos dos cuidados que nos recomendaram, que iam, até, ao tratamento prévio das sementes.

Chegada a primavera seguinte transplantámos as plantas para o local definitivo, dispondo-as em filas de maneira a cada uma distar cerca de 0,60 m. das mais próximas, em terreno fértil e fresco, previamente cavado e estrumado, e não muito batido pelo sol.

No mesmo ano da transplantação as beladonas floresciam e frutificavam, facultando desde logo uma quantidade elevada de folhas, cujo rendimento em folhas secas (em temperatura não superior a 40°), pulverizadas, oscilava entre 15 e 20 % das primeiras.

As sementes para posterior utilização obtivemo-las quer deixando-as secar na própria planta, quer esfacelando os frutos num peneiro, debaixo de água corrente, com secagem ulterior em local arejado, fora da acção dos raios solares.

Por último, no outono procedemos à extirpação das hastes velhas ou secas, rebentando os pés na primavera seguinte, e sempre nesta altura em todos os anos, se iniciava a colheita que prosseguia até ser diminuta a quantidade aproveitável, desprezadas as folhas velhas e as muito danificadas.

Durante a efectivação destas culturas, que outros cuidados não receberam além dos citados, senão os que normalmente se dispensam e que pela sua vulgaridade não citaremos, observámos o facto, muitíssimo interessante, da facilidade com que algumas das plantas apresentavam caracteres diferentes dos próprios da *Atropa Belladonna*. Assim, uma ou outra, começava a destacar-se das restantes, primeiro pela cor menos acentuada dos ramos, tendendo a passar do tom violáceo para um mais esverdeado, depois pela cor das sépalas e das pétalas, aquelas mais verdes, estas bastante menos arroxeadas, e por fim pela do fruto que, em lugar do tom escuro próprio, se apresentava com outro, amarelo-acastanhado, inconfundível.

Por os demais caracteres condizerem perfeitamente com os da genuína beladona, donde aqueles pés provinham, pensámos tratar-se de uma variedade, opinião confirmada por PATU (7), que também observara caso idêntico, e que a designou por «variedade amarela», denominação com que a passámos citar. Uma particularidade verificámos, ainda, nesta variedade amarela: foi a da falta de constância observada nas plantas obtidas a partir das suas sementes, pois a maioria não voltava a apresentar os traços particulares daquela variedade, mas sim os da genuína beladona.

Ao constatarmos a existência daquela variedade logo pensámos proceder ao seu estudo, a par do que era nosso intento para a verdadeira beladona; mas, se para esta conseguimos o material necessário, para aquela as quantidades obtidas foram, pelos motivos expostos, tão reduzidas que nos vimos forçados a desistir.

Portanto, conseguido é assegurado com aquelas culturas o material indispensável para o estudo da *Atropa Belladonna* nacio-

nal, importava proceder à escolha dos métodos empregar para a dosagem dos seus princípios activos.

De entre numerosos métodos, uns biológicos, em que é determinada a actividade farmacodinâmica da droga, sem o perigo de ver os resultados falseados pelas bases voláteis existentes, pois são biologicamente inertes (8), outros químicos, e outros, ainda, colorimétricos, dentro das tendências modernamente preferidas de simplicidade e rapidez, além de exactidão, escolhemos, desde o começo, aquele adoptado pela nossa Farmacopeia, por ser o método official¹.

Porque ao utilizarmos o método da Farmacopeia, para efeitos da justeza de comparação dos resultados a obter durante o decurso do nosso trabalho, tínhamos de verificar a uniformidade daqueles e a necessidade de qualquer pequena rectificação na técnica indicada (recentemente publicadas em revista portuguesa da especialidade), fizemos repetidos ensaios sobre amostras de folhas de beladona (*Atropa Belladonna* Linn.) e estramónio (*Datura Stramonium* Linn.) e sobre extractos de beladona e de meimendro (*Hyosoyamus niger* Linn.).

Do resultado daqueles ensaios, apresentados no quadro II, verificámos que este método leva a resultados concordantes quando

QUADRO II

Produto analisado	Alcal. totais (em Atropina) %
Folhas de beladona	0,100 0,104
Extracto seco de beladona	0,833 0,810
Folhas de estramónio	0,295 0,300
Extracto seco de meimendro	0,231 0,255

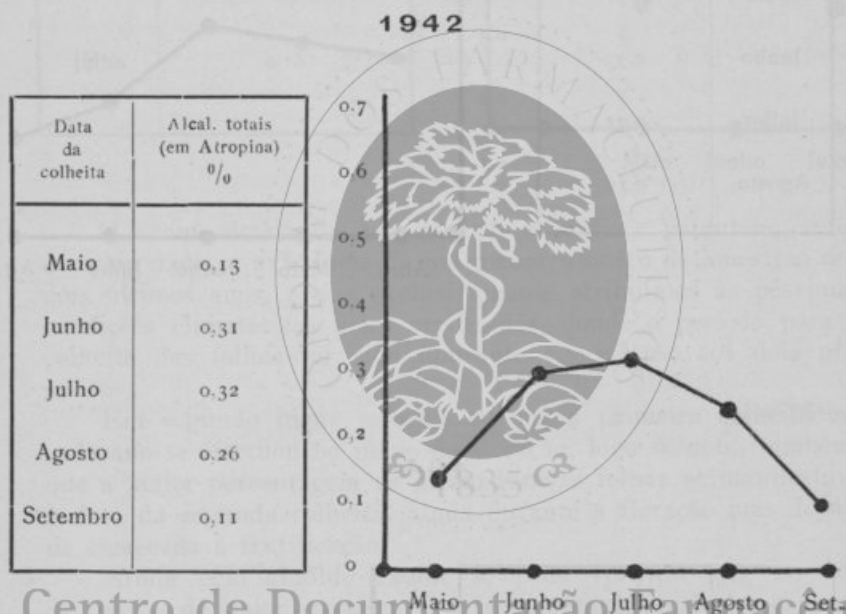
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

se empreguem 200 cm.³ da mistura éter-clorofórmio (em substituição dos 100 cm.³ prescritos) e amónia a 20 %, e não a 2 % como por erro tipográfico, segundo cremos, vem indicada. Além disto,

¹ A título de curiosidade, e adentro das modernas tendências acima referidas, no último período do nosso trabalho (ano de 1945) fizemos diversos ensaios com o método colorimétrico de NOEL L. ALLPORT, seguindo a técnica indicada pelo autor no seu livro «Colorimetric Analysis», edição de 1945, que fundamentalmente se baseia numa aplicação quantitativa, sobre o alcaloide previamente isolado, da reacção de Vitali, modificada.

operando com algum cuidado, facilmente se obsta à formação de uma emulsão persistente e, para a evitar, à edição de determinadas substâncias como alguns aconselham.

Escolhido assim o método e apontadas as pequenas alterações a introduzir-lhe, já que o modo de obter as amostras necessárias ao nosso estudo foi, atrás, descrito, passamos à apresentação dos números obtidos no doseamento daquelas amostras, dosagens efectuadas durante anos consecutivos, cujos resultados, expressos em Atropina, se contêm nos quadros e gráficos seguintes :

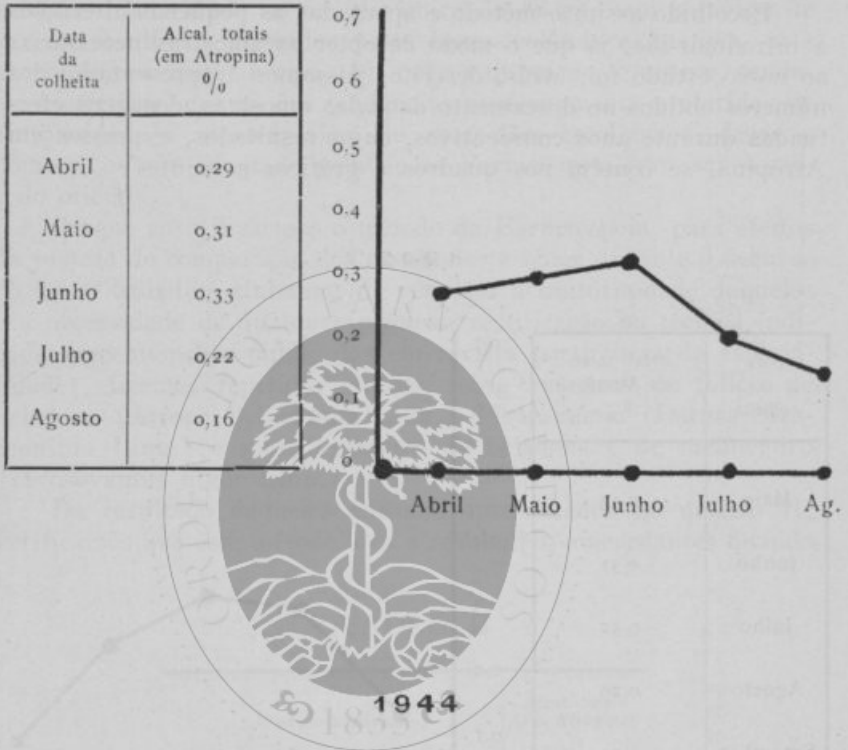


Pelo interesse que suscita este método, dada a simplicidade e rapidez que o caracterizam, apresentamos os resultados que obtivemos ao aplicá-lo na dosagem das amostras referentes ao ano de 1945, que, comparados com os obtidos pelo método da Farmacopeia Portuguesa nos mostram a sua concordância perfeita :

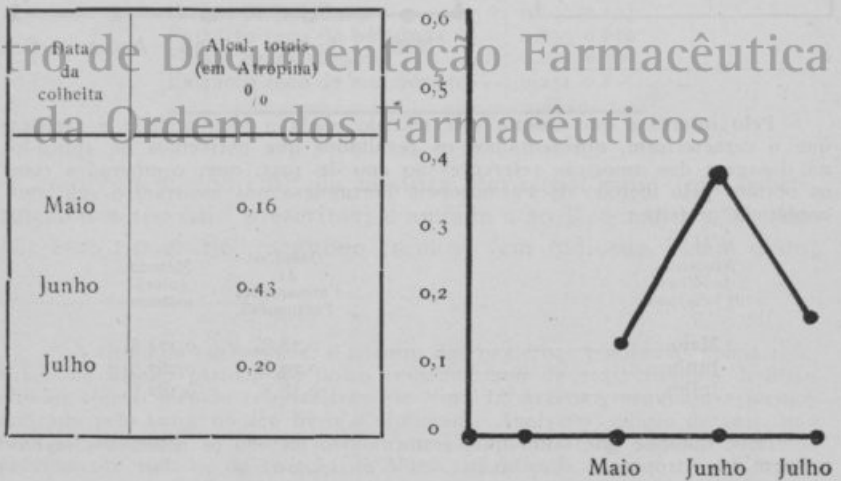
Amostras de folhas de beladona	Método da Farmacopeia Portuguesa	Método colorimétrico
Maio.....	0,18 %	0,174 %
Junho.....	0,29 %	0,287 %
Julho.....	0,18 %	0,182 %

Deve notar-se que tanto num como noutro método os resultados se exprimem em Atropina.

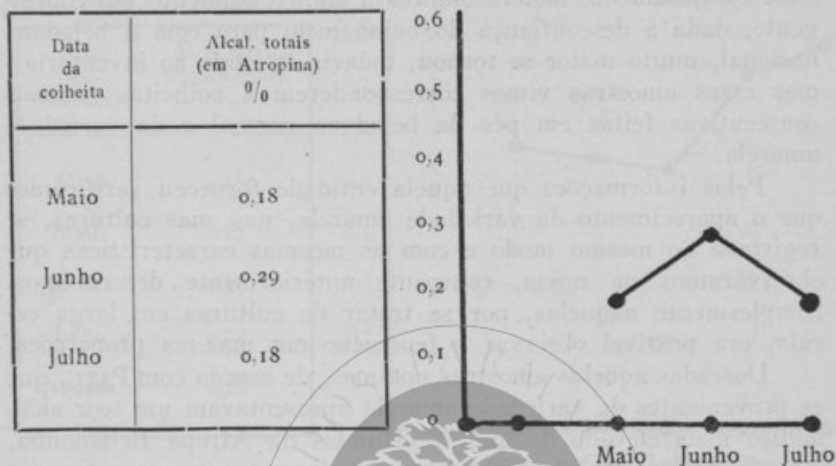
1943



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos



1945



O exame detalhado dos quadros e gráficos patenteia, antes de mais nada, a existência de um menor número de amostras nos dois últimos anos, o que exclusivamente atribuímos às péssimas condições climatéricas neles verificadas, donde o período para a colheita das folhas ter sido diminuto em relação aos dois primeiros.

Em segundo lugar, sabendo-se que a primeira colheita em cada ano se efectuou no início da floração, logo se nota, também, que a maior percentagem de alcaloides nas folhas se manifestava à data da segunda colheita, ainda durante a floração mas depois de começada a frutificação.

Ainda pelo aludido exame se pode verificar que no ano de 1944, o de maior estiagem, a percentagem de alcaloides superou a dos restantes, o que concorda com as opiniões de Burmann, Ripert, Mestapo, (6), que dizem ser tanto menor o teor em alcaloides quanto maior a humidade existente no meio ambiente da beladona.

E, finalmente, se observa que de entre as percentagens mensais determinadas algumas há que igualam, ou mesmo excedem, o mínimo exigido pela nossa Farmacopeia para o produto oficial.

Mas se estas foram as observações retiradas do exame daqueles quadros e gráficos, elas, no entanto, puderam ser confirmadas e até aumentadas com os resultados conseguidos na análise de amostras provenientes do norte do país, de culturas com carácter, já, de exploração económica que uma firma daquela região ali possui.

Sendo grande a nossa surpresa ao constatar-mos que uma entidade corajosamente metera ombros a empreendimento tão contingente, dada a desconfiança do nosso meio para com a beladona nacional, muito maior se tornou, todavia, quando ao inventariarmos essas amostras vimos corresponderem a colheitas mensais consecutivas feitas em pés da beladona normal e da variedade amarela.

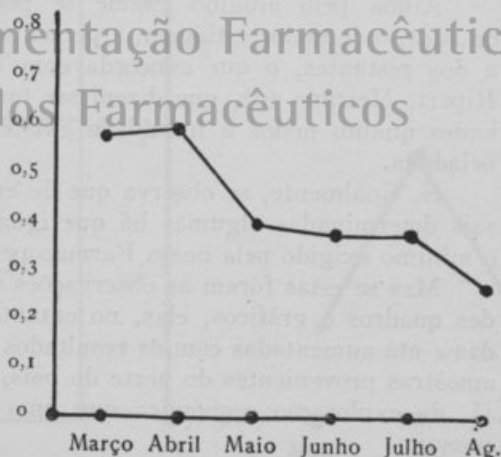
Pelas informações que aquela entidade forneceu verificámos que o aparecimento da variedade amarela, nas suas culturas, se registava do mesmo modo e com as mesmas características que observáramos na nossa, consoante anteriormente descrevemos. Simplesmente naquelas, por se tratar de culturas em larga escala, era possível observar o fenómeno em maiores proporções.

Doseadas aquelas amostras notámos, de acordo com PATU, que as provenientes da variedade amarela apresentavam um teor alcaloídico mais elevado do que as oriundas da *Atropa Belladonna*, e que a riqueza em alcaloides apresentadas por estas comprovava, em absoluto, os resultados a que chegámos quanto ao valor da beladona nacional, o que é confirmado no exame dos quadros e gráficos da página seguinte. Mais se observa que, ao invés desta, a variedade amarela não apresenta uma curva regular, mas sim uma irregularidade notável, com repetição de pontos de elevada percentagem intercalados nos de menor percentagem.

A que atribuir, então, o aparecimento da variedade amarela e a irregular configuração da sua curva?

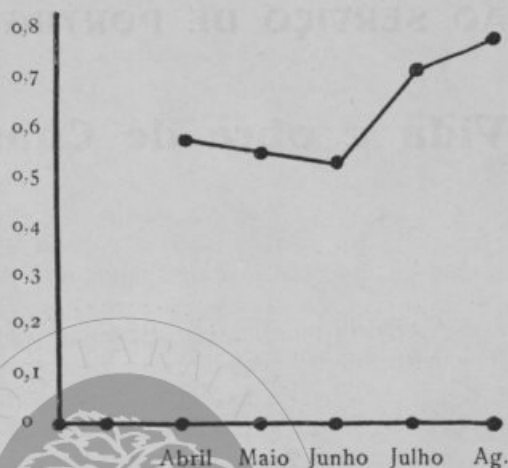
Atropa Belladonna

Data da colheita	Alcal. totais (em Atropina) %/0
Março	0,57
Abril	0,58
Maio	0,39
Junho	0,37
Julho	0,37
Agosto	0,27



Variedade amarela

Data da colheita	Alcal. totais (em Atropina) %
Abril	0,58
Maio	0,57
Junho	0,55
Julho	0,72
Agosto	0,76



É este um assunto do máximo interesse, dados os seus aspectos simultaneamente científico e económico, cujo estudo não damos ainda por terminado, visto não dispormos, por enquanto, de todos os elementos necessários.

E assim, chegados ao final do nosso trabalho, do exame dos quadros e gráficos apresentados, e tratando-se da *Atropa Belladonna* cultivada, concluímos que :

— a melhor época para a colheita das folhas é a correspondente ao início da frutificação e não da floração, como indica a Farmacopeia Portuguesa ;

— as folhas da *Beladonna* nacional (*Atropa Belladonna* Linn.) satisfazem ao preceituado na Farmacopeia Portuguesa desde que se respeite a conclusão anterior.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — DR. L. REUTTER — *Traité de Matière Médicale* — 1925.
- 2 — E. GIL-W. BRANDT — *Farmacognosia* — 1942.
- 3 — PAUL BRUN — *Précis de Matière Médicale* — 1923.
- 4 — A. GORIS-A. LIOT et ANDRÉ GORIS — *Pharmacie Galénique* — 1942.
- 5 — A. ROLET e D. BOURET — *Culture des Plantes Médicinales* — 1928.
- 6 — FABRIZIO CORTESI — *Le Piante Medicinali* — 1942.
- 7 — HAGER — *Tratado de Farmacia Pratica* — 1942.
- 8 — J. A. GUNN — *Quart. J. Pharm. Pharmacol.* — Jan-Marc, 1944 — XVII — 1 — 7.
- 9 — P. LEBEAU e G. COURTOIS — *Traité de Pharmacie Chimique* — 1938.

(Trabalhos realizados no Laboratório da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos)

LISBOA, NOVEMBRO DE 1945.

CINCOENTA ANOS AO SERVIÇO DE PORTUGAL

Vida e obra de Charles Lepierre

PROF. PEREIRA FORJAZ
Da Academia das Ciências de Lisboa

A ciência química e a indústria portuguesa acabam de sofrer uma perda muito grande com o desaparecimento do ilustre professor francês Charles Lepierre, falecido em Lisboa (17, XII, 1945).

A Academia das Ciências de Lisboa vai em breve evocar, numa comunicação do Professor Herculano de Carvalho, a vastidão da obra do malogrado investigador, cuja memória convém seja eficientemente celebrada.

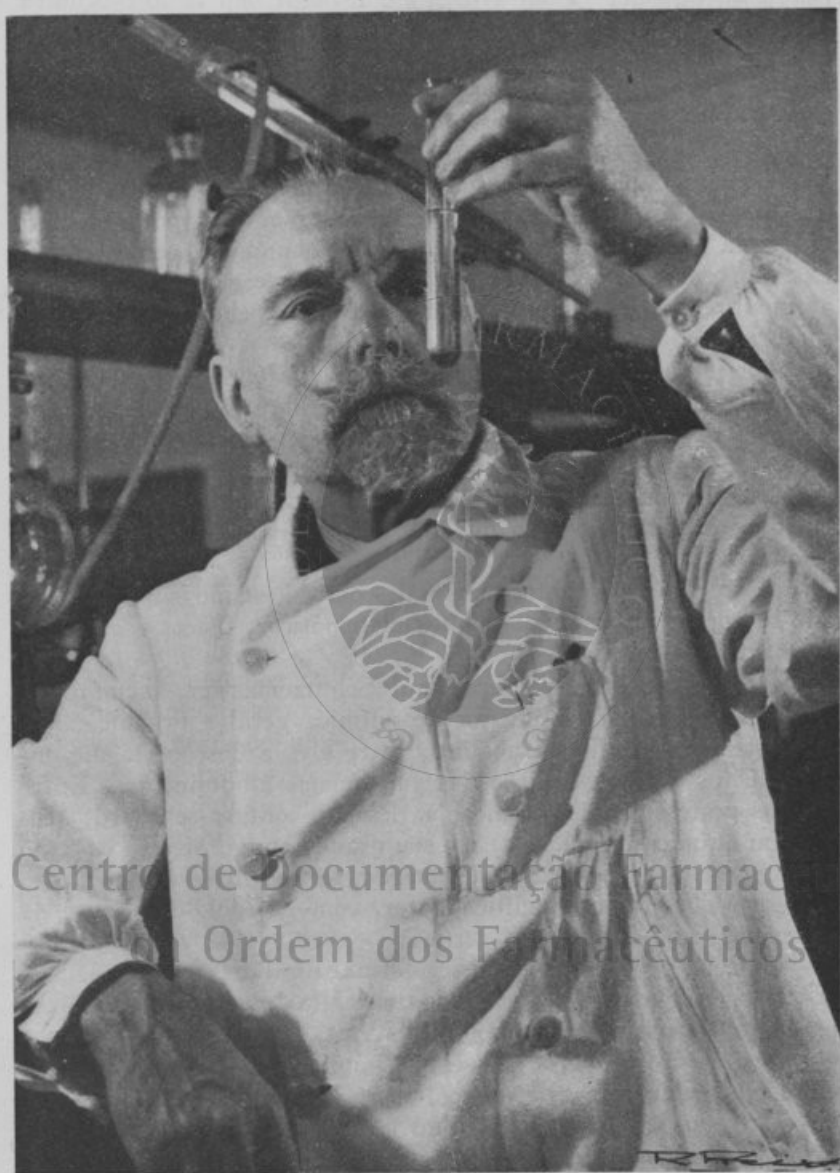
O incansável trabalhador, de coração generoso, promoveu com fervor a aproximação intelectual das suas duas pátrias: França e Portugal.

A mim, pessoalmente, quis destinar-me alguns livros da sua opulenta biblioteca — piedosa e comovente lembrança que sua distinta família rematou enriquecendo-me com a dádiva das suas notas autobiográficas e do seu último retrato.

Aqui desejamos arquivar esse precioso espólio, que constituirá para muitos um subsídio bio-bibliográfico de valia e quer significar, simultâneamente, homenagem à sua grande figura e saudade pungente pelo amigo que perdemos sem remissão. Paz à sua alma de eleito — e glória à sua memória!

Charles Lepierre, cujo nome, pelo registo civil, é Paul Charles Lepierre, nasceu em Paris em 12 de Novembro de 1867. Filho de François Joseph Lepierre — nascido em 10 de Novembro de 1835 — bretão de Tramel, perto de Combourg (localidade muito conhecida por ter Chateaubriand passado, aí grande parte da sua vida) e de Marguerite Cirkoudou nascida em Mauriac, Cantal, na Auvergne a 28 de Fevereiro de 1832. Seu pai faleceu em Paris a 22 de Junho de 1886 e sua mãe faleceu, já em Portugal, em 29 de Dezembro de 1921 com cerca de 90 anos.

Casou em 1889, em Paris, com Eugénie Suzanne Champone; deste casamento nasceram, em Coimbra, três filhos: Madeleine em 1890, Henri em 1892 e Jeanne em 1896.



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos

PROF. CHARLES LEPIERRE

(Paris, 12, XI, 1867 — Lisboa, 17, XII, 1945)

Sua filha Madeleine consorciou-se com o Dr. António Tinoco e deste casamento houve dois filhos: António Lepierre Tinoco, antigo director do Diário Popular e Carlos Lepierre Tinoco, engenheiro civil (do I.S.T.) que faleceu em 1941.

O segundo filho, Henri, formou-se em engenharia em França e faleceu nas trincheiras francesas em 1915, durante a guerra principiada em 1914.

Jéanne casou com Henry Reynaud, cruz de guerra francesa, negociante em Lisboa, tendo nascido deste casamento em 1920 uma filha, Paulette Lepierre Reynaud.

Charles Lepierre fez a sua instrução primária de 1873 a 1881 nas escolas da cidade de Paris, e em 1881 entrou, por concurso, na escola Turgot onde recebeu o ensino secundário, como bolsista externo, com aproveitamento que lhe mereceu a conquista de alguns prémios e evidenciando já o seu gosto pelas ciências físico-naturais.

Por indicação do professor que ensinava física na Escola Turgot, Gérardin, em 1884 concorreu com alguns condiscípulos à L'École de Physique et Chimie Industrielles, de fundação recente (1882), escola que mais tarde ficou anexa à Sorbonne.

Frequentou essa Escola de 1884 a 30 de Julho de 1887, data em que terminou o curso que lhe deu o diploma de engenheiro químico.

Entre os seus mestres nessa Escola de ensino superior contam-se alguns dos mais eminentes matemáticos, físicos e químicos da época.

O director da escola era Paul Schutzenberger, membro do Instituto de França, professor de química geral e orgânica, que se illustrou por muitos trabalhos, entre eles a descoberta dos hidrossulfitos e a constituição das substâncias albuminoides. Entre os seus professores de química, na Escola, contava-se Étard, Milot (em química tecnológica) e o seu grande amigo Mestre Roberto Duarte Silva, caboverdeano de origem, excelente e consciencioso professor de química analítica autor, com Friedel, da síntese da glicérina.

Os seus professores de física foram: Baille (Óptica e acústica); Hospitalier em Electricidade, no início do emprego das novas unidades eléctricas (Ampère, Volt, Watt, etc); o Prof. Dommer ensinava Hidrostática, Calor e suas aplicações. As matemáticas eram ensinadas pelo astrónomo Albert Lévy.

Entre os chefes de trabalhos práticos encontrava-se Pierre Curie que mais tarde foi professor de Física Geral na École de Physique et Chimie, físico já notável nesse tempo, e que se imortalizou pela descoberta da Radioactividade, trabalho para que chamou sua mulher, Maria Curie.

Após a saída da École de Physique et Chimie trabalhou como

engenheiro (de Agosto de 1887 a Janeiro de 1888) na Fábrica de açúcar de beterraba de Clermont, Les Fermes, no norte da França. Foi aí que recebeu uma carta de R. Duarte Silva convidando-o, transmitindo o convite oficial, para vir para Portugal como chefe de trabalhos de química da Escola Politécnica de Lisboa e como preparador do Instituto Industrial de Lisboa, por escolha entre vários candidatos propostos.

Em 31 de Dezembro de 1887 avistou-se em Paris com o Prof. José Júlio Rodrigues, que então ensinava nos dois estabelecimentos citados e que nessa ocasião se encontrava na capital francesa, com quem estabeleceu as bases do seu primeiro contrato com o governo português (24 de Fevereiro de 1888).

José Júlio Rodrigues eminente professor e conferencista devia infelizmente morrer poucos anos depois.

De Janeiro de 1888 a Maio do mesmo ano ficou em Paris, em comissão do Governo Português, para tratar da organização das colecções de tecnologia para o Instituto Industrial e da preparação do curso prático de Química da Politécnica.

Embarcou no Havre para Portugal chegando a Lisboa em 30 de Maio de 1888, data em que iniciou a sua carreira em Portugal, sendo sempre, sem interrupção, funcionário do Governo português até à sua reforma.

De Junho de 1888 a Agosto de 1889 exerceu os seus lugares na Escola Politécnica (6.^a cadeira) e no Instituto Industrial. De Agosto a Outubro de 1889 foi delegado do governo português na Exposição Internacional de Paris. Desde Outubro de 1889 a Agosto de 1911, por nomeação de Agosto de 1889, exerceu o lugar de professor de química da Escola Industrial de Coimbra, cidade onde viveu 20 anos.

Em Outubro de 1891 foi nomeado preparador e chefe de trabalhos do Laboratório de Microbiologia da Universidade de Coimbra, lugar que desempenhou até Agosto de 1911.

De Julho de 1894 a Outubro do mesmo ano esteve em Paris em missão da Universidade de Coimbra.

De Julho a Agosto de 1896 foi delegado do governo português no 2.^o Congresso de Química Industrial em Paris.

No ano lectivo 1897/98 fundou o 1.^o Curso de Química Biológica, em Portugal, junto da Universidade de Coimbra. De Março de 1904 até 1911 foi encarregado da cadeira de Engenharia Sanitária do Curso de Medicina Sanitária da Universidade de Coimbra.

Em Setembro de 1904 foi nomeado membro secretário da Comissão de Estudos de Métodos e Bases de Apreciação das Substâncias Alimentares (Ministério do Interior). Desde Maio

de 1905 até 1911 foi director dos Serviços Municipalizados de Coimbra, primeiro do gás, depois das águas e tracção eléctrica.

Em Abril de 1906 foi um dos relatores oficiais do 15.º Congresso Internacional de Medicina em Lisboa, Secção de Fisiologia, tendo sido nomeado presidente de honra da mesma secção.

Em Abril de 1907 foi relator oficial no 4.º Congresso da Liga Nacional contra a Tuberculose, realizado no Porto. Em Fevereiro de 1911, pela Reforma dos estudos médicos, foi nomeado primeiro assistente da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Em 31 de Maio de 1911 foi nomeado delegado do governo português ao 8.º Congresso Internacional de Química Aplicada, que se reuniu em New-York e em Washington em Fevereiro de 1912.

Em 3 de Agosto de 1911 foi nomeado professor do Instituto Superior Técnico de Lisboa, após convite do Ministro Dr. Brito Camacho, por indicação do fundador do I. S. T. Alfredo Bensaude, pelo que deixou Coimbra, e todos os lugares oficiais que, até então, aí desempenhou, numa permanência total de 22 anos. Foi então encarregado, pelo seu contrato (de 3 de Agosto de 1911), do ensino da Química Tecnológica, da Análise Química e um ano depois da Química Orgânica. Exerceu o ensino durante 26 anos no Instituto Superior Técnico até à sua reforma em 12 de Novembro de 1937, data em que atingiu o limite de idade, tendo-lhe sido concedida aposentação por um decreto especial que se transcreve :

«DIÁRIO DO GOVERNO»

de 22 de Novembro de 1937 — 1.ª Série — Número 272
Decreto-lei N.º 28.202

Considerando que ao professor ordinário, contratado, do Instituto Superior Técnico, Engenheiro Charles Lepierre, que atingiu o limite de idade de setenta anos no exercício das suas funções, não pode ser reconhecido o direito à aposentação unicamente por ser súbdito estrangeiro ;

Atendendo aos relevantes serviços prestados ao País, durante cerca de cinquenta anos, pelo professor Charles Lepierre, contribuindo pela sua acção por forma decisiva, para o progresso da indústria química em Portugal, quer dirigindo a preparação da maioria dos engenheiros químicos portugueses como professor eminente de ciência química aplicada do Instituto Superior Técnico, quer pelos numerosos estudos e memórias que tem publicado como resultado da sua incansável actividade científica ;

Considerando que a pensão de reforma de um professor cat-

drático com três diuturnidades e quarenta anos de serviço é de 2.600\$00 mensais ;

Considerando finalmente que o Governo não devia esquecer tão excepcionais serviços ;

Usando da faculdade conferida pela 2.^a parte do n.º 2 do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte :

Artigo 1.º — É concedida, a partir de 13 de Novembro de 1937, ao súbdito francês engenheiro Charles Lepierre, que exerceu as funções de professor ordinário das cadeiras de química analítica, tecnológica e orgânica do Instituto Superior Técnico, e anteriormente funções docentes na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e outros estabelecimentos de ensino, a pensão vitalícia mensal de 2.600\$00.

..... Paços do Governo da República, 22 de Novembro de 1937. — ANTÓNIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR — MÁRIO PAIS DE SOUSA — MANUEL RODRIGUES JÚNIOR — MANUEL ORTINS BETTENCOURT — JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE SILVA ABRANCHES — FRANCISCO JOSÉ VIEIRA MACHADO — ANTÓNIO FARIA DE CARNEIRO PACHECO — PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA — RAFAEL DA SILVA NEVES DUQUE.»

Em Janeiro de 1912 foi nomeado membro do júri de concurso para professores do liceu. Em 18 de Novembro de 1912 foi nomeado pelo Ministro do Fomento membro da Comissão encarregada da reforma do ensino industrial elementar e médio (Ministério do Dr. Aurélio da Costa Ferreira), e em 28 de Novembro de 1912 foi nomeado vogal efectivo do Conselho Superior do Comércio e Indústria; ainda em Novembro de 1912 foi eleito membro da Comissão da Regulamentação Geral do Trabalho na Indústria. Em 30 de Outubro de 1912 (Diário do Governo) foi encarregado duma sindicância ao Instituto Central de Higiene por factos ocorridos entre dois funcionários. Em Julho de 1913 fez parte do júri, por nomeação, do concurso para professores do liceu.

Em Maio de 1914, por despacho do Ministério do Interior, foi nomeado membro da Comissão da Fiscalização dos Géneros Alimentícios, e em 2 de Julho de 1914 é escolhido novamente para membro da comissão de sindicância ao Instituto Central de Higiene (com os professores Belo de Moraes e Francisco Gentil). Em Novembro de 1914 foi nomeado oficialmente para fazer o inquérito à Fábrica do Gás de Lisboa, após uma explosão.

Em Novembro de 1915 foi nomeado membro da Comissão

Técnica para a Fiscalização dos Adubos. Em Novembro de 1915, por motivos de guerra, foi nomeado administrador da Fábrica dos Produtos Químicos da Póvoa de Santa Iria (Diário do Governo de 24 de Novembro de 1915). Desde 1917 foi membro permanente da Comissão dos explosivos do Ministério do Trabalho e também da Comissão dos Métodos de Química Analítica.

Desde 1917 até 1937 foi membro do Conselho Superior de Minas e Serviços Geológicos — Secção de Águas. Ainda em 1917 é nomeado engenheiro consultor da Casa Burnay — Fabricação do Rádio — tendo durante cerca de 10 anos, com a colaboração de alguns seus discípulos do I. S. T. (Eng.º Pedro Mourão, Eng.º Pio Leite, Eng.º Carlos Caldeira e Eng.º Martins Rodrigues) fabricado sais de rádio, chegando a produção a mais de 1 gr.

No mesmo ano foi nomeado engenheiro consultor da Companhia Portuguesa de Fósforos.

Em 1919 foi nomeado professor do Instituto de Hidrologia de Lisboa, e em 13 de Junho de 1933 presidente do mesmo Instituto.

Em 1925 foi nomeado membro do Conselho da Bolsa Agrícola que substituiu a Comissão Fiscal dos Adubos.

Foi um dos sócios fundadores da Sociedade Portuguesa de Química e Física.

Em Janeiro de 1935 foi nomeado Director do Laboratório do Consórcio de Conservas de Peixe, hoje Instituto Português de Peixe, a convite do seu antigo discípulo e assistente e então Director desse Organismo Eng.º Luís de Azevedo Coutinho.

Em 1937, quando do seu jubileu, foi homenageado com a colocação duma lápida comemorativa no Laboratório de Química do Instituto Superior Técnico ao qual foi dado o nome de Laboratório Charles Lepierre.

Em 3 de Maio de 1945 foi lhe transmitido pelo Ministro de França Mr. Jean du Sault e membros da Colónia Francesa que o futuro liceu francês em Lisboa, cuja construção breve se iniciará, terá o nome de «Charles Lepierre».

Pertencia a diversas sociedades francesas em Portugal; era presidente da Société de L'École Française de Lisbonne; presidente da Société de Bienfaisance Française (Hospital de S. Louis).

Possuía os seguintes títulos honoríficos e científicos, recebidos nas datas indicadas:

1888 — Membro da Société Chimique de Paris hoje Société de Chimie de France.

1894 — Membro do Instituto de Coimbra.

1895 — (a 13 de Maio) Sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa.

- 1896 — (3 de Setembro) Oficial da Ordem de S. Tiago de Portugal.
 1896 — Membro honorário da Sociedade Farmacêutica Lusitana.
 1902 — (Abril) Oficial da Academia de França.
 1905 — (Outubro) na ocasião da visita do President Loubet, nomeado
 official de l'Instruction Publique.
 1912 — Membro da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais.
 1919 — (2 de Fevereiro) Chevalier de la Légion d'Honneur.
 1920 — (20 de Abril) Comendador da Ordem de S. Tiago de Portugal.
 1927 — (27 de Dezembro) Officier de la Légion d'Honneur.
 1928 — (27 de Novembro) Comendador da Ordem de Cristo.
 1931 — (Janeiro) Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública.

Durante a sua longa carreira publicou muitos trabalhos originaes, alguns apresentados em Congressos das especialidades, colaborou em várias revistas, jornais técnicos. Segue uma colecção:

TRABALHOS ORIGINAIS (por assuntos)

- 1 — Analyse de Cuivres — 1889 — (avec Lachaud)
- 2 — Chromates Doubles — 1890
- 3 — Analyses des Eaux — 1891
- 4 — Soufre — 1891
- 5 — Thallium (Recherches) — 1891
- 6 — Chromate de Plomb (avec Lachaud) — 1891
- 7 — Analyse des Jaunes de Chrome
- 8 — Sels de Fer (avec Lachaud) — 1892
- 9 — Sels de Nickel et de Cobalt — 1892
- 10 — Verre (Action du sulfate d'ammonium) — 1892
- 11 — Sulfonation et Oxidation des Matières Organiques — 1892
- 12 — Thallium (Poids Atomique) — 1893
- 13 — Ptomaine du Fromage — 1894
- 14 — B. Tuberculose — 1894
- 15 — Thallium (Poids Atomique) — 1894 Réponse à M. Clarke
- 16 — Epidémie et Bacille de Lisbonne — 1894
- 17 — Chlorhydro-Sulfate de Quinine
- 18 — Ueber die Epidemie von Lissabon — 1894
- 19 — Chromates de Fer — 1894
- 20 — Tissus du XIII Siècle (Tombeaux d'évêques) — 1895
- 21 — Manganèse — 1895
- 22 — Fonction Fluorescigène des Microbes — 1896
- 23 — Analcime (Constitution) — 1896
- 24 — Dosage de l'Acide Phosphorique dans les Eaux — 1896
- 25 — Mucine vraie (b. Fluores.) — 1898
- 26 — Maladie du Sommeil et son Bacille — 1898
- 27 — Le Colibacille et ses Variétés (Congrès de Lisbonne) — 1898 —
 1901 (Sté. Biologie)
- 28 — Acidité des Urines — 1898
- 29 — Mucine d'un Kiste Ovarien — 1898
- 30 — Acidité des Urines — 1898 (Réponse à MM. Denigès et Lépinos)
- 31 — Gaz Produits par le Colibacille — 1898
- 32 — Aldehyde Formique et Mat. Album. — 1899
- 33 — Eaux Fluorées — 1899
- 34 — Somatose et Peptones — 1899
- 35 — Desinfection par l'Aldéhyde Formique — 1899
- 36 — Formaldehido e o Bacilo da Peste (avec A. Fonseca) — 1899
- 37 — Bacillus Testicularis (avec A. Fonseca) — 1899
- 38 — Bacille Fluorescent Pathogène (avec A. Rocha e A. Fonseca) — 1900

- 39— Glucoproteines — 1901 — 1903
 40— Formadol (avec A. Fonseca) — 1901
 41— Queijos Suspeitos — 1901
 42— Méningocoque — 1901
 43— Queijos da Serra da Estrela (avec A. C. Magalhães) — 1902
 44— Méningocoque — 1903
 45— Anophelo dos Campos de Coimbra (avec A. C. Magalhães — 1902
 46— Farinhas (Contribuição ao estudo da alimentação portuguesa) — 1904
 47— Pão em Coimbra — 1905
 48— Sêrum Anti-Méningococcique — 1909
 49— Filtros não Submersos (Apphc. á Figueira da Foz) — 1911
 50— Estado Sanitario de Manteigas — 1911
 51— Óleo Mineral de São Thomé — 1912
 52— Cerâmica portuguesa moderna — 1899
 53— Cerâmica Portuguesa Moderna — 1912 — 2.^a edição
 54— Aspergillus Niger (Le Cadmium) — 1913
 55— Aspergillus Niger (Uranium) — 1913
 56— 1.^o — Aspergillus Niger (Remplacement du Zinc par d'autres éléments — 1913
 56— 2.^a — Aspergillus Niger (Remplacement du Zinc par le glucinium — 1913
 57— Aspergillus Niger (Remplacement du Zinc par le cuivre — 1913
 58— Aspergillus Niger (Inutilité du Zinc) — 1913
 59— Aspergillus Niger (Expériences de MM. Coupin et Janvillier)
 60— Análise dos Mineraes d'Uranio — 1913
 61— Análise das Águas Minero-Medicinaes — 1913
 62— Descloizite (Análise) — 1918
 63— Análise de Cédulas, Vehiculos de Microbios — 1921
 64— Eaux Nitratées — 1921
 65— Radioactivité des Eaux Minérales Portugaises — 1925
 66— Soufre Actif des Eaux Minérales (Dosage) 1927
 67— Corrosions Electrolytiques — 1930
 68— Tijolos Vermelhos Defeituosos — 1930
 69— Adco (Estrume sintetico) — 1930
 70— Os de Mastodonte — 1930
 71— Luz de Wood e os azcites Portugueses (Lep. e P. Carvalho) — 1930
 72— Representation de l'Emanation du Radium — 1931
 73— Gazes do Guadiana — 1927
 74— Betteraves Portugaises — 1897
 75— Análise das Conchas do Estuário do Tejo — 1927/1931
 76— Análises das Águas (Considerações) — 1930
 77— Azeites Espanhoes e a Reacção de Bellier — 1931
 78— Análise dum osso de Mastodonte
 79— Eaux Sulfatées Aluminiques — 1931
 80— Representation des Eaux Minérales — 1931
 81— Azeites e Conservas de Peixe
 82— Análise da Água do Alviela
 83— Valor Energético do Pinhão Português
 84— Novo tipo de água minero-medicinal portuguesa: Água bicarbonatada sulfatada sódica
 85— Carvões activados e cloragem das águas
 86— Contribution à l'etude des Minerais l'Uranium — Radium portugais — 1932
 87— Les cires portugaises
 88— L'industrie du Radium au Portugal
 89— Águas minerais ácidas (Nota á Academia)
 90— Elementos químicos considerados raros e suas applicações
 91— Síntese do Zarcão (Nota á Academia em 16 de Novembro de 1933)
 92— Propriedades do Zarcão industrial — 1934
 93— Relatório para C.P.C.S. — 1934

IMPERIAL CHEMICAL (PHARMACEUTICALS) LTD.

APRESENTAÇÃO

A Imperial Chemical Industries, Limited é um dos maiores fabricantes de produtos químico-orgânicos do Império Britânico.

Muitas das substâncias sintéticas para usos medicinais estão intimamente ligadas com as matérias orgânicas, tais como as anilinas e, por esta razão, já em 1916 a I. C. I. fabricava (pela primeira vez em Inglaterra), o seu corante antiséptico, a «Acriflavina», — satisfazendo assim a urgente necessidade que então havia de poderosos antisépticos para o tratamento dos ferimentos de campanha.

No período que decorreu entre as duas guerras mundiais, a I. C. I. fabricou inúmeros produtos químicos puros que foram utilizados na indústria farmacêutica e, simultaneamente, uma série de medicamentos especializados que eram vendidos através de outras organizações.

Com as excepcionais possibilidades de investigação científica e fabril que tinha ao seu dispor, era natural que a I. C. I. alargasse o âmbito da sua actividade no campo da Quimioterapia, o que realizou em 1933 com a formação de uma secção especial de Estudos Biológicos, cuja importância se revelou em 1939, quando era de interesse vital para a Grã-Bretanha produzir urgentemente alguns medicamentos indispensáveis, que até então só podia obter no estrangeiro.

Quando a guerra eclodiu, a fabricação de alguns destes produtos constituiu um importante triunfo técnico da Grã-Bretanha que, desta forma, prestou um grande serviço ao esforço de guerra das Nações Unidas.

Esta rápida evolução tornou necessária a criação de um organismo para coordenar e ampliar as pesquisas laboratoriais e para tomar a seu cargo a produção e distribuição de produtos farmacêuticos.

Foi portanto com este fim, que a I. C. I. formou em Março de 1942 a nova Companhia subsidiária:

IMPERIAL CHEMICAL (PHARMACEUTICALS) LTD.

Representantes em Portugal: SANTOS MENDONÇA, L.^{DA} — Rua da Boa Vista, 83 - LISBOA

- 94 — Pimentão doce Português
 95 — Expressão do Resultado das Análises das Água Minero-medicinais — 1934
 96 — Conservas de Sardinha — 1935
 97 — Determinação de diminutas quantidades de brometos em presença dum grande excesso de cloretos (Nota á Academia em 21 de Março de 1935)
 98 — Huiles de Sardine
 99 — Inquérito. A industria de sal em Portugal — 1935
 100 — Considerações acerca de análises de sardinhas frescas — Água e gordura
 101 — Valeur Alimentaire des Conserves de Sardines Portugaises
 102 — Plomb et Conserves de Sardines — 1937
 103 — Ytrocolumbite de Moçambique (Nota á Academia de Ciências — 17 de Junho de 1937)
 104 — Éléments rares de la Sardine et de ses conserves
 105 — Microelementos nos peixes e respectivas Conservas (Nota á Academia — 21 de Julho de 1938)
 106 — Estanho nas Conservas
 107 — Étain et conserves — Action de l'étain sur les animaux — 1938
 108 — Estudos da Folha de Flandres (ferro estanhado) usada na industria portuguesa de Conservas de Peixe (Nota á Academia de Ciências em 20 de Julho de 1939)
 109 — Distribution de l'étain dans les conserves — 1940
 110 — A influência do tempo na actividade de certos enzimas
 111 — Alteração da Sardinha: Degradação do azote proteico — 1941
 112 — Origem da alteração química e biológica das Conservas de Peixe
 113 — Considerações sobre óleos dos peixes esqualídeos e congéneres (Nota á Academia das Ciências em Maio de 1942)
 114 — Óleos de Peixe (2.ª nota á Academia em Fevereiro de 1943)
 115 — Contribuição ao estudo dos óleos dos animais marinhos (Nota á Academia em 13 de Abril de 1941)
 116 — Valor Alimentar das Conservas de Carapan, Cava'a, Atum e Biqueirão anchovado comparado com o da Sardinha — 1944
 117 — Anchovagem do biqueirão — Estudo — 1945.

PUBLICAÇÕES

- 1 — Pão e farinha portuguesa — 1889
 2 — Villes d'eaux du Portugal — Paris, 1890
 3 — Análises de urinas — 1.ª edição — 1895
 4 — Análises de urinas — 2.ª edição — 1895
 5 — Schutzenberger — 1897
 6 — Congresso Internacional de Quimica Aplicada — 1897/1900
 7 — Cerâmica portuguesa moderna — 1.ª edição — 1899
 8 — Albuminas urinárias — Dosagem — 1899
 9 — Análises das terras — 1899
 10 — Formadol (Desinfecção) — 1899
 11 — Micróbios e a Vida — 1899
 12 — Dr. Augusto Rocha — 1901
 13 — A doença do sono — 1904
 14 — Farinha de ricino para adubo — 1905
 15 — Semeiologia urinária (Colab. de Nogueira Lobo) Coimbra 1905
 16 — Serviços Municipalizados do gás de Coimbra — 1905
 17 — Serviços Municipalizados do Gás de Coimbra — Viagem ao Estrangeiro — 1905
 18 — Bases officiais para a apreciação dos vinhos — 1905
 19 — Constitution des albuminoides — 1906 — Lisboa
 20 — Le Laboratoire de Microbiologie — Coimbra, 1906

- 21 — Palestra sobre Higiene (Conferência na Liga de Educação Nacional) — 1908
- 22 — Dualismo da Tuberculose — IV.º Congresso — Liga Nacional Contra a Tuberculose — 1909
- 23 — Análises de urinas — 3.ª e 4.ª edição — Coimbra, 1909
- 24 — A água — Lição na Federação das Associações de Classe — Coimbra, 1909
- 25 — Estado Sanitário das Manteigas (Sep. do Movimento Médico — 1911)
- 26 — Despedida — Coimbra, 1911
- 27 — O que é a química — Conferência na Universidade Livre — Lisboa, 1912
- 28 — Cerâmica portuguesa moderna — 2.ª edição — 1912
- 29 — Jules Verne — 1923
- 30 — Vista alegre. I.º Centenário — 1924
- 31 — Defesa do título de Engenheiro — Lisboa, 1926
- 32 — Análises de urinas — 5.ª edição — 1926
- 33 — Conferência — Sindicato Metalúrgico — Universidade Popular — 1926
- 34 — Os grandes homens da Ciência — Roberto Duarte Silva — Publ. Técnica — Abril de 1928
- 35 — Conferência sobre Cerâmica — Museu do Carmo de Lisboa — 5 de Maio de 1928
- 36 — O fabrico de estrume sintético a partir dos desperdícios vegetais (Pronunciamento para o Ministro da Agricultura) 15 de Abril de 1929 — Publ. na Técnica — Janeiro de 1930
- 37 — Notas de Tecnologia Química — Publ. na Técnica n.º 27 — Abril de 1930
- 38 — Indústrias químicas do mar — Possibilidades de criação de novas indústrias — Nota ao 1.º Congresso de Engenharia — 1930
- 39 — Schutzenberger — 1930
- 40 — Chimie et Physico-Chimie des eaux Portugaises — Le Portugal hydrologique et climatique — Cong. Int. d'Hydrologie de Lisboa — Outubro de 1931
- 41 — Leites — sua composição — Conferência no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras
- 42 — A côr em cerâmica — Publ. na Revista de Architectura portuguesa e Cerâmica e edificações — 1935
- 43 — Inquérito — A indústria do Sal em Portugal — 1935 — Publ. da Universidade Técnica de Lisboa
- 44 — A química no Palácio da Descoberta na Exposição Internacional de Paris, 1937 — Publ. na Técnica
- 45 — Instituto Português de Conservas de Peixe — Publ. Boletim dos Organismos Corporativos e de Coordenação Económica — Outubro e Dezembro de 1937/1938
- 46 — A química da Conserva — Publ. no Livro de Ouro das Conservas — 1938
- 47 — Fiscalização no Fabrico e Comércio das Conservas de Peixe Portuguesas — Publ. na Revista de Marinha — 22/12/1938 — Pág. 22
- 48 — Valor Alimentar da Conserva de Sardinha Portuguesa — Publ. na Revista de Marinha — 22/12/1938 — Págs. 1 a 18
- 49 — XVIII Congresso de Química Industrial — Nancy — (Suspensão por motivos internacionais) Publ. na Técnica de Dezembro de 1938
- 50 — A propósito do Matemático Lagrange — Publ. na Técnica N.º 103 — Junho de 1939
- 51 — Vida de Pasteur — Fasc. II do Boletim do Instituto Francês — Janeiro de 1940
- 52 — Elemento e Corpo Simples — Publ. na Técnica N.º 133 — Dezembro de 1942
- 53 — A investigação científica na indústria das Conservas de Peixe — Nota apresentada ao Congresso Luso Espanhol — Porto, 1943.

BIOGRAFIAS

- 1 — Schutzenberger — 1897
- 2 — Dr. Augusto Rocha — Necrologia — C. Médica 1901
- 3 — Jules Verne — 1923 — Conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 4 — Os grandes homens da Ciência — Roberto Duarte Silva — 1928 — Publ. na Técnica N.º 13 — Abril de 1928
- 5 — Schutzenberger — 1930
- 6 — Centenário de Roberto Duarte Silva — Homenagem prestada ao Mestre — Separata da Revista de Química Pura e Aplicada — 1937 — Publ. na Técnica N.º 83 — Março de 1937
- 7 — 1938 — Bernard Courtois — Descobridor do iodo — Separata das Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — Classe de Ciências, Tomo I — 1939 — Publ. na Técnica N.º 93 — Maio de 1938
- 8 — Pierre et Marie Curie — Com. do 40.º aniversário da descoberta do Rádio — Separata das Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — 1939 — Separata do Arquivo de Patologia — Vol. XI — N.º 1 de Abril de 1943 — Publ. na Técnica N.º 99 — Fevereiro de 1939
- 9 — Vida de Pasteur — Fasc. II do Boletim do Instituto Francês — Janeiro de 1940
- 10 — Duclaux — Centenário — Separata da Acad. de Ciências de Lisboa — 1940
- 11 — Cardoso Pereira — Publ. na Técnica N.º 116 — Janeiro de 1941
- 12 — Paul Sabatier — Boletim da Academia de Ciências de Lisboa — 1941 Homenagem ao Dr. Costa Sacadura — Novembro de 1941
- 13 — A biografia de Lavoisier — Separata da Academia de Ciências — As comemorações do segundo centenário de Lavoisier — 1944
- 14 — Segundo centenário de Lavoisier — Esboço da sua obra científica — Separata da Academia de Ciências — As comemorações do segundo centenário de Lavoisier — 1944
- 15 — Lavoisier — Publ. nas Afinidades — N.º 5 — 1944.

Realizou as seguintes CONFERÊNCIAS:

- 1899 — Maio 28 — «Os Micróbios e a Vida» — Conf. de vulgarização na Associação dos Artistas de Coimbra
- 1908 — Novembro 29 — «Palestra sobre Higiene» — Ar atmosférico sua composição e suas alterações — Conf. promovida pela Liga de Educação Nacional de Coimbra
- 1909 — Janeiro — «A água» — Lição na Federação das Associações de Classe
- 1912 — Maio 19 — «O que é a química» — Lição realizada na Universidade Livre de Lisboa
- 1919 — 1.º — «Eaux minérales portugaises et industries extractives du Portugal» — Academia de Toulouse — Cours de Vacances
- 1924 — Junho 14 — «Radioactividade» — Realizada na Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses
- 1930 — Março 15 — «Paul Schutzenberger» — Conf. realizada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- 1932 — Junho 27 — «Causerie» — no Foyer des Anciens Combattants Belges Français
- 1933 — Junho 17 — «Leites — sua composição» — Conf. realizada no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras
- 1934 — Junho 11 — «A química Contemporânea 1921/1934» — Conf. realizada na reunião dos Engenheiros do Curso de Química de 1921
- 1938 — Novembro 23 — «Homenagem a Pierre e Marie Curie» — Conf. realizada no Cinema S. Luiz no dia Curie da Semana Internacional contra o Cancro — Publ. na revista Técnica e numa separata da mesma.
- 1941 — Janeiro — «Conservas» — Conf. feita na Ordem dos Engenheiros de Lisboa

1941 — Maio — «Ciclo do azoto» — Conf. feita na Ordem dos Engenheiros de Lisboa

1941 — Maio 15 — «A propósito da microdosagem do chumbo nas substâncias orgânicas (Sangue e alimentos, etc.)» — Palestra feita na Academia de Ciências de Lisboa

1942 — Novembro 11 — «Elemento e corpo simples» — Conf. realizada na Ordem dos Engenheiros em Lisboa — Publ. na Técnica de Dezembro de 1942

1944 — Janeiro 15 — «Lavoisier» — Conf. realizada em Setúbal a convite do Delegado da Alliance Française em Setúbal.

Na sua activa carreira de analista fez centenas de análises de águas particulares e concessionadas. Vêm citadas na publicação do Ministério de Economia, Secção geral de minas e Serviços Geológicos — Águas de Portugal do Eng.º Luiz Acciainoli — 161 análises.

No Portugal Hidrológico cita-se um total de 118 análises de águas realizadas só por si ou de colaboração.

Tomou parte nos seguintes CONGRESSOS, em muitos dos quais como delegado do governo português :

1900 — Julho 23 a 28 — 4.º Congresso de Química Aplicada — Paris

1903 — 5.º Congresso Internacional de Química Aplicada — Berlim

1906 — Abril — 15.º Congresso Internacional de Medicina — Lisboa

1907 — 4.º Congresso Nacional Contra a Tuberculose — Porto — Trabalho apresentado : «Questão do dualismo na tuberculose»

1912 — Fevereiro — 8.º Congresso de Química Aplicada — New-York e Washington

1918 — Março 18 a 23 — Congresso Geral do Engenheiro Civil — Paris

1925 — Outubro 4 a 11 — 5.º Congresso Internacional de Química Industrial Paris e Grenoble

1927 — Outubro 5 a 7 — 12.º Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Mediciniais — Lyon

1927 — Outubro 16 a 22 — 7.º Congresso Internacional de Química Industrial — Paris

1927 — Outubro 12 a 16 — Congresso da Sociedade Internacional de Hidrologia Médica — Roma

1930 — Outubro 15 — 13.º Congresso de Hidrologia — Lisboa — Congresso de que foi um dos organizadores e que deu lugar à publicação do Portugal Hidrológico, cuja parte química lhe foi entregüe. Trabalhos apresentados : I — Représentation de l'émanation du Radium (Radon) — II — Représentation des analyses des eaux minérales — III — Les eaux minérales sulfatés aluminiques

1931 — Junho — 1.º Congresso Nacional de Engenharia — Lisboa — Trabalho apresentado : Indústrias químicas do mar — Possibilidades de novas indústrias em Portugal — Publ. na Revista dos Engenheiros Civis — Janeiro 1932 e na Técnica N.º 38 — Novembro de 1931

1932 — Setembro 25 a 11 de Outubro — 12.º Congresso Internacional de Química Industrial — Praga — Trab. apresentados : Les cires portugaises — L'industrie du Radium au Portugal

1931 — Setembro 27 a 3 de Outubro — 11.º Congresso Internacional de Química Industrial — Trab. apresentados : Réaction de Bellier et Huiles d'olive et Huile et conserves de poissons

1933 — Outubro 4 a 8 — 14.º Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Mediciniais — Toulouse

1934 — Abril 5 a 11 — 9.º Congresso Internacional de Química pura e aplicada — Madrid — Trab. apresentado : Os sais marinhos portugueses

- 1934—Outubro 21 a 27—14.º Congresso Internacional de Química Industrial—Paris
- 1935—Setembro 22 a 28—15.º Congresso Internacional de Química Industrial—Bruxelas—Trab. apresentado: Huiles de sardine
- 1937—Setembro 26 a 3 de Outubro—17.º Congresso Internacional de Química Industrial—Paris—Trab. apresentado: Chumbo e conservas de sardinha
- 1937—Outubro—1.º Congresso Internacional da Conserva—Paris—Trabalho apresentado: Valeur alimentaire des conserves de sardines portugaises. Colab. de Elvira de Castro Rodrigues
- 1937—Outubro 11 a 13—6.º Congresso de Química Biológica—Lyon—Trab. apresentado: Chumbo e conservas de sardinha
- 1938—10.º Congresso Internacional de Química—Jubileu científico de Bertrand
- 1938—Setembro 22 a 2 de Outubro—18.º Congresso Internacional de Química Industrial—Nancy—Trab. apresentados: Elements rares des poissons e de leurs conserves; L'étain dans les conserves de sardines—Congresso suspenso por motivos internacionais
- 1942—Junho—Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências—Porto—Trab. apresentado: A investigação científica na indústria das conservas.

Escreveu os seguintes ARTIGOS (que se registam pela data dos periódicos) :

- N.º 1—Comissão dos Trabalhos Geológicos—Tomo II—Fasc. I
- » 2—Acad. des Sciences de Paris—(Séance de 19 de Mai de 1890)
- » 3—Soc. Chimique de Paris—(5 de Março de 1891)
- » 4— » —(5 de Março de 1891)
- » 5— » —(5 de Março de 1891)
- » 6—Acad. des Sciences de Paris—(27 de Julho de 1891)
- » 7—Soc. Chimique de Paris—(5 de Julho de 1891)
- » 8— » —(5 de Julho de 1891)
- » 9—Acad. des Sciences de Paris—(11 de Abril de 1892)
- » 10— » —(11 de Julho de 1892)
- Soc. Chimique de Paris—1892
- » 11— » —(20 de Agosto de 1892)
- » 12— » —(20 de Setembro de 1892)
- » 13—Acad. des Sciences de Paris—(13 de Março de 1893)
- » 14—Journal Pharmacie et Chimie—1894
- » 15—Soc. Chimique de Paris—(20 de Maio de 1894)
- Journal of the American Chemical Society—(13 de Março de 1894)
- » 16—Instituto—Coimbra—Vol. XLI—1894
- Coimbra Médica—(1 de Julho de 1894)
- La Presse Médicale—(11 de Agosto de 1894)
- » 17—Coimbra Médica—(1 de Outubro de 1894)
- Soc. Chimique de Paris—(Outubro de 1894)
- » 18—Centralblatt für Bakteriologie und Parasitenkunde XVII Band—1895
- » 19—Soc. Chimique de Paris—(24 de Dezembro de 1894)
- Acad. des Sciences de Paris—(Outubro de 1894)
- » 20—Instituto—Coimbra—(Janeiro de 1895)
- » 21—Soc. Chimique de Paris—1895
- Acad. des Sciences—(Abril de 1895)
- » 22—Annales Institut Pasteur—(Agosto de 1895)
- Instituto—Coimbra—1894
- » 23—Soc. Chimique de Paris—1896
- » 24— » —(1896)

- N.º 25—Acad. des Sciences de Paris—(1 de Março de 1898)
 Soc. de Biologie de Paris—(21 de Março de 1898)
- » 26—Coimbra Médica—(1 de Novembro de 1897)
 Soc. de Biologie de Paris—(28 de Janeiro de 1898)
- » 27—Congrès de Lisbonne
 Soc. de Biologie de Paris—1901
- » 28—Acad. des Sciences de Paris—(23 de Maio de 1898)
 Soc. Chimique de Paris—1898
- » 29—Acad. des Sciences—(6 de Junho de 1898)
 Soc. Chimique de Paris—1898
- » 31—Soc. Chimique de Paris—1898—Tomo XIX
- » 31—Soc. de Biologie de Paris—(17 de Dezembro de 1898)
 Coimbra Médica—(10 de Janeiro de 1899)
- » 32—Acad. des Sciences de Paris—(20 de Março de 1899)
 Soc. Chimique de Paris—1899
- » 33—Acad. des Sciences de Paris—(23 de Maio de 1899)
 Soc. Chimique de Paris—1899
- » 34—Coimbra Médica—1899
 Instituto de Coimbra—1899
- » 35—Gazeta dos Caminhos de Ferro—(16 de Setembro de 1899)
- » 36—Coimbra Médica—1900
- » 37—Coimbra Médica—1899
- » 38—Soc. de Biologie de Paris—(10 de Março de 1900)
- » 39—Acad. des Sciences de Paris—1901
 Soc. de Biologie de Paris—(10 de Julho de 1901)
 Journal de Physiologie et de Pathologie Générale (15 de Março
 de 1903)
- » 40—Movimento Médico—(Coimbra 5 de Agosto de 1901)
- » 41— » —(» 1 de Outubro de 1901)
- » 42— » —(» 15 de Janeiro de 1902)
 Soc. de Biologie—1901
- » 43—Movimento Médico—Outubro de 1901
- » 44—Journal de Physiologie et de Pathologie Générale—(15 de Março
 de 1903)
 Movimento Médico—(Coimbra 1902)
- » 45— » —(» 1 de Julho de 1903)
- » 46— » —(» 1904)
- » 47— » —(» 1905)
- » 48—Revue de Hygiène et de Police Sanitaire Paris—(Agosto 1909)
- » 49—Movimento Médico—(15 de Maio de 1911)
- » 50— » —1911
- » 51—Revista de Química Pura e Aplicada—1913
- » 54—Soc. Portuguesa das Ciências Naturais—Tomo VI—1912
- » 55—Soc. Chimique de France—(31 de Março 1913)
 Acad. des Sciences de Paris—(14 de Abril de 1913)
- » 56⁽¹⁾—Arquivos do Instituto Câmara Pestana—Tomo IV—Fasc. 1
 Acad. des Sciences de Paris—(20 de Janeiro de 1913)
- » 56⁽²⁾—Soc. Chimique de France—(18 de Janeiro de 1913)
 Acad. des Sciences de Paris—(3 de Fevereiro 1913)
 Soc. Portuguesa das Ciências Naturais—Tomo VI—Fasc. I—1912
- » 57—Soc. Chimique de France—(20 de Maio de 1913)
- » 58— » —(28 de Outubro de 1913)
- » 59— » —(3 de Março de 1913)
 —(12 de Janeiro de 1914)—Arquivo do
 Instituto Bacteriológico Câmara Pestana—T. IV—Fasc. II
 —1914
- » 60—Rev. de Química Pura e Aplicada—1913
- » 61—Rev. de Química Pura e Aplicada—1913
- » 62—Soc. Portuguesa de Ciências Naturais—Tomo VIII—(20 de Fe-
 vereiro 1918)

- N.º 63 — Diário de Noticias — (29 de Abril de 1921)
- » 64 — Soc. de Biologie — Tomo LXXXV — (17 de Outubro de 1921)
- » 65 — Annales de l'Institut d'Hydrologie de Climatologie — T. III — 1925
- » 66 — Chimie et Industrie — 1927 — VII Congrès de Chimie Industrielle
Técnica N.º 15 — (Novembro de 1928)
- » 67 — Técnica N.º 27 — (Abril de 1930)
- » 68 — Técnica N.º 27 — (Abril de 1930)
- » 69 — Técnica N.º 24 — (Janeiro de 1930)
- » 70 — Técnica N.º 29 — (Junho de 1930)
- » 71 — Técnica N.º 30 — (Novembro de 1930)
- » 72 — Vol. des Communications du Congrès International d'Hydrologie de
Lisbonne — (Outubro de 1930)
Técnica N.º 32 — (Janeiro de 1931)
- » 73 — Técnica N.º 12 — (Março de 1927)
- » 74 — Association des Chimistes — N.º 8 — (Fevereiro de 1898)
- » 75 — Técnica N.º 34 — (Março de 1931)
- » 76 — Academia de Ciências — (19 de Junho de 1930)
- » 77 — Chimie et Industrie — 1931
Técnica N.º 28 — (Maio de 1931)
Academia de Ciências — (9 de Julho de 1931)
- » 79 — Communications XIII Congrès International d'Hydrologie, de Cli-
matologie et de Géologie Médicales — (Outubro de 1930)
- » 80 — Vidé N.º 79
- » 81 — Chimie et Industrie — 1931
Rev. de Química Pura e Aplicada — 1933
- » 82 — Técnica N.º 34 — (Março de 1931)
- » 83 — Técnica N.º 40 — (Janeiro de 1932)
- » 84 — Técnica N.º 42 — (Março de 1932)
- » 85 — Brotéria — Vol. XIV — Fasc. 4 — (Abril de 1932)
- » 86 — Soc. Chimique de France — (Outubro de 1932)
- » 87 — Anais do I.S.T. — (Vol. I — 1934)
- » 88 — Anais do I.S.T. — (Vol. I — 1934)
Publicada também pelo Instituto Francês de Lisboa
- » 89 — Técnica N.º 46 — (Novembro de 1932)
- » 90 — Técnica N.º 50 — 1933
- » 91 — Nota à Acad. de Ciências — (16 de Novembro de 1933)
- » 92 — Nota à Acad. de Ciências — (28 de Fevereiro de 1934)
- » 94 — Técnica N.º 59 — (Abril de 1934)
- » 95 — Instituto de Hidrologia e Climatologia de Lisboa
- » 97 — Revista de Química Pura e Aplicada — 1935
Técnica N.ºs 67 e 68 (Maio e Junho de 1935)
- » 98 — Revista de Química Pura e Aplicada — 1935
Técnica N.ºs 69 e 70 — (Novembro e Dezembro de 1935)
- » 99 — Universidade Técnica de Lisboa
- » 100 — Revista de Química Pura e Aplicada — 1936
- » 101 — Congrès International de la Conserve — 1937
- » 102 — Tipografia Leixões — (Matozinhos 1938)
- » 103 — Memórias da Academia de Ciências de Lisboa — Tomo I — 1937
- » 104 — Revista «Conservas» — (Matozinhos 1938)
Chimie et Industrie — 1938
- » 105 — Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — 1939
- » 106 — Chimie et Industrie — 1938
- » 107 — 18.º Congrès de Chimie Industrielle — 1938
- » 108 — Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — 1939
- » 110 — Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — (1940 — Tomo III)
- » 111 — Memórias da Acad. de Ciências de Lisboa — (1941 — Tomo III)
- » 112 — Técnica — (Dezembro de 1942)
- » 113 — Nota à Acad. de Ciências — (Maio de 1942)
- » 114 — Nota à Acad. de Ciências — (Fevereiro de 1943)
- » 115 — Nota à Acad. de Ciências — (13 de Abril de 1944)

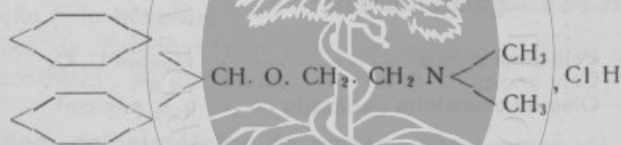
ATIVIDADE CIENTÍFICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

Das Revistas e dos Jornais

NOVOS REMÉDIOS

Benadryl. A. C. Curtis e B. B. Owens: Arch. Derm. Syph. 52,239 (1945) apud J. Am. Pharm. Assoc. (Abst.) 35,157 (1946).

Este novo medicamento é o cloridrato do éter β dimetilaminoetilbenzidrílico), e tem propriedades anti-histamínicas.



Sterosan. Anon: Schw. Apoth. Ztg. 82,741 (1944) apud J. Am. Pharm. Assoc. 35,180 (1946).

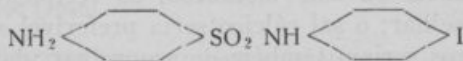
Este novo medicamento, que é a 5,7-dicloro-8-hidroxiqualina, é um pó amorfo, castanho, inodoro, insolúvel na água, solúvel nos solventes orgânicos, de $\text{pf} = 111^\circ - 113^\circ$.

Destina-se ao tratamento local de várias infecções.

Centro de Documentação Farmacêutica

Medeyol. Ref. dos Lab. Medea

Com este nome acha-se especializado um novo composto, sintetizado pela primeira vez em Espanha, e que é o p-aminofenil-sulfamida-iodobenzeno, de fórmula:



É um pó cristalino, corado, de $\text{pf} = 203^\circ - 205^\circ$, insolúvel na água, solúvel nos solventes orgânicos.

Referem-se ensaios de toxicidade, (local e geral), dosagens nos líquidos biológicos, eliminação, tolerância, resultados clínicos e doses. O produto emprega-se, sobretudo, localmente (colírios, pomadas, etc.).

FARMÁCIA GALÉNICA

Nova fórmula do óleo de Calot. Apud An. Merck 260 (1943).

Segundo Perényi seria de aconselhar a seguinte fórmula:

Éter.....	32,5 g.
Iodofórmio	10 "
Azeite neutro	65 "
Creosota	4 "
Guaiacol líquido	1 "

Dissolver o iodofórmio no éter e adicionar depois os restantes componentes.

Suspensão oleosa de penicilina, para injeção intramuscular. Apud. J. A. Ph. A. (Ed. Pr.) 6,123 (1945).

Refere-se a seguinte fórmula:

Penicilina sódica	1000000 U. O.
Cera branca (U. S. P.)	0,2 g.
Óleo de amendoim purificado	q. b. p. 5 cm ³

Num frasco estéril (de 10 cm³) tomar o conteúdo de 10 fr. de Penicilina; triturar com uma vareta até obter pó fino; à parte, esterilizar a mistura de cera e óleo, filtrada. Com uma pipeta aquecida deitar assépticamente 5 cm³ para o frasco contendo o pó; deitar neste algumas bolas de vidro esterilizadas, rolar e agitar. Aquecer a 37° antes da injeção.

Observ. — A penicilina cálcica substitue com vantagem o sal sódico. A suspensão é estável mais de 1 mês.

Fórmulas de pomadas de penicilina, Apud. J. A. Ph. A. (Ed. Pr.) 6,125 (1945).

Os produtos contêm em geral 1000 U. O. por grama e não devem conter fenóis ou sais metálicos; os recipientes metálicos não são de aconselhar; o sal cálcico seria preferível ao sal sódico; os veículos anídeos seriam também de aconselhar, dando produtos mais estáveis. Eis algumas fórmulas de tipo *óleo-em-água*:

Cera Lanette SX.....	12 p.	25 p.	10 p.
Óleo de amendoim ..	25 "	—	—
Vaselina	—	25 p.	—
Óleo de rícino	—	—	25 p.
Penicilina ..	q. b.	q. b.	q. b.
Água destilada.....	q. b. p. 100 p.	25 p.	q. b. p. 100 p.

Misturar a cera com o outro produto oleoso (a 70°); juntar parte da água à mesma temperatura, arrefecer e adicionar a penicilina dissolvida na água restante.

FARMACOGNÓSIA

Aspecto microscópico dos áloes; seus constituintes antra-cénicos. J. W. Fairbairn: Pharm. J. 156,381 (1946).

O A. estuda as diferenças de aspecto microscópico do áloes do Cabo, Curaçao, Socotrino e de Zanzibar aconselhando como líquido de montagem numa mistura de glicerina (2 p.) e álcool a 95° (1 p).

Estuda a reacção da coloração com amónia (após esgotamento com benzeno, em meio ácido) nas diferentes variedades, e aconselha praticá-la, oxidando os derivados antranólicos pela O_2H_2 , antes da extracção pelo benzeno.

O áloes de Zanzibar não tem antraquinonas livres ou sob forma glucosídica; só antraois.

Dosagem colorimétrica da quinina nas cascas da quina. A. Dellepiane: Mon. Farm. Terap. 51,162 (1945).

Por desmetilação, a quinina dá a cupreína, composto que origina uma coloração alaranjada com a paranitro-anilina-diazotada (R. de Sanchez).

O A. depois de esgotar a quinina pelo $CHCl_3$ em presença de O_2H_2 , trata o resíduo por SO_4H_2 diluído e pratica nele a reacção.

As cores obtidas são comparadas com padrões de sulfato de quinina tratados de igual modo. O método seria simples e aproximado.

Determinação da condurangina no condurango e suas preparações. C. J. Toft-Madsen: Dansk Tids. Farm. 16,25 (1942) apud J. Am. Pharm. Assoc. 35,190 (1946).

O método descrito consiste essencialmente no seguinte: Evaporar o álcool do extracto, adicionar amónia e $ClNa$; esgotar pelo $CHCl_3$.

O extracto clorofórmico evaporado, pode ser pesado, ou do-seado colorimetricamente, por comparação da sua solução alcoólica-clorídrica com padrões de condurangina ou de sais minerais (cloreto férrico + fluoreto de crómio, em água).

Óleo de fígado de tubarão. Referência do C. Ph Ch.: J. Am. Med. Assoc. 115,683 (1940).

Trata-se da referência sobre este óleo vitaminado, citando-se o respectivo ensaio.

Contém 16.500 U.I. de vitamina A e 40 U.I. de vitamina D, por grama.

Densidade = 0,917 — 0,923
Índice de refração = 1,475 — 1,480
Acidez = 5 cm³ de OHNa, N/1 %
Insaponificável = 3 a 6 %
Índice de saponificação = 176 — 187
Índice de iodo = 125 — 145

Um método rápido para a dosagem da santonina. W. Hauser: Arch. Ph. Ber. Deut. Pharm. Ges. 938,175 (1941) apud Trib. Farm. 10,70 (1942).

O A. aconselha uma técnica polarimétrica baseada no poder rotatório específico da santonina, que é $[\alpha]_{D_{20}} = 171,53$ (no clorofórmio). A técnica é a seguinte: 3 g da droga são colocados num E.M. de 100 cm³ contendo 30 cm³ de CHCl₃, agitando-se frequentemente durante 10 m.; filtrar, por funil coberto, e juntar 1 g de «frankonite» KL e 0,5 g de carvão, agitando bem. Ao fim de 1 a 2 m. filtrar e levar ao polarímetro, à temperatura de 20°.

MICROBIOLOGIA

Coloração rápida do bacilo da tuberculose. A. Roberts: Tubercle 26,52 (1946) apud Pharm. J. 156,225 (1946).

O A. recomenda as seguintes soluções:

a) soluto de fucsina básica a 1 % em trimetilenaglicol.

b) soluto aquoso de fenol a 5 %.

Corar a preparação, durante 4 m., com uma mistura de a (1 vol.) e b (4 vol.); lavar e descorar (1 m.) com a mistura de álcool + ácido.

Fazer uma coloração de contraste, como habitualmente.

QUÍMICA BIOLÓGICA

Aumento da sensibilidade do antigénio de Kahn. M. A. Levy: U. S. pat. 2342 409 apud J. A. Ph. A. (Abst.) 34,62 (1945).

O A. aconselha a adição, ao antigénio, de 2 % de resina de mastica.

A. M. L.

JORNAL DOS FARMACÊUTICOS

DIRECTOR E EDITOR
PROF. MANUEL PINHEIRO NUNES
Presidente da Direcção

Comp. e imp. na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Orgão e propriedade do
SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS
SOCIEDADE FARMACÊUTICA LUSITANA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua da Sociedade Farmacêutica, 18 - LISBOA

Telefone 4 1433

Vol. V = 1946 = SETEMBRO - OUTUBRO = N.º 53

TRABALHOS ORIGINAIS

ACERCA DA DOSAGEM DE VESTÍGIOS DE ARSÊNIO PELO MÉTODO DA FARMACOPEIA PORTUGUESA (*)

JOAQUIM FRANCISCO SOEIRO TORRINHA
Licenciado em Farmácia

O facto de termos já experimentado a técnica inscrita na F. P. para o doseamento de pequenas quantidades de arsénio, e chegarmos a resultados pouco lisonjeiros, principalmente no que diz respeito à paralela proporcionalidade, que deveria existir, entre o comprimento e a intensidade das manchas padrões com a quantidade de soluto padrão de arsénio ensaiado, levou-nos a estudar afinadamente, pela experimentação repetida, aquele paralelismo.

É pois este o ponto que mais salientamos em todo o nosso trabalho. É certo que durante o decorrer das experiências fundamentais que nos propusemos seguir e apreciar, outros factores surgiram e que, por serem de interesse manifesto na execução da técnica de CRIBIER, não podem deixar de ser aqui também focados com o devido relevo.

(*) — Trabalho com que o autor concorreu ao prémio «Companhia Portuguesa Higiene» de 1945.

FUNDAMENTO DO MÉTODO USADO NA F. P.

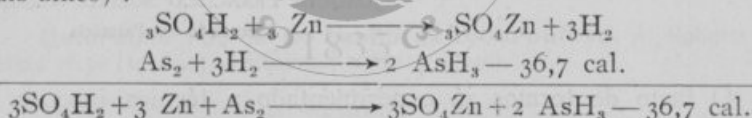
Sobre a acção do hidrogénio libertado no ataque do zinco pelo ácido sulfúrico, o arsénio solubilizado no meio reaccional é libertado sob a forma de AsH_3 .

A hidrogenação efectua-se num aparelho constituído por um simples frasco de larga abertura, fechado por uma rolha atravessada por um tubo de vidro direito e calibrado, contendo um papel de filtro destinado a secar o gás, outro papel de acetato de chumbo destinado a absorver os compostos de fósforo, enxofre e antimónio, e na sua porção terminal uma tira de papel de cloreto de mercúrio (*Fig. 1*).

O AsH_3 arrastado pelo hidrogénio reage sobre este para dar uma mancha corada, específica do arsénio e função da quantidade do metalóide posta em jogo.

A mancha atinge o seu comprimento e intensidade máximas depois do tratamento com o iodeto de potássio.

Equações químicas:—O fenómeno da formação e libertação do AsH_3 está esclarecido há muito tempo. Não podendo ser obtido por síntese directa dos elementos, embora a sua composição química seja rudimentar, forma-se todavia a partir da maior parte dos compostos de arsénio, quando postos em contacto com o hidrogénio nascente (neste caso obtido à custa do ácido sulfúrico mais zinco):

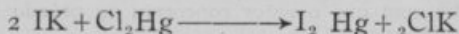


O composto arseniado obtém-se sempre misturado com um excesso de hidrogénio e sendo de natureza endotérmica absorve na sua formação 36,7 calorias.

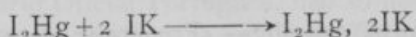
A sua deslocação do meio reaccional através do tubo de vidro com a tira de papel de cloreto mercúrio faz-se à custa do desenvolvimento abundante e tumultuoso de hidrogénio.

As equações interpretativas do modo como se fixa o AsH_3 sobre o cloreto de mercúrio (Cl_2Hg), não estão explicadas na bibliografia por nós consultada; apenas se sabe que o composto formado é um complexo arseno-mercuroso.

Na revelação e fixação das manchas aparece-nos o fenómeno químico que a seguinte equação explica:



O iodeto mercúrico (de cor vermelho-cinábrio) dissolve-se em excesso de IK :



É provável que alguma coisa se passe também sobre o complexo arseno-mercuroso, durante a revelação, visto que se verifica depois dela uma ligeira modificação na cor da mancha padrão.

Simplemente registamos este facto sem que lhe possamos dar interpretação de ordem química.

DESCRIÇÃO DA TÉCNICA E DO APARELHO SEGUNDO A F. P.

«O aparelho destinado às dosagens do arsénio consiste num frasco de 150 c.c. de capacidade, fechado por uma rolha de cortiça, com 4 cm. de altura, atravessada por um tubo de vidro de 5 mm. de diâmetro e 30 cm. de comprimento; este tubo que fica dentro do frasco tem o comprimento de 4 cm., e a 2,5 cm. da extremidade afilada encontra-se um orifício lateral de 2 mm. de diâmetro; na parte do tubo que fica acima da rolha introduz-se, com o auxílio de uma vareta de vidro, uma tira de papel de acetato de chumbo, enrolada sobre si mesma, de 2 cm. de largura e de 10 cm. de comprimento, a qual se sobrepõe uma tira de papel de filtro, enrolada do mesmo modo, de 4 cm. de largura e de 10 de comprimento. Finalmente introduz-se ainda outra tira de papel de Cl_2Hg de 16 cm. de comprimento e 5 mm. de largura, suspensa na extremidade superior do tubo, por uma dobra de 1 cm.»

«Doseia-se o arsénio introduzindo no frasco 8 a 10 grs. de zinco, 1 c.c. de solução a dez por cento de sulfato de cobre e a substância a ensaiar previamente misturada ou dissolvida em 80 c.c. de ácido sulfúrico diluído a vinte por cento.»

«O frasco deve estar mergulhado em água fria durante o ensaio, e este considera-se terminado, quando cessar o desenvolvimento gasoso, que em regra não vai além de 6 horas.»

«O papel de Cl_2Hg é mergulhado, depois de terminado o ensaio, em soluto a dez por cento de IK recente, lavado em seguida em água corrente e seco na estufa a 100°.»

Papel de cloreto mercúrico:— «Prepara-se mergulhando tiras de papel branco, consistente e sem cola, em soluto a cinco por cento de Cl_2Hg e secando-as rapidamente numa corrente de ar à luz difusa». «Guarde-as em frasco amarelo de rolha esmerilhada».

Papel de acetato de chumbo :— «Prepara-se mergulhando tiras de papel branco em soluto de acetato de chumbo a dez por cento.»

Soluto arsenical padrão :— «Prepara-se dissolvendo em matraz graduado com o auxílio do calor, um decigrama de anidrido arsenioso seco, em 10 c.c. de soluto a dez por cento de soda; o soluto, depois de frio, é adicionado de água destilada até perfazer o volume de mil centímetros cúbicos; dilui-se num matraz graduado 5 c.c. deste soluto em 50 c.c. de água destilada, aquece-se o líquido, depois de acidulado com 10 c.c. de ácido sulfúrico diluído e ajunta-se soluto de permanganato de potássio a um por cento, até adquirir leve coloração rósea persistente; descora-se a mistura com o soluto de peróxido de hidrogénio e perfaz-se finalmente, com água destilada o volume de 500 c.c.»

Cada c.c. contém um milésimo de miligrama de anidrido arsenioso».

Mancha padrão :— «Obtém-se introduzindo no aparelho 8 grs. de zinco, 1 c.c. de soluto a dez por cento de sulfato de cobre e dois centímetros de soluto arsenical padrão, previamente misturado com 80 c.c. de ácido sulfúrico diluído a vinte por cento, e procede-se ao ensaio como foi indicado. A mancha obtida corresponde a dois milésimos de miligrama de anidrido arsenioso. A tira de papel com a mancha padrão, depois de tratada com soluto de iodeto de potássio e seca, guarda-se em frasco amarelo de rolha esmerilhada. O ácido sulfúrico, o zinco, o sulfato de cobre, e os restantes reagentes usados na determinação do arsénio, quando ensaiados a branco, não devem manchar o papel de Cl_2Hg , quando muito poderão corá-lo levemente de amarelo.

«As manchas obtidas com a quantidade de substância indicada, para cada ensaio, não devem ser maiores, nem de cor mais intensa do que as da mancha padrão, o que corresponde ao limite de arsénio a que se faz referência nos artigos dos farmacos.»

ALGUNS REPAROS À REDACÇÃO DA TÉCNICA OFICIAL

A técnica da F. P. é nada mais nada menos do que a de CRI-
BIER com ligeiras modificações.

Depois de inúmeros ensaios por nós feitos, quer durante o decorrer deste trabalho, quer durante as primeiras tentativas de experimentação do método no ano de 1942, e depois da leitura atentamente feita da bibliografia sobre a técnica original de CRI-

BIER, na qual se funda o ensaio da F. P., podemos, conscienciosamente, apontar algumas modificações a introduzir na técnica inscrita no Formulário Oficial Português, não só no que diz respeito à aparelhagem, como também às condições óptimas a considerar para um bom ensaio.

Dum modo geral a técnica inscrita apresenta-se-nos demasiadamente grosseira, isto é, pouco cuidadosa nos seus pormenores, que neste caso são de importância capital para apreciação quantitativa de valores de arsénio da ordem de 10^{-6} do grama.

Efectivamente não se compreende que para uma dosagem tão delicada se aconselhe a rolar o frasco com uma rolha de cortiça, esquecendo que, no seio dele, se vai passar uma reacção química exotérmica, da qual se irá desprender um gás que vai constituir, depois de fixado, o índice pelo qual se avaliará a quantidade de substância a dosear. É evidente que o gás poderá escapar pelos orifícios peculiares à própria constituição da cortiça, pelos intervalos provenientes do mau ajustamento da rolha ao bocal do frasco e ainda e principalmente pelo furo central da mesma rolha, por onde passa o tubo de vidro contendo o papel de Cl_2Hg conforme se vê na figura I.

A Farmacopeia Americana de 1936 utiliza também o método de CRIBIER modificado, mas aconselha rolha de borracha para o frasco do aparelho (que é diferente do nosso) o que permite um melhor ajustamento às paredes de vidro do bocal do frasco e do tubo de vidro, e está isenta de poros como os da cortiça.

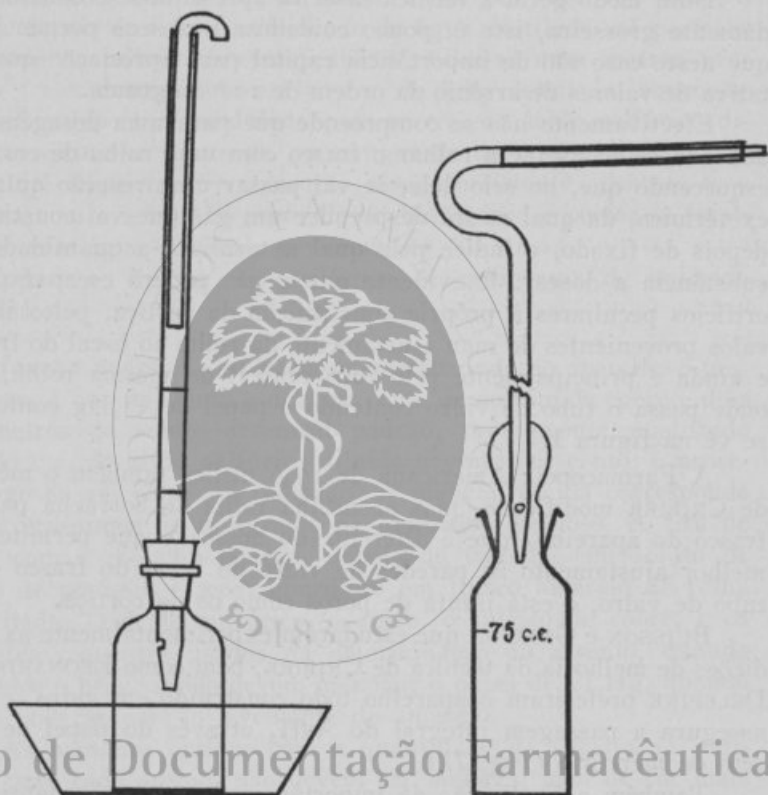
BUISSON e GRIFFON que estudaram experimentalmente as condições de melhoria da técnica de CRIBIER, bem como LEONARDON e DELEPINE preferiram o aparelho todo construído em vidro, o que assegura a passagem integral do AsH_3 através do papel de cloreto de mercúrio (Fig. III).

Também a F. P. não dá importância de maior à quantidade de zinco a empregar para cada ensaio, indicando o uso de 8 gramas para a obtenção das manchas-padrão e prescrevendo o uso de 8 a 10 gramas no ensaio a fazer com a droga suspeita.

Contudo no estudo crítico de BUISSON e GRIFFON, quanto ao mecanismo de formação de manchas, salienta-se como muito importante o facto de dever empregar-se *sempre* as mesmas quantidades de reagente, uma vez que, a maior ou menor intensidade das manchas, depende da maior ou menor quantidade de hidrogénio libertado, e este é por sua vez função das quantidades de reagentes empregados.

A temperatura, factor de grande importância na regularidade dos resultados, foi também desprezada na F. P., prescrevendo-se

apenas a introdução do frasco em água fria. Ora a água fria varia de temperatura consoante o lugar e a época do ano, e até no mesmo lugar e na mesma época do dia para a noite, e uma vez que este factor tem influência dominante no resultado final, e sendo a técnica *essencialmente comparativa*, é de toda a necessidade to-



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Fig. I
Aparelho da Farmacopeia
Portuguesa

Fig. II
Aparelho de Buisson
e Griffon

mar-se como base uma determinada temperatura e mantê-la constante em todos os ensaios.

A F. Americana XI toma como temperatura de reacção 25°. Mas a maioria dos autores que consultámos, aconselham por lhe reconhecerem vantagens, a temperatura vizinha de 15°, que foi aquela a que nós trabalhamos.

Em todos os nossos ensaios notámos que, sistematicamente o desenvolvimento gasoso (de hidrogénio) não cessava, *em regra*,

às 6 ou 8 horas, mas que ele era nítido ao cabo de dezanove horas do início, contrariamente ao que afirma a F. P..

BUISSON e GRIFFON, numa nota aliás pouco clara, insere à margem do seu texto original, na parte em que demonstram ser a técnica de CRIBIER quantitativa, escrevem:— «Ces expériences ont été poursuivies jusqu'à arrêt total du dégagement, soit pendant 6 à 8 heures».

Quer-nos parecer que se trata do desenvolvimento gasoso da AsH_3 e não do desenvolvimento gasoso de hidrogénio. É talvez aquele também que se refere a F. P.. Sendo assim a afirmação peca apenas por pouca clareza.

Resta-nos finalmente acrescentar que também a F. P. não traz indicação concreta da qualidade e textura do papel, dizendo apenas que se deve usar papel branco, consistente e sem cola. Como a textura do papel é a maior responsável pela desigualdade tão frequente, sistemática mesmo, das manchas obtidas dum e doutro lado da mesma tira de papel de Cl_2Hg , quer-nos parecer, pelas conclusões que podemos tirar do nosso trabalho, que reside aqui uma falta importante.

Se nem todos os que se vão utilizar do método podem usar do mesmo papel, é necessário pelo menos que as manchas padrões, para um dado doseamento, sejam obtidas sobre um papel igual aquele que vai servir para as manchas a obter com a substância suspeita. O mesmo é dizer que para cada ensaio se deve usar, *invariavelmente*, o mesmo papel conforme adiante veremos.

Só desta forma, e não usando de qualquer papel, se podem obter manchas comparáveis entre si.

OS NOSSOS ENSAIOS ⁽¹⁾

Verificada como estava por nós a carência de aumento progressivo quanto à intensidade e comprimento das manchas, procurámos tirar da nossa experimentação dados que nos permitissem descobrir a causa daquele facto. E assim o nosso estudo incidiu mais particularmente sobre:

- a) — Formação da mancha padrão e suas modificações consoante a textura do papel empregado.
- b) — Conservação das manchas após a revelação com o IK, com e sem secagem.

(¹) — Todos os reagentes usados eram da casa «Merk» e com o rótulo de garantia «Para análise». Foi sempre feito o ensaio a branco.

Usando papel de filtro vulgar (sem marca) e cortado no sentido contrário ao das fibras estreitas — as predominantes — seguimos a par e passo a técnica atrás descrita, somente com a restrição por nós imposta — e que sabíamos ser de grande valor —, de usarmos sempre as mesmas quantidades de zinco em todos os ensaios (oito grammas), e mantendo a temperatura à volta de 15°, factos estes que se tornaram indiferentes a quem redigiu a técnica da F. P., mas que CRIBIER, GRIFFON e BUISSON citam como sendo de valor primordial no mecanismo da formação das manchas do composto arseno-mercurioso.

Do enorme número de ensaios feitos, vamos tentar resumir os factos observados :

I GRUPO DE ENSAIOS (RESUMO)

Nestas séries de ensaios usámos volumes de soluto padrão que iam de 1 c.c. a 6 c.c. e que corresponde ao emprego de 0,001 mgrs. até 0,006 mgrs. de arsénio solúvel. Observámos que :

- 1) — O desenvolvimento gasoso durava ainda às dezanove horas post início do ensaio.
- 2) — As manchas padrões só se notaram post revelação.
- 3) — O aumento progressivo da primeira à sexta mancha sofreu, em todas as séries, intermitências.
- 4) — As manchas guardadas ao abrigo da luz solar, sem seagem prévia, desapareceram.
- 5) — O desaparecimento destas manchas demorou poucos dias.

O número de manchas obtidas neste grupo de ensaios foi demasiadamente pequeno para que pudéssemos apresentar um gráfico resumindo as conclusões. Pelo facto de se avaliar melhor a progressão da cor e intensidade das manchas com quantidades superiores às usadas nestes ensaios, decidimos empregar maiores quantidades de soluto padrão.

Obtidas desta forma manchas maiores, não mais deixámos de usar as quantidades indicadas à frente no segundo grupo de ensaios, as quais nos serviram invariavelmente até ao fim. Desta forma pudemos tornar ainda mais comparativas, e com mais força de verdadeiras, as nossas conclusões.

II GRUPO DE ENSAIOS (RESUMO)

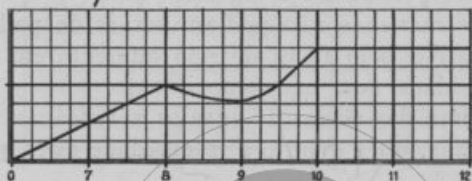
Nesta série de ensaios usámos volumes de soluto padrão que iam de 7 c.c. a 12 c.c., o que corresponde ao emprego

de 0,007 mgrs. até 0,012 mgrs. de arsénio solúvel. Observá-mos que :

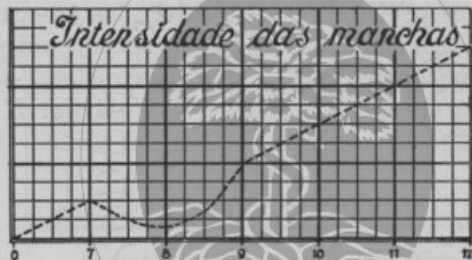
1) — O desenvolvimento gasoso durava ainda às 19 horas post início do ensaio.

2) — As manchas padrões notaram-se antes da revelação, sem contudo se poderem avaliar quantitativamente, visto serem quase todas iguais.

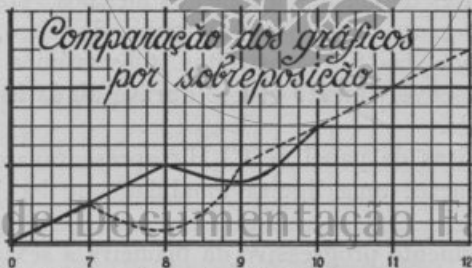
Comprimento das manchas



Intensidade das manchas



Comparação dos gráficos por sobreposição



Comprimento das manchas e intensidade das manchas

Fig. III

3) — O aumento progressivo da primeira à sexta sofreu em todos os ensaios intermitências muito graves, post revelação.

4) — Secámo-las na estufa a 90°. Apenas notámos mudança de cor após a secagem, e guardámo-las ao abrigo da luz em gaveta fechada e cobertas com papel de filtro.

Também não se conservaram sem alteração, embora esta fosse mais demorada que a sofrida pelas anteriores séries do I Grupo.

A razão da maior estabilidade concluímos residir na secagem, pois foi este o único tratamento a mais que elas sofreram; também têm influência por certo o facto das manchas aqui serem maiores, pois quanto maiores mais tempo levam a desaparecer. Contudo operando com manchas do mesmo tamanho verificámos que as secas se conservavam mais tempo do que as não secas.

As manchas deste grupo de ensaios desapareceram, a maior parte delas entre o décimo e o vigésimo dia.

5) — Estas manchas não podiam servir de padrões para um ensaio quantitativo pelo facto de não aumentarem gradualmente nem em intensidade nem em comprimento.

Em nenhuma das séries de ensaios verificámos aumento gradual das manchas, quer quanto à intensidade quer quanto ao comprimento.

Vejam-se os gráficos respectivos tirados ao acaso duma série apenas de seis manchas obtidas nas mesmas condições das outras séries do mesmo grupo (II), e que podem tomar-se como média do que succedeu em toda as séries. — (Vidé fig. III).

III GRUPO DE ENSAIOS (RESUMO)

Nestas séries de ensaios usámos os mesmos volumes de soluto padrão que no grupo II, e o mesmo papel de filtro, mas cortado, agora no sentido das fibras estreitas. Observámos que :

1) — O desenvolvimento gasoso durava ainda às 19 horas post início do ensaio.

2) — As tiras de papel de Cl_2Hg apresentavam quase todas, antes da revelação, uma ligeira tonalidade no local da formação da mancha.

3) — O aumento progressivo da primeira à sexta sofreu intermitências tal como nos grupos de ensaios precedentes post revelação.

4) — Secámo-las na estufa a 100° , sem que notássemos alteração da mancha e guardámo-las em frasco amarelo de rolha esmerilhada dentro duma gaveta.

As manchas conservaram-se melhor e por mais tempo guardadas nestas condições.

5) — De uma maneira geral todas as manchas obtidas com papel cortado no sentido das fibras estreitas, eram mais compridas que as dos grupos de ensaios anteriores.

De entre as muitas séries de 6 manchas padrões obtidas no III grupo de ensaios, apresentamos em gráfico uma delas, ao

acaso, pela qual se podem apreciar, duma maneira geral, os resultados a que chegámos: (*Vidé fig. IV*).

Estes gráficos frisam bem que utilizando o papel cortado no sentido das fibras estreitas se obteve um mais acentuado parale-

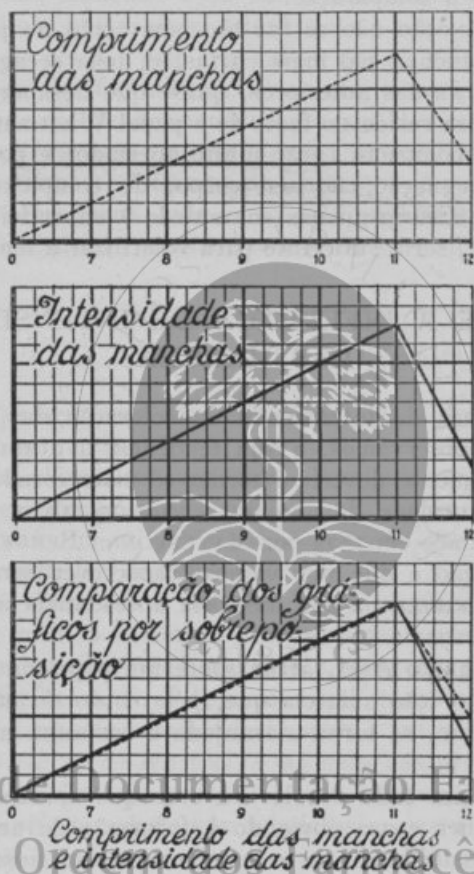


Fig. IV

lismo entre a intensidade e o comprimento, e também que o aumento progressivo deste e daquela, de per si, se tornaram mais evidentes.

IV GRUPO DE ENSAIOS (RESUMO)

Nestas séries de ensaios usámos os mesmos volumes de soluto padrão que nos grupos de ensaios anteriores, e obtivemos as manchas sobre o papel Whatman fino.

Duas coisas concluímos :

1) — A cor da mancha é diferente da obtida com os outros papéis empregados. Ao passo que nos outros ensaios era castanho amarelado, com este papel passou a ser castanho escuro, o que dificulta mais a comparação.

2) — A fixação não se faz tão bem como no papel de filtro vulgar ; as manchas são mais curtas, e, pela secagem em condições idênticas às das anteriores, quase que desaparecem. Parece-nos que a causa reside no facto de o papel Whatman possuir uma textura muito compacta (grão muito apertado) e portanto dificultando a impregnação, no seu corpo, do complexo arseno-mercuroso :—este ficaria apenas acumulado à superfície, e um aquecimento a 100°, seria suficiente para volatilizar a maior parte dele.

SOBRE A DIFERENÇA DE INTENSIDADE DAS MANCHAS

A diferença de intensidade de coloração das manchas que muitas vezes observámos, a sua tendência a diminuírem de cor quando logicamente deveriam tornar-se mais coradas em virtude da maior quantidade de arsénio, encontra talvez explicação no facto já assinalado em 1874 por MAVENÇON et BERGERET ao descreverem a reacção e que nós vamos transcrever servindo-nos das palavras de CRIBIER na sua memória apresentada à Sociedade de Farmácia em 1921 :

«Sabe-se que o AsH_3 actua sobre um papel de Cl_2Hg produzindo uma coloração amarela que, *pela acção de maiores quantidades de arsénio*, se torna alaranjada e castanha mais ou menos escura».

Sendo assim tudo nos leva a crer que apareceu durante os ensaios qualquer causa obviando à formação da arsina.

Na impossibilidade de a estudarmos, no nosso caso particular, quisemos dar-lhe interpretação guiados pelos conhecimentos obtidos por experimentadores de envergadura, tais como BUISSON, GRIFFON e GAUTIER. E assim quer-nos parecer que a anomalia observada reside no facto do desprendimento do As , em solução no líquido padrão, não ser integral.

GRIFFON e BUISSON verificaram que seguindo a técnica original de CRIBIER como o faz a nossa Farmacopeia, a *proporção de arsénio realmente desprendida sob a forma de AsH_3* , e da qual depende a mancha final sobre o papel, oscila entre 20 e 30 % da quantidade total posta em jogo. E como que a confirmar este facto, embora fosse observada antes, vem a objecção posta por GAUTIER que

afirma que o cobre empregado como activante do zinco é capaz de fazer diminuir o desprendimento de arsénio.

O que decerto concluimos no decurso da nossa experimentação é que existem causas que se opõem ao aumento paralelo do comprimento das manchas e da sua intensidade, em relação ao aumento do título em arsénio solúvel.

A F. P. não obvia a este erro talvez por ele não ter o caracter sistemático mas sim fortuito. A nosso ver, e porque se trata de uma técnica puramente comparativa a causa de erro é manifesta.

BUISSON e GRIFFON, mais prudentes, aconselharam, em modificação por eles imposta à técnica de CRIBIER — e que a nossa Farmacopeia não reproduziu — um meio pelo qual se assegura o desprendimento total do *As* contido na solução sob a forma de AsH_3 .

SOBRE A ESTABILIZAÇÃO DAS MANCHAS PELO IODETO DE POTÁSSIO

As técnicas originais dão sempre nas mãos dos seus autores resultados altamente lisongeiros, que nem sempre são verificados por experimentadores subsequentes. Particularmente a técnica quantitativa de CRIBIER parece predestinada a não oferecer a ninguém, como ofereceu ao seu autor, o segredo que leva o observador a um resultado final satisfatório.

Com efeito CRIBIER na sua memória já citada diz que o principal interesse prático conferido pelo tratamento com o IK é que, depois da lavagem pela água corrente e secagem, (no nosso caso feita como preceitua a F. P.), a coloração castanha obtida sobre o papel é duma *estabilidade notável: nem a luz nem a humidade exercem sobre ela acção sensível*, e as manchas arseniadas assim desenvolvidas que CRIBIER conservou sem nenhuma precaução especial, não manifestaram depois de vários meses a menor alteração na coloração.

Não sabemos o que a este respeito disseram BUISSON e GRIFFON, os que mais se interessaram por este estudo, nem LEONARDON e DELEPINE, nem BARRAL, nem LINARD, bem como desconhecemos a opinião de outros dois experimentadores DARNIAT e THORAL. Decerto que não seriam da mesma opinião.

Nós usámos de todo o cuidado operando sempre ao abrigo da luz solar, pois já dois anos antes seguíramos esta técnica e observámos, pouco tempo passado, que as manchas haviam desaparecido. E mesmo nestas condições fomos notando um decréscimo de intensidade, que se vai reflectindo consequentemente no comprimento da mancha.

Em virtude disto propomos que para cada doseamento a fazer se construam e estabeleçam sempre novos padrões.

BUISSON e GRIFFON conhecedores da influência pessoal de cada operador em qualquer técnica essencialmente comparativa como esta, e da elevada importância deste factor que parece desprezível, vão até ao ponto de exigirem que cada operador prepare ele próprio as manchas padrões.

ACIDENTES DA TÉCNICA DA F. P. E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A natureza íntima do ensaio de CRIBIER, exige um cuidado e uma experiência grandes da parte do experimentador.

Pode dizer-se mesmo que o método é extremamente delicado — tão delicado quanto sensível — para ser posto ao uso corrente nas mãos de qualquer pessoa, que não tenha lido sobre ele, mais do que aquilo que vem inserto na F. P.. Em tais circunstâncias podemos afirmar que os resultados por ela obtidos não poderão ser dignos de crédito.

Sem falar na parte química do ensaio, aonde a atenção tem de ser levada ao máximo, devemos fazer duas advertências quanto à montagem do aparelho:

1 — *Papel de Cl₂Hg*:

a) — A tira de papel de Cl₂Hg destinada à fixação do AsH₃ sob a forma dum complexo arseno-mercuroso, *deve ocupar exactamente a posição diametral*. O facto de o deixarmos encostado à parede do tubo de vidro, na porção terminal aonde se forma a mancha, levou-nos a obter uma mancha muito pequena deste lado do papel, em relação à do lado que fica voltado para dentro. Este facto é de um interesse capital na obtenção das manchas quer padrões quer das que se hão-de comparar com elas, pois só assim podemos servir-nos quantitativamente do método.

b) — O facto da tira de papel de Cl₂Hg oferecer às vezes resistência à entrada do tubo, obrigou-nos a vincar levemente a meio dessa tira, e introduzi-la assim, sem esforço ou demora no mesmo tubo.

Mas em breve tivemos de suspender o uso de semelhante processo de execução por se tornar pernicioso no que diz respeito ao modo de formação das manchas.

Com efeito a mancha não tinha o mesmo comprimento em toda a sua superfície; apresentava uma depressão ao centro, precisamente à volta do lugar por onde passava o vinco que nós fizéramos antes.

Consideramos esta observação de grande importância porque se não curarmos dela transtorna-se a perfeita formação das manchas.

2 — *Papel de acetato de chumbo e de filtro :*

Sucedeu algumas vezes durante o decorrer dos nossos ensaios não se formar a mancha padrão na extremidade inferior da tira de papel de Cl_2Hg ; em contrapartida a mesma tira apresentava uma pigmentação negra em toda a sua superfície, — não se havia pois conseguido, nesses casos excepcionais, a formação da mancha nem a sua localização no sítio habitual.

Procurámos, estudando minuciosamente toda a aparelhagem, onde se poderia ir encontrar a causa deste para nós novo acidente, e chegámos à conclusão de que ele era devido ao grande aperto a que submetíamos o papel de filtro (destinado a absorver a humidade), ou o papel de acetato de chumbo (destinado a absorver o PH_3 , SbH_3 e SH_2).

Em todos os ensaios que executámos com o intuito de obter aquela pigmentação, nem um só deixou de mostrar a falta da mancha localizada no ponto característico, e todos produziram na tira de papel de Cl_2Hg um enegrecimento, mais ou menos pronunciado, que acompanhava a tira em toda a ou quase toda a sua extensão.

É pois de importância fundamental deixar à vontade os referidos papéis dentro do tubo, para que o AsH_3 possa escapar-se livremente e não seja obrigado a fazê-lo devagar, permanecendo dentro do frasco, aonde se passa a reacção, mais tempo do que devia e só a muito custo e vagorosamente passar através de uma ou das duas barreiras filtrantes (consoante está um ou os dois papéis apertados).

PARALELO ENTRE AS TÉCNICAS USADAS
NAS VÁRIAS FARMACÓPEIAS

O conceito de arsénio como impureza condenável existente numa droga destinada a usos farmacêuticos, difere de um grupo de Farmacopeias para outro. Assim dum lado aparece-nos um grupo que rejeita a droga se ela contiver, pura e simplesmente, arsénio; e de outro lado aparece-nos outro grupo que a rejeita só quando ela o contiver em determinadas proporções — sempre pequenas, é claro.

No primeiro grupo estão incluídas as Farmacopeias: espanhola, brasileira, francesa e italiana.

No segundo grupo estão as Farmacopeias: inglesa, americana e portuguesa.

Os reagentes qualitativos empregados nos ensaios das Farmacopeias incluídas no primeiro grupo, diferem de Farmacopeia para Farmacopeia, e até dentro de cada uma diferem com a natureza da droga em que se vai pesquisar o As como impureza. Duma



Fig. V

Aparelho de Leonardon
e
Delepine

Fig. VI

Aparelho da Farmacopeia
Americana
(rolha de borracha)

maneira geral o Codex emprega o reagente hipofosforoso (hipofosfito de sódio + ácido clorídrico), a Farmacopeia Espanhola emprega o Reagente de Bettendorff (cloreto estânico + ácido clorídrico e o aparelho de Marsh apenas qualitativamente pela apreciação dos clássicos anéis), a F. Brasileira emprega também o R. hipofosforoso e a italiana o R. de Bettendorff.

Os métodos de doseamento da impureza preconizados pelas farmacopeias que incluímos no segundo grupo, têm todas como base a técnica original de CRIBIER, mais ou menos modificada. É contudo na F. P. que a semelhança é maior: a aparelhagem é cópia fiel da de CRIBIER, os reagentes idem e as doses destes só diferem no ácido sulfúrico.

Tanto a F. Inglesa como a F. Americana, esta empregando o papel de Br_2Hg , modificaram bastante o aparelho de forma a eliminar-lhe várias causas de erro e opinaram pelo estabelecimento de uma temperatura fixa, o que torna os ensaios mais comparáveis entre si.

É pois a F. Portuguesa, deste grupo a que chamámos segundo, aquela em que a técnica é mais grosseira, e tão grosseira quanto é certo que é filha directa da de CRIBIER, a qual evidentemente ninguém hoje em dia se lembraria de preconizar, sem atender às observações críticas de suma importância, escritas por uma pleiade autorizada de homens de ciência que a têm experimentado.

Em nosso entender achamos que ela devia ser rectificada em nova edição da F. P. por forma a torná-la útil aos farmacêuticos debaixo do ponto de vista quantitativo, visto que é de extrema sensibilidade¹ e exige uma aparelhagem muito pouco dispendiosa e de fácil manejo.

RESUMO — CONCLUSÃO

Dos conhecimentos retirados dos nossos ensaios e também do que lemos na maior parte dos experimentadores da técnica de CRIBIER, a qual é utilizada sem modificação de maior para o doseamento de vestígios de arsénio numa droga, pela F. P. concluímos:

1) — Quanto à técnica:

a) — Que a redacção da técnica deve sofrer melhoramentos, só assim podendo tornar-se útil aos farmacêuticos que a queiram utilizar. Esses melhoramentos devem atender à:—

b) — fixação da temperatura a que o ensaio deve decorrer.

c) — fixação da qualidade ou marca do papel se for de grão fino, e indicação da marca ou número se for papel de filtrar, bem como, neste caso, indicação do sentido em que deve ser cortado (sentido paralelo ou perpendicular à estriação predominante).

¹ Obtém-se uma mancha bastante nítida com quantidades da ordem do milésimo do miligrama.

d) — Os resultados obtidos nos nossos ensaios levam-nos a aconselhar o papel cortado no sentido paralelo ao da estriação predominante.

e) — Fixação das quantidades de zinco — devem ser as mesmas para a obtenção de todas as manchas.

f) — Substituição da rolha de cortiça por uma de borracha, uma vez que um aparelho todo de vidro como o da *Fig. V* e de ligações esmerilhadas se tornaria muito dispendioso, embora constituisse o ideal.

2) — Quanto à intensidade de coloração e comprimento das manchas :

a) — Que a intensidade das manchas não aumenta progressivamente se usarmos a técnica da F. P. sem restrição.

b) — O mesmo sucede ao comprimento das mesmas.

c) — Que a intensidade não corre paralelamente ao comprimento como devia suceder.

d) — Que o papel que melhor resultado deu foi o papel de filtro vulgar, de grão fino, cortado no sentido paralelo ao das estrias predominantes.

e) — Que as manchas não secas não se conservaram. A melhor maneira de as conservar é a preconizada pela F. P. — seca-gem a 100° e guardadas ao abrigo da luz em frasco amarelo.

Finalmente devemos acrescentar que nos parece não ser necessário um doseamento do arsénio como impureza numa droga — critério seguido pela F. P., F. Americana e F. Inglesa. Para condenar a referida droga basta que nela se encontre arsénio — critério seguido pela F. Francesa, F. Espanhola, F. Brasileira e F. Italiana.

Lisboa, 30 de Novembro de 1945.

Centro de Documentação Farmacêutica

BIBLIOGRAFIA

BRUNI GIUSEPPE — *Chimica Generale e Inorganica*, 1939.

CRIBIER, M. J. — *Recherche de l'arsenic par le methode colorimétrique*. Comunicação feita à Sociedade de Farmácia na sessão de 6 de Julho de 1921.

Farmacopeia Portuguesa — 1936.

Farmacopeia Americana — 1936.

Farmacopeia Inglesa — 1932.

Farmacopeia Francesa — 1938.

Farmacopeia Espanhola — Última edição.

Farmacopeia Brasileira —

Farmacopeia Italiana —

GRIFFON, H. e BUISSON, M. — *Journal Pharmacie et de Chimie*, 1933, 8.^a série, tomo XVIII.

GRIFFON, H. e BUISSON, M. — *Journal Pharmacie et de Chimie*, 1934, 8.^a série, tomo XIX.

WURTZ, AD. — *Chimie Médicale Inorganique*.

ACTIVIDADE CIENTÍFICA

NACIONAL E ESTRANGEIRA

Sociedades — Congressos — Actualidades

PRÉMIOS «COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE» E «DOUTOR MANUEL FERNANDES CRUZ»

A Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos — Sociedade Farmacêutica Lusitana — em sua sessão de 23 de Outubro de 1946, aprovou, de acordo com os instituidores dos Prémios acima referidos, algumas alterações aos respectivos Regulamentos, datados de 23 de Maio de 1944, os quais se publicam seguidamente, na sua nova redacção:

Regulamento do Prémio Anual «Companhia Portuguesa Higiene»

1.º — No intuito de contribuir para a elevação científica da Classe Farmacêutica portuguesa e estimular a investigação no campo da ciência Químico-Farmacêutica é instituído no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) um Prémio Anual da importância de 5.000\$00 (cinco mil escudos).

§ Único — O Prémio denomina-se «Companhia Portuguesa Higiene» em homenagem a essa organização industrial, que é a sua instituidora.

2.º — O Prémio é destinado a Farmacêuticos portugueses e será atribuído ao autor do melhor trabalho experimental sobre *Química-Farmacêutica*.

3.º — Podem concorrer a este Prémio todos os diplomados em Farmácia pelas respectivas Faculdades ou Escolas portuguesas, com excepção de Professores destes estabelecimentos de ensino.

4.º — Dos trabalhos, dactilografados a 2 espaços, dum só lado do papel e escritos em língua portuguesa, serão entregues 5 exemplares no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) até ao dia 31 de Dezembro de cada ano.

§ 1.º — Cada trabalho entregue será subscrito com um pseudónimo e acompanhado dum envelope fechado e lacrado, contendo exteriormente o pseudónimo e o título do trabalho e na parte de dentro uma nota com o nome e o endereço do autor.

§ 2.º — Os envelopes referentes aos trabalhos premiados ou com Menção Honrosa, serão abertos na sessão em que reunir o Júri do Prémio.

5.º — O Júri que apreciará estes trabalhos será constituído por um representante da Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) e por duas entidades de reconhecido mérito escolhidas pela Direcção do mesmo Organismo.

§ 1.º — Para efeito da apreciação final dos trabalhos apresentados o Júri reunirá no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) até ao dia 1 de Março, assistindo um representante da Companhia Portuguesa Higiene, o qual, porém, não terá voto deliberativo.

§ 2.º — Se o Júri entender que nenhum dos trabalhos apresentados tem valor científico para lhe ser atribuído o Prémio, a respectiva importância

será destinada no ano seguinte a outro Prémio, ficando, porém, este anulado se nesse ano não houver concorrentes ou não merecerem classificação os trabalhos apreciados.

§ 3.º—A atribuição do Prémio será feita por maioria de votos e das decisões do Júri não haverá recurso.

§ 4.º—Poderá ser conferida Menção Honrosa a qualquer trabalho que, embora não merecendo o Prémio, se revista de valor reconhecido por unanimidade de votos.

§ 5.º—Os trabalhos não premiados poderão ser devolvidos aos autores que os requeiram por escrito.

6.º—Os trabalhos premiados serão publicados no «Jornal dos Farmacêuticos» ou em outra revista de Farmácia, portuguesa, de acordo com a Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) podendo também ser publicados os que forem distinguidos com a Menção Honrosa.

§ Único—Os autores dos trabalhos premiados receberão 50 Separatas após a sua publicação.

7.º—A entrega do Prémio será feita pelo Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) com a presença dum representante da Companhia Portuguesa Higiene, em sessão expressamente realizada para esse fim, no aniversário da Fundação da Sociedade Farmacêutica Lusitana, em 21 de Julho de cada ano.

Regulamento do Prémio Anual «Doutor Manuel Fernandes Cruz»

1.º—Instituído pelo Ex.^{mo} Sr. Carlos José de Oliveira, digno Administrador Delegado da Companhia Portuguesa Higiene, é criado no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) um Prémio Anual da importância de 3.000\$00 (três mil escudos).

§ Único—O Prémio denomina-se «Doutor Manuel Fernandes Cruz» em homenagem à memória deste ilustre Professor Catedrático da Faculdade de Farmácia de Lisboa, por expressa indicação do seu instituidor.

2.º—O Prémio é destinado a farmacêuticos portugueses e será atribuído ao autor do melhor trabalho experimental sobre *Plantas Medicinaes Portuguesas*.

3.º—Podem concorrer a este Prémio todos os diplomados em Farmácia pelas respectivas Faculdades ou Escolas portuguesas, com excepção de Professores destes estabelecimentos de ensino.

4.º—Dos trabalhos, dactilografados a dois espaços, dum só lado do papel e escritos em língua portuguesa, serão entregues 5 exemplares no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) até ao dia 31 de Dezembro de cada ano.

§ 1.º—Cada trabalho entregue será subscrito com um pseudónimo e acompanhado dum envelope fechado e lacrado, contendo exteriormente o pseudónimo e o título do trabalho e na parte de dentro uma nota com o nome e o endereço do autor.

§ 2.º—Os envelopes referentes aos trabalhos premiados ou com Menção Honrosa, serão abertos na sessão em que reunir o Júri do Prémio.

5.º—O Júri que apreciará estes trabalhos será constituído por um representante da Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) e por duas entidades de reconhecido mérito escolhidas pela Direcção do mesmo Organismo.

§ 1.º—Para efeito da apreciação final dos trabalhos apresentados o Júri reunirá no Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) até ao dia 1 de Março, assistindo o instituidor do Prémio ou seu delegado, o qual, porém, não terá voto deliberativo.

§ 2.º—Se o Júri entender que nenhum dos trabalhos apresentados tem valor científico para lhe ser atribuído o Prémio, a respectiva importância

será destinada no ano seguinte a outro Prémio, ficando, porém, este anulado se nesse ano não houver concorrentes ou não merecerem classificação os trabalhos apreciados.

§ 3.º—A atribuição do Prémio será feita por maioria de votos e das decisões do Júri não haverá recurso.

§ 4.º—Poderá ser conferida Menção Honrosa a qualquer trabalho que, embora não merecendo o Prémio, se revista de valor reconhecido por unanimidade de votos.

§ 5.º—Os trabalhos não premiados poderão ser devolvidos aos Autores que os requeiram por escrito.

6.º—Os trabalhos premiados serão publicados no «Jornal dos Farmacêuticos» ou em outra revista de Farmácia, portuguesa, de acordo com a Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana), podendo também ser publicados os que forem distinguidos com Menção Honrosa.

§ Único—Os autores dos trabalhos premiados receberão 50 Separatas após a sua publicação.

7.º—A entrega do Prémio será feita pelo Presidente da Direcção do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) com a presença do instituidor do Prémio ou seu delegado, em sessão expressamente realizada para esse fim, no aniversário da Fundação da Sociedade Farmacêutica Lusitana, em 24 de Julho de cada ano.



I CONGRESSO LUSO-ESPAANHOL DE FARMÁCIA

O «Diário do Governo» de 18 de Julho do corrente publicou o seguinte:

Instituto para a Alta Cultura

Por despacho de 10 do corrente:

Aprovada a comissão para organizar a participação portuguesa no I Congresso Luso-Espanhol de Farmácia, assim constituída:

MESA DO CONGRESSO

Presidente—Prof. Dr. Anibal de Amaral e Albuquerque.

Vice Presidente—Prof. Dr. Manuel Pinheiro Nunes.

COMISSÃO EXECUTIVA

Prof. Dr. Anibal de Amaral e Albuquerque.

Prof. Dr. Manuel Pinheiro Nunes.

Prof. Dr. José Cipriano Rodrigues Dinis.

Prof. Dr. Raul de Carvalho.

Prof. Dr. Joaquim Mendes Ribeiro.

Dr. Adolfo Teixeira.

Dr. Aluísio Marques Leal (*secretário*).

DELEGADO DO GOVERNO

Prof. Dr. Artur Marques de Carvalho.

Representação universitária :

Faculdade de Farmácia do Porto :

Prof. Dr. Anibal do Amaral e Albuquerque.

Prof. Dr. Artur Marques de Carvalho.

Prof. Dr. Abel da Silva Pereira.

Escola de Farmácia de Coimbra :

Prof. Dr. José Cipriano Rodrigues Dinis.

Prof. Dr. Guilherme de Barros e Cunha.

Prof. Dr. José Ramos Bandeira.

Escola de Farmácia de Lisboa :

Prof. Dr. Raul de Carvalho.

Prof. Dr. Joaquim Mendes Ribeiro.

Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana) :

Prof. Dr. Manuel Pinheiro Nunes.

Dr. António Augusto Moz Teixeira.

Dr. Luís de Sousa Dias.

Inspecção do Exercício Farmacêutico :

Dr. Bernardino Alvaro Vicente de Pinho.

Dr. José do Souto Teixeira.

Farmacêuticos Militares :

Major-Farmacêutico — Dr. José Pedro Alves.

Tenente-Farmacêutico — Dr. Francisco de Jesus Góis de Oliveira.

Farmacêuticos Navais :

Capitão-tenente Farmacêutico — Dr. Carlos Cândido Coutinho.

Capitão-tenente Farmacêutico — Dr. Carlos Marques de Sousa.

Farmacêuticos Hospitalares :

Dr. Miguel Fadon Lizazzo.

Dr. Aluísio Marques Leal.

Farmacêuticos Coloniais :

Coronel Farmacêutico Daniel da Silva Marques Perdigão.

Comissão da Farmacopeia Portuguesa :

Tenente-Coronel José Maria Pinto da Fonseca.

Imprensa Farmacêutica :

Dr.^a Silvina Fontoura de Carvalho (pelo *Eco Farmacêutico*, de Lisboa).

Prof. Dr. Armando Laroze Rocha (pelos *Anais da Faculdade de Farmácia do Porto*).

Prof. Dr. Aloísio Fernandes Costa (pelo *Boletim da Escola de Farmácia e pelo Notícias Farmacêuticas*, de Coimbra).

Dr. Januário de Oliveira Júnior (pelo *Jornal dos Farmacêuticos*).

Indústrias Farmacêuticas:

Prof. Dr. Bernardo Augusto da Costa Simões, major Farmacêutico.

Secretaria do Instituto para a Alta Cultura, 13 de Julho de 1946. — O Secretário, A. de Medeiros Gouveia.



CONGRESSO LUSO-ESPAÑHOL PARA O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

Foi superiormente resolvido que o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências marcado para Outubro de 1946, fosse transferido para a Páscoa de 1947, realizando-se na cidade de San Sebastian.

ACTIVIDADES DA ESCOLA DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A — VIII Ciclo de Lições de Interesse Colonial

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Durante o VIII ciclo de lições de interesse colonial, realizado na Escola de Farmácia de Coimbra, foram proferidas as seguintes conferências:

— 18 de Maio de 1946 — D. Maria Serpa dos Santos «Sobre a natureza dos virus» (Complemento de: «Virus de algumas doenças tropicais»).

— 20 de Maio de 1946 — Dr. José Baeta Cardoso do Vale «As plantas medicinais e o Ultramar».

— 21 de Maio de 1946 — D. Maria Cornélia Tenreiro Teles Grilo do Amaral Espinha, «Diagnóstico Laboratorial de alguns parasitas intestinais dos climas quentes».

— 22 de Maio de 1946 — Dr. António Correia Alves, «O D.D.T. no saneamento dos territórios coloniais».

3 de Junho de 1946—Dr. Luís da Silva Carvalho, «Noções de farmacotecnia Ultramarina. III Preparações de pomadas absorvíveis».

—5 de Junho de 1946—Prof. Dr. José Ramos Bandeira, «Tomé Pires, boticário e primeiro embaixador à China».

B—VIII Curso de Férias (1946)

Como nos anos anteriores, teve também lugar na Escola de Farmácia de Coimbra o VIII Curso de Férias, que se iniciou em 1 de Agosto e encerrou a 15 do mesmo mês.

O programa foi o seguinte :

Sessão inaugural presidida pelo Ex.^{mo} Senhor Reitor. Alocação pelo Ex.^{mo} Director da Escola de Farmácia, Prof. Dr. José Cipriano Rodrigues Dinis.

Conferência pelo Ex.^{mo} Professor da Universidade de Lisboa, Dr. Raul de Carvalho.

Conferências :

I—Os grandes períodos da Arte de Curar.

PROF. DR. RAUL DE CARVALHO
(Director da Escola de Farmácia da Universidade de Lisboa)

II—Algumas palavras sobre a história do ensino de Farmácia em Coimbra.

PROF. DR. A. LOPES RODRIGUES
(Da Universidade do Porto)

III—Sapogeninas triterpénicas. Sua estrutura.

PROF. DR. F. PINTO COELHO
(Da Faculdade de Ciências de Coimbra)

IV—Importância das incompatibilidades medicamentosas na arte de curar.

PROF. DR. J. RAMOS BANDEIRA

V—Recentes aquisições sobre antibióticos.

D. MARIA SERPA DOS SANTOS

VI—Novos conceitos da esterilização.

DR. L. DA SILVA CARVALHO

Sessão de encerramento no dia 15 de Agosto.

Cursos Práticos :

Das 9 às 12 e das 15 às 17

I—Dosagem do bismuto em suspensões oleosas injectáveis.

II—Dosagem do iodo em compostos orgânicos e nas peptonas iodadas.

- III— Dosagem do ferro reduzido, segundo várias Farmacopeias.
DR. L. DUARTE RODRIGUES
- IV— Resolução de incompatibilidades de algumas prescrições
médicas.
- V— Dosagem da vitamina P.P. em preparações farmacêuticas.
DR. RAMIRO R. DE CARVALHO
- VI— Reacções de Wassermann e Kahn.
- VII— Reacções de aglutinação. PROF. DR. J. RAMOS BANDEIRA
- VIII— Ensaio de hipoglicemiantes naturais.
- IX— Análise de cravagens de centeio.
PROF. DR. ALOÍSIO FERNANDES COSTA
- X— Dosagem dos taninos nas drogas pela antipirina.
DR. J. CARDOSO DO VALE
- XI— Preparação de formas farmacêuticas de penicilina.
DR. L. DA SILVA CARVALHO
- XII— Dosagem de vitaminas por métodos microbiológicos.
D. MARIA SERPA DOS SANTOS
- XIII— Reacções microquímicas do arsénio.
- XIV— Dosagem do arsénio nos medicamentos pelo método de
Kahane. D. MARIA CORNÉLIA GRILO DO AMARAL ESPINHA
- XV— Preparações galénicas de sulfamidas.
DR. A. CORREIA ALVES

Lições Teóricas :

As 17 e meia horas

- I— Máquinas e Aparelhos para a Preparação de Solutos In-
jectáveis. DR. L. DUARTE RODRIGUES
- II— Recentes aquisições sobre análises de aplicação à clínica.
PROF. DR. J. RAMOS BANDEIRA
- III— Sobre a formação e alteração dos princípios activos nas plan-
tas medicinais. Seu interesse em Farmácia Galénica.
PROF. DR. ALOÍSIO FERNANDES COSTA
- IV— A diacolação em Farmácia Galénica.
DR. J. CARDOSO DO VALE
- V— Os arsenicais em terapêutica.
D. MARIA CORNÉLIA GRILO DO AMARAL ESPINHA
- VI— Os amino-ácidos em terapêutica. DR. A. CORREIA ALVES

Visitas de estudo e excursões:

- a) Laboratório de análises da Fábrica de Curtumes de Coimbra.
- b) Visita à Sociedade de Porcelanas, L.^{da} — Arregaça.
- c) Laboratório Belo Marques — Alcobaça.
- d) Visita à Estância Termal do Luso.
- e) Visita à Praia da Figueira da Foz.



DOUTOR ALOÍSIO JOSÉ DE CARVALHO FERNANDES COSTA

Na Faculdade de Farmácia do Porto prestou, com muito brilhantismo, provas de doutoramento o Sr. Dr. Alosio José de Carvalho Fernandes Costa, que há alguns anos, na situação de Professor extraordinário, vem regendo a cadeira de Farmacognósia da Escola de Farmácia de Coimbra.

O Doutor Aloísio Fernandes Costa, que há bastante tempo vem dedicando particular atenção ao estudo químico das essências, apresentou uma valiosa dissertação intitulada: «Subsídios para o estudo das plantas aromáticas portuguesas — Algumas essências de *Tymus L.*», conferindo-lhe o júri, por unanimidade, uma alta classificação.

A direcção do «Jornal dos Farmacêuticos» felicita o novo Doutor e faz votos pelo constante êxito dos seus trabalhos.

Das Revistas e dos Jornais

Centro de Documentação Farmacêutica NOVOS REMÉDIOS da Ordem dos Farmacêuticos

Acido Fólico. Anon: Pharm. J. 157, 129 (1946)

Este constituinte do complexo vitamínico B é um produto de condensação do ácido p.amino-benzoilglutâmico e da 2-amino-4-hidroxi-6-metilpteridina.

O produto parece ter um papel importante no tratamento das anemias.

Pode administrar-se por via oral (10 a 150 mg) intramuscular (75 mg) ou intravenosa. As soluções injectáveis preparam-se neutralizando-o com CO_3HNa ou com fosfato dissódico. O produto pode esterilizar-se no autoclave.

Amethone. Ref. dos Lab. Abbott: J. Am. Pharm. Assoc. (Ed. Pr.) (Maio 1946)

Trata-se dum novo composto, estável e pouco tóxico, destinado ao tratamento de dores espasmódicas, sobretudo do aparelho urinário, e que é quimicamente o cloridrato 3 (β dietilaminoetil) 3-fenil-2 benzofuranona.

Apresenta-se em cápsulas (a 50 mg) e soluto injectável (0,1 g em 2 cm³).

Anthalan. M. O. Holland: Am. J. Pharm. 118, 211 (1946).

Com este nome foi apresentado recentemente nos E. U. A. um novo anti-alérgico, que é quimicamente a lactona do ácido β galhico- α -di (N-butyl) amino-etanol, sob a forma de cápsulas doseadas a 0,085 g.

FARMÁCIA GALÉNICA

Emulsão de óleo de ricino. Anon. Pharm. Acta Helv. 20,320 (1946) apud Pharm. J. 156,88 (1946).

I	Óleo de ricino	40	cm ³
II	Sacarina	0,02	g.
	Vanilina	0,04	g.
	Álcool absoluto	0,44	cm ³
III	Goma arábica desenzimada	10	g.
	Goma adragante	2	g.
	Extracto de café	4	g.
	Água destilada	q. b. p.	100 cm ³

Dissolver II, juntar a I e III e cerca de 20 cm³ de água; emulsionar; juntar o extracto e completar o volume.

Esterilização das ampolas de prostigmina. P. Morch: Dansk Tids. Farm. 20,83 (1946) apud Schw. Apoth. Ztg. 84,699 (1946).

Em meio alcalino, o produto decompõe-se quando autoclavado a 120°.

Aconselha-se levar a pH vizinho de 6, utilizar vidro neutro e autoclavar a solução, mesmo a 120°.

A decomposição é inferior a 0,2 %.

Excipientes tipos para pomadas. A. R. G. Chamings: Pharm. J. 157,134 (1946).

O A. refere a preferência que deve dar-se aos excipientes emulsivos modernos, em especial do tipo «óleo-em-água». Citam-se fórmulas tipos dum excipiente deste género (I), outro do tipo «água-em-óleo» (II), um excipiente gordo e anidro (III) e um mucilaginoso (IV):

	I	II	III	IV
Cera " Lanete SX "	15	—	—	—
Vaselina mole	35	37	50	—
Vaselina dura	—	10	—	—
Alcoois da lã	—	3	—	—
Lanolina	—	—	50	—
Parafina líquida	—	—	—	10
Alginato de sodio	—	—	—	10
Água	50	50	—	80

Fórmula de supositorios anti-hemorroidais. Anon: New Jersey J. Pharm. (Julho 1946) apud Pharm. J. 157,179 (1946).

A fórmula seguinte, destinada a preparar supositorios de 2 g, vem inscrita no *New Jersey Formulary IV*:

Dermatol	2,4 g.
Oxido de zinco	2,2 "
Resorcina	0,12 "
Benzocaina	0,24 "
Balsamo do Perú	0,60 "
Oleo de cacao	q. b. p. 24,0 "

Pastilhas de Penicilina. P. Boymond: Ph. Acta Helv. 21,47 (1946).

O A. aconselha de preferência as pastilhas à base de gelatina, a fórmula seguinte que daria um produto que se dissolve lentamente na boca.

Goma adragante	1,6 g.
Glucose	50 "
Açucar	194,0 "
Penicilina	100.000 U.
Água	q. b. (± 15 cm ³)

Misturar os pós em almofariz; juntar o soluto de penicilina; triturar; obter 200 pastilhas. Colocar na geleira 24 h.; secar no vácuo; colocar novamente na geleira. O produto mantém-se bem, alguns dias, mesmo a 20°.

FARMACOGNÓSIA

Alguns ensaios de gelose. S. N. Bal e colab.: Pharm. J. 157.152 (1946).

Num trabalho sobre as características da gelose Indiana os AA. referem ensaios de indentificação (formação de gel a 1 %; reacções de coloração com o I) e de pureza (ausência de amido, resíduo insolúvel, humidade, gelatina), referindo ainda que deve ter 4,5 a 5 % de proteínas e 40-42 % de galactose.

Processos de refinação de óleos de pelxes. L. O. Buxton: U.S. pat. 2.380. 411 apud J. Am. Pharm. Assoc. (Abst.) 35,278 (1946).

O A. refere a seguinte técnica:

Tratar o óleo com OHK a 45 %, para neutralizar os ácidos livres e saponificar 10-40 % dos gliceridos; diluir com um hidrocarboneto ou hidrocarboneto halogenado (dicloroetana); separar o sabão por filtração; eliminar o solvente por evaporação. Esgotar o óleo a -18° , com CH_3OH (eliminar matérias corantes e alcoóis vitamínicos).

Obtém-se assim um óleo límpido, refinado, com vitamina A sob a forma de éster.

QUÍMICA BIOLÓGICA

Determinação do colesterol no soro sanguíneo. A. Bernardi: Arch. Farm. Bioq. (Tucuman) 2,319 (1945).

O A. num trabalho muito completo, propõe uma nova técnica de dosagem fotométrica (com o Pulfrich, filtro S. 61) do colesterol, sem necessidade de saponificação prévia do soro sanguíneo.

O soro é triturado com sulfato de cobre anidro e clorofórmio; o extracto clorofórmico, filtrado e anidro, é adicionado de ácido sulfúrico e anidrido acético. Faz-se depois a leitura fotométrica, tomando nota da extinção máxima (temperatura entre 14° e 16°) - Coeficiente extinção 0,0785.

O método dá resultados comparáveis aos métodos que utilizam saponificação prévia.

Pesquisa da albumina na urina por meio dum papel especial. R. H. Goodale: U. S. pat. 2314 336 (Março 1943) apud J. Am. Ph. Assoc. (Abst.) 33,164 (1944).

O A. propõe o emprego dum papel de filtro seco, impregnado de ácido sulfo-salicílico.

A urina filtrada através deste filtro, dá um líquido turvo, em presença de albumina.

QUÍMICA FARMACÊUTICA

Algumas propriedades e ensaio do dipropionato de dietil estilbestrol. N. N. R.: apud J. Am. Pharm. Assoc. (Ed. Pr.) 7,276 (1946).

Este composto prepara-se por esterificação do dietilestilbestrol pelo cloreto do ácido propiônico, e recristalização do álcool. É um pó cristalino, branco, inodoro, $pf=105-107^{\circ}$. Insolúvel na água, ácidos e alcalis; solúvel nos solventes orgânicos habituais e óleos vegetais.

Com o SO_4H_2 conc. dá coloração alaranjada, que desaparece por diluição com água.

Refere-se a pesquisa de impurezas habituais e dosagem (saponificação pela OHK em CH_3OH , esgotamento com éter em meio ácido; pesagem do resíduo).

Dosagem fotométrica da prostigmina. I. Ehrlen: Farm. Revy. 44,733 (1945) apud J. Am. Pharm. Assoc. (Abst.) 35,131 (1946).

O método que utiliza o fotómetro de Pulfrich e o filtro S. 50, baseia-se na coloração vermelha obtida, em meio alcalino, por condensação do ácido diazobenzenosulfônico com o 3-dimetil-aminofenol (que resulta da decomposição da prostigmina pelo calor).

Ensaio do cloridrato de emetina; método modificado. D. P. Lowdell: Pharm. J. 156,141 (1946).

Quando se doseia o cloridrato de emetina por pesagem do alcaloide base os resultados são geralmente altos; resultados bons obtém-se por titulação directa, em presença de éter e tintura de cochonilha.

O A. propõe um novo método, rápido e preciso, que consiste em libertar a base, esgotá-la pelo éter e tratar depois o líquido etéreo com excesso de SO_4H_2 , $N/10$; no líquido aquoso separado, titula-se o excesso de ácido com soda, $N/10$ em presença do vermelho de metilo.

Nova reacção microscópica da cafeína e sua diferenciação das outras metilxantinas. V. Arreguine: An. Assoc. Quim. Arg. 160,59 (1943) apud Afinid. 21,476 (1944).

A cafeína, em meio neutro e em presença de soluto iodo-iodetado, dá com o sulfato de amónio um pp. microcristalino, castanho, característico (prismas oblíquos).

A reacção (que tem a sensibilidade de 1:3000) não é dada pela teofilina e teobromina.

A. M. L.

Bibliografia

TITULAÇÕES POTENCIOMÉTRICAS

ALGUMAS APLICAÇÕES À FARMÁCIA

Pelo Dr. José Ferreira do Vale Serrano

A orientação que o Autor deu à sua dissertação merece franco louvor. Não vale a pena discutir se essa orientação é a que melhor se ajusta aos moldes clássicos dos concursos nas nossas Universidades, mas podemos verificar que, sem excluir boa soma de trabalho experimental próprio (e algum original), a tese se condensa num livro de sequência lógica, com matérias bem escolhidas e equilibradas, podendo servir, na sua primeira parte, como introdução suficiente para quem deseje iniciar-se na potenciometria e apresentando, na parte II, alguns métodos muito úteis na análise de vários produtos que interessam à Farmácia.

E são precisamente, o critério na escolha e ordenação dos princípios teóricos e a preocupação constante da utilidade, que a meu ver, conferem ao trabalho o seu maior valor.

A 1.^a parte, dedicada à teoria, começa pela exposição sucinta e muito clara das bases da teoria iónica dos electrólitos, entrando logo no capítulo II a tratar dos assuntos que mais directamente se ligam com a análise potenciométrica, fazendo a classificação das reacções e estudando estas sucessivamente. A questão do potencial dos eléctrodos, com base na teoria de Nernst, ocupa o capítulo III. Em qualquer dos capítulos se nota a preocupação de não fazer luxo de fórmulas e de levar a precisão só até ao ponto em que a natureza dos métodos experimentais correntes o justificam. Isso não impede que logo desde o princípio, em notas ou no próprio texto, se indique o caminho a seguir quando se deseje tratamento mais rigoroso ou mais geral das questões; assim se enuncia o conceito de actividade, faz-se referência à generalização de «acidez» e insiste-se a miúdo sobre as condições que limitam a aplicação das algumas fórmulas aproximadas.

O capítulo IV já tratava das particularidades da teoria das titulações potenciométricas, mas ainda sob o ponto de vista teórico. O capítulo seguinte, sobre velocidade das reacções, ganharia em ser deslocado, para antes do III: a ordenação, assim, ficaria mais lógica.

Já com suficiente fundamento teórico, o capítulo VI descreve os meios de realização das técnicas potenciométricas.

Passando em revista os vários eléctrodos indicadores que po-

dem usar-se, dá pormenores de ordem prática sobre os mais importantes, o mesmo fazendo acerca dos eléctrodos de referência, pontes salinas, modos de determinação do ponto final das reacções, métodos de medida e dispositivos potenciométricos.

Vê-se que o Autor praticou a maior parte das técnicas a que se refere, de modo que este capítulo, com poucos acrescentamentos, poderia servir como guia de trabalhos práticos para titulações potenciométricas. Não é este dos menores méritos do trabalho do Dr. Serrano.

O trabalho pròpriamente experimental vem exposto na parte II, onde se referem muitas aplicações do processo a problemas bem escolhidos de análise de produtos farmacêuticos. Algumas das técnicas referidas foram criadas ou melhoradas pelo Autor e a sua descrição é suficiente para que qualquer analista, com certa prática dos métodos electrométricos, as possa reproduzir. Quem deseje adquirir aquela prática encontra, aliás, em todo o livro indicações e pormenores bastantes para o conseguir.

Vale a pena mencionar nesta referência as questões analíticas abordadas, quase todas satisfatoriamente resolvidas no trabalho. São elas: determinação do *iodeto* nos xaropes iodo-tânico e de iodeto ferro nas pílulas do mesmo sal, na peptona iodada e no iodo-mercurato de potássio; da *prata*, no proteinato, vitelinato e na prata coloidal; do *mercúrio*, no cloreto mercúrico, sulfato básico e no iodeto; do *iodo* livre, no soluto de Lugol e na tintura de iodo; do *ferro*, nas pílulas de carbonato ferroso, no oxalato, no soluto oficial de cloreto férrico, e no citrato de ferro amoniacal; do *arsénio* no licor de Fowler. Dos produtos orgânicos, ensina-se a dosear por titulação potenciométrica a sulfanilamida, sulfatiazol, sulfapiridina, sulfaguanidina, sulfametazina, fenazona, ácido salicílico, benzocaina, procaína e fenil-semicarbazida. Para as duas últimas substâncias e para as sulfamidas, além da titulação oxidimétrica, cita o Autor e descreve o elegante método de «diazotação».

Como a respeito de outras dosagens, são dadas indicações práticas muito úteis. O Autor não se contentou em reproduzir as técnicas já conhecidas: aperfeiçoou-as e diz-nos, com louvável concisão e sobriedade, as melhores condições que encontrou para as realizar. Quem conhece as dificuldades do trabalho analítico, fica agradecido por assim se oferecer, sem tabelas numerosas, nem pormenores inúteis, o melhor meio e o mais rápido de fazer as dosagens. Há uma grande soma de trabalho e de esforço próprio por detrás daquela meia dúzia de linhas em que o Autor dá a «receita» das análises.

Encarando pois a obra do Dr. José Ferreira do Vale Serrano como livro-guia de titulações potenciométricas, em especial para análise de produtos farmacêuticos (como dissertação, já ela foi apreciado por quem de direito) encontram-se motivos de sobra para felicitar o Autor. Parece-nos até que valeria a pena num ou noutro ponto completar o livro e fazer-lhe revisão ainda mais cuidada (por exemplo, vem errado por evidente lapso, o factor numérico da pág. 39 e a referência, a pág. 158, do método de Wilcox está certa apenas em macro-análise, pois para pequenas quantidades de ião borato a titulação potenciométrica é a única possível).

Na bibliografia, que é abundante e bem escolhida, denotando estudo consciencioso, notamos uma falha; porque não foram citados os trabalhos de Vlès a propósito do eléctrodo de antimónio?

Mas isto não chega a ser crítica...

O próprio método que o Autor adoptou nas citações, pondo as referências no fim, cada uma com o seu número, é a meu ver o melhor.

Toda a exposição é muito clara e a redacção excelente.

É de esperar que, em futura edição da Farmacopeia Portuguesa ou em possíveis aditamentos à actual, se tome em consideração o trabalho do Dr. Serrano; em vários casos, os processos que descreve são certamente os melhores para a análise das respectivas substâncias.

Lisboa, 30 de Outubro de 1946.

A. HERCULANO DE CARVALHO

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Com destino à Biblioteca do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos (Sociedade Farmacêutica Lusitana), recebemos as seguintes publicações:

OFERTAS DE AUTORES E EDITORES

Do Ex.^{mo} Sr. Prof. Doutor Aloísio Fernandes Costa:

«Curriculum Vitae».

«Subsídios para o estudo das plantas aromáticas portuguesas».

Do «*Bolletino Chimico Farmacêutico*» :

«La Farmacia al Farmacista» pelo Dot. Romolo Mazzucco.
(1 Sep.).

Da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos :

«Águas minerais do Continente e Ilhas de S. Miguel» (1 vol.).

«Águas de Portugal», pelo Engenheiro Luís Acciainoli.
(2 vols. 1939-1940).

«Águas de Portugal», pelo Engenheiro Luís Acciainoli.
(2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º vols.).

«Alguns Jazigos do Alentejo» (1 vol.).

«Ante Projecto para a modificação da captagem das águas da Curia» pelo Engenheiro Carlos Freire de Andrade (1 vol.).

«Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro». (Fasc. 1-2 e 3-4).

«Estudo Preliminar de Castinas e da localização das Oficinas de Siderurgia», por Artur Augusto da Fonseca (1 vol.).

«Jazigo de Montemor-o-Novo» (1 vol.).

«Le Portugal Hydrologique et Climatique» (2.º, 3.º e 4.º vols. e índice respectivo).

Da Direcção Geral de Saúde — *Dispensário de Higiene Social, Lisboa* :

«O Serviço de Inspeção de toleradas no ano de 1945», por A. Tovar de Lemos (1 opusc.).

Do Instituto Pasteur de Lisboa :

«A asma brônquica», por W. A. Sodeman.

«A ciência da nutrição aplicada à saúde pública», por H. E. Magee.

«A propos des bactériémies expérimentales par le «*Streptococcus viridans*», por F. Rodrigues Nogueira.

«Hipertensão essencial», por R. Cunliffe Shaw, M. S. C. F. R. C. S.

«Lesões traumáticas das artérias» edição da Sub-Comissão de tramatismos Vasculares da Comissão de Feridas de Guerra do M. R. C.

«O Tratamento da doença das coronárias», por Charles C. Wolfarth.

Do Ex.^{mo} Sr. Cap.-farm. Dr. Leão Rodrigues de Almeida Correia :

«O serviço de águas nas manobras de 1945» (1 Sep.).

Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Luis da Silva Carvalho :

«Breves noções históricas sobre a forma medicamentosa Óvulo (1 Sep.).

«Noções de Farmacotecnia Ultramarina» (3 Sep.).

«O pH das soluções injectáveis e colírios aquosos» — II Considerações de natureza pratica (1 Sep.).

«Sobre a conservação da água redestilada» (2 Sep.).

Do Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Pinheiro Nunes :

Science de L'Homme», par Infantin et H. Saint-Simon (1 vol.).

Do Ex.^{mo} Sr. Prof. Dr. Ramos Bandeira :

«Acerca da inquinação de um produto farmacêutico industrializado» (1 Sep.).

«Farmácia e o Império Português» (1 Sep.).

«Alguns ensaios sobre a vitalidade das bactérias nas bebidas alcoólicas» (1 Sep.) (por M. Serpa dos Santos, Jesúna C. Fernandes e M. Carvalho Pontes).

«Cidade Universitária de Paris e instalações de ensino farmacêutico no Bairro Latino» (1 Sep.).

«Cidades Universitárias» ; (1 Sep.).

«Criptogamia e Fermentações» (1 Sep.).

«Diagnóstico Biológico da Gravidez» (1 Sep.).

«Exigências de uma Faculdade de Farmácia» (1 Sep.).

«Farmácia Galénica» — 2.^a Parte (1 Sep.).

«Microbiologia aplicada» (1 Sep.).

«Os tipos de Bacilo Diftérico nos portugueses» (2 Sep. ed. dif.).

«Química biológica e Análises bioquímicas» (1 Sep.).

«Relatório» (Lab. de Farm. Galénica da Esc. de Farm. de Coimbra) (1 Sep.).

Do Smithsonian Institution, Washington :

«Aspects of the Epidemiology of Tuberculosis», por Leland W. Parr.

«Biology and Medicine», por Asa Crawford Chandler.

«Brain Rhythmus», por E. D. Adrian.

«Human Limits iso Flight», por Bryan H. C. Matthews, C. B. E. A., Sc. D., F. R. S.

«Recent Advances in Anesthesia» por John C. Krantz, Jr.

«The Development of. Penicillin in Medicine», por H. W. Florey and E. Chain.

«The New Microscopes», por R. E. Seidel, M. D., and Elizabeth Winter.

VIDA PROFISSIONAL

ALTERAÇÃO DA TABELA DE HONORÁRIOS DAS MANIPULAÇÕES DE DROGAS E MEDICAMENTOS

Portaria n.º 11:547

Os honorários devidos aos farmacêuticos pela manipulação de drogas e medicamentos, não obstante a alta da remuneração do trabalho, continuam a ser regulados pela tabela aprovada pelo decreto n.º 20:437, de 25 de Julho de 1931, com as alterações introduzidas pelos decretos n.ºs 22:506, de 11 de Maio de 1933, e 26:704, de 19 de Junho de 1936.

Por outro lado, embora se reconheça a necessidade de se proceder à revisão do regimento dos preços dos medicamentos, as oscilações que ainda se verificam aconselham a que se proceda com a maior prudência, entregando-se à respectiva comissão permanente a revisão e actualização dos respectivos preços.

Por isso, dando satisfação, em parte, aos interesses dos profissionais de farmácia, sem deixar de atender aos interesses não menos respeitáveis do público, aprova-se desde já a tabela dos honorários das manipulações, devendo seguir-se a tabela dos preços, uma vez que a comissão encarregada da sua actualização dê por findos os seus trabalhos.

Nestes termos, ouvida a comissão permanente para a elaboração e revisão dos preços dos medicamentos, remodelada por portaria publicada no *Diário do Governo* n.º 08, 1.ª série, de 29 de Abril do corrente ano, e visto o disposto no alvará de 5 de Novembro de 1808, no artigo 43.º do decreto com força de lei de 3 de Dezembro de 1868, no artigo 10.º do decreto n.º 17:636, de 19 de Novembro de 1929, e no n.º 26.º do artigo 15.º do decreto-lei n.º 35:108, de 7 de Novembro de 1945: manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, o seguinte:

É aprovada a tabela dos honorários das manipulações de drogas e medicamentos, que faz parte da presente portaria.

Ministério do Interior, 28 de Outubro de 1946.—O Subsecretário de Estado da Assistência Social, *Joaquim Trigo de Negreiros*.

Tabela dos honorários das manipulações

Bolos :		
Até seis	3\$00	
Por cada um a mais	\$20	
Caixas (divisão incluída) :		
Até seis	2\$00	
Por cada uma a mais	\$50	
Cápsulas (Le Huby) :		
Até três	3\$00	
Por cada uma a mais	\$50	
Cataplasmas :		
Até 500 gramas	2\$50	
Por cada 100 gramas a mais	\$30	
Cozimentos :		
Até 250 gramas	4\$00	
Por cada 100 gramas a mais	\$50	
Electuários :		
Até 250 gramas	2\$50	
Por cada 100 gramas a mais	\$50	
Empoas esterilizadas de 1 a 20 centímetros cúbicos :		
Até seis	10\$00	
Por cada uma a mais	\$50	
Emulsões :		
Até 100 gramas	5\$00	
Por cada 100 gramas a mais	1\$50	
Esteralizações, cada		8\$00
Geleias :		
Até 100 gramas	5\$00	
Por cada 100 gramas a mais	2\$00	
Glicerados :		
Até 50 gramas	3\$00	
Por cada 25 gramas ou fracção a mais	\$50	
Hóstias :		
Até três	2\$00	
De mais de três até seis	4\$00	
Por cada uma a mais	\$50	
Infusos :		
Até 250 gramas	3\$50	
Por cada 100 gramas a mais	\$50	

Macerados :	
Até 250 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais	\$40
Misturas :	
Até 100 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais	\$50
Óvulos :	
Até três	5\$00
Por cada um a mais	\$50
Papéis :	
Até três	2\$00
Por cada um a mais	\$30
Pastilhas (comprimidos ou não) :	
Até seis	2\$00
Por cada uma a mais	\$20
Pílulas :	
Até seis	4\$00
Por cada uma a mais	\$50
Com revestimento de qualquer induto :	
Até seis	5\$00
Por cada uma a mais	\$50
Poções :	
Até 100 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais	\$50
Pomadas :	
Até 50 gramas	3\$00
Por cada 25 gramas ou fracção a mais	\$50
Pós compostos :	
Até 50 gramas	2\$50
Por cada 25 gramas ou fracção a mais	\$50
Soluções :	
Até 250 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais	\$40
Supositórios :	
Até seis	5\$00
Por cada um a mais	\$50

Durante as horas extraordinárias de serviço obrigatório os honorários são acrescidos de 50 por cento.

Serviço nocturno, desde as 0 horas às 9, por cada chamada, além do custo total dos medicamentos, mais 5\$.

Ministério do Interior, 28 de Outubro de 1946. — O Subsecretário de Estado da Assistência Social, *Joaquim Trigo de Negreiros*.

**1.º ORÇAMENTO SUPLEMENTAR
DO SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS
PARA 1946**

RESUMO

Juros	44\$00
Receitas diversas	6.219\$00
<i>Total das receitas</i>	6.263\$00
Despesas de Administração	6.263\$00
<i>Total das despesas</i>	6.263\$00

Aprovado em sessão de 17 de Julho de 1946.

A DIRECÇÃO

Arti- gos	Designação das receitas	Importâncias por artigos
5.º	JUROS	
	a) De depósitos	44\$00
		44\$00
7.º	RECEITAS DIVERSAS	
	c) Inscrição das seguintes verbas, por trans- ferência, das Despesas do Orçamento or- dinário para 1946:	
	— do Cap. I Art. 1.º <i>Aquisições</i> . Alínea c) Bi- blioteca	2.500\$00
	— do Cap. II Art. 3.º <i>Despesas de Reparação</i> . Alínea c) Instalação eléctrica	2.000\$00
	— do Cap. II Art. 7.º <i>Outras Despesas de Ad- ministração</i> . Alínea b) Contribuição Pre- dial	519\$00
	— do Cap. III Art. 10.º <i>Fiscalização</i> . Alínea b) Deslocações e diversos	1.200\$00
	<i>Total das receitas</i>	6.219\$00
		6.263\$00

Capítulos	Artigos	Designação das despesas	Importâncias por capítulos
II	3. ^o	DESPESAS DE REPARAÇÃO	
		a) Imóveis	900\$00
		b) Moveis	263\$00
	7. ^o	OUTRAS DESPESAS DE ADMINISTRAÇÃO	
		d) Conservação da Biblioteca e Catálogo (reforço).....	1.200\$00
		f) Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa — Contribuição do Sindicato.....	3.900\$00
		<i>Total das despesas</i>	6.263\$00

Símbolo da máxima perfeição



Que sabonete que lhe dará uma pele sã e suave, se o usar diariamente.



Ultimamente muitos laboratórios de Farmácias têm sido instalados pela

SANO-TÉCNICA,
o que prova que a qualidade dos seus artigos se impõe e que os seus preços são os melhores.

SANO-TÉCNICA, Ltda.

Rua Nova do Almada, 61

LISBOA

ERRATAS DO N.º 54

PREÇOS A RECTIFICAR

	Valores em escudos					
	Mil gramas	Cem gramas	Dez gramas	Gramas	Decig.	Centig.
	1000	100	10	1	0,1	0,01
Pág. 254 — Alcool canforado	76 ⁵ 00	11 ⁵ 00	1 ⁵ 30	—	—	—
» 264 — Farinha de Linhaça ...	13 ⁵ 50	1 ⁵ 60	5 ⁴ 0	—	—	—
» 265 — Glicerina pura	43 ⁵ 00	5 ⁵ 50	5 ⁹ 0	—	—	—
» 269 — Linimento de sabão c/ ópio	—	35 ⁵ 40	4 ⁵ 00	—	—	—
» 276 — Sulfato de esparteína ..	—	—	—	11 ⁵ 60	1 ⁵ 50	—
» 276 — » » sódio	—	1 ⁵ 50	1 ⁵ 00	—	—	—
» 277 — Teobromina	—	—	16 ⁵ 50	2 ⁵ 00	—	—

Pág. 284 — Papeis de borato de sódio, em pó, a 40 grs. — cada 560
 » — » — » — » — » — a 30 — » 550

OUTRAS EMENDAS A FAZER :

Pág.	Linha'	Onde se lê	Deve lêr-se
249	15	15 de Junho	19 de Junho
256	10	— de pelocarpina	— de pilocarpina
260	8	Cochinilha	Cochonilha
260	19	Conservas de rosas	Conserva de rosas
263	46	— de gensiana	— de genciana
263	47	grossípjo	gossípjo
266	25	inglasas	inglesas
273	5	(subazotado)	(subazotato)
273	43	Ptialma	Ptialina
274	3	Quiloneína	Quinoleína
277	45	composto	composta
279	5	— de pulsatila	— de pulsatila
281	29	— de deonina	— de dionina
283	9	Colorgol	Colargol
286	43/46	— de ergotina	— de ergotino
287	3	0,02	0,01
287	31	O preço da venda	O preço de venda
288	3	indicada	indicado
288	8	preço desta,	preço desta ;
288	18	do uso comum	de uso comum

ERRATAS DO N.º 24

PREÇOS A RECTIFICAR



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL DOS FARMACÊUTICOS

DIRECTOR E EDITOR
PROF. MANUEL PINHEIRO NUNES
Presidente da Direcção

Comp. e imp. na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Orgão e propriedade do
SINDICATO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS
SOCIEDADE FARMACÊUTICA LUSITANA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :
Rua da Sociedade Farmacêutica, 18 - LISBOA

Telefone 4 1435

Vol. V = 1946 = NOVEMBRO - DEZEMBRO = N.º 54



REGIMENTO DOS PREÇOS DOS MEDICAMENTOS

Desde há muito que o Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e o Grémio Nacional das Farmácias vinha recebendo insistentes pedidos para que fosse publicada uma cópia do Regimento dos Preços dos Medicamentos, uma vez que a edição oficial se encontra esgotada e conseqüentemente os actuais regimentos não podem resistir a tantos anos de uso. Assim, estes dois Organismos resolveram satisfazer esses justos pedidos e acordaram em publicar no órgão do Sindicato a referida cópia devidamente actualizada com as alterações que lhe têm sido feitas.

Deste modo, nas tabelas que se seguem, já estão incluídas as alterações aprovadas pelos decretos n.ºs 22.506, de 11 de Maio de 1933, 26.704, de 15 de Junho de 1936 e pela portaria n.º 11.547 de 28 de Outubro de 1946 que actualizou a tabela de honorários das manipulações.

Introduziram-se também as alterações que até à data foram autorizadas pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

Podem, portanto, estas tabelas servir de directório aos farmacêuticos até que seja publicado, oficialmente, o novo Regimento de Preços, em elaboração.

Tabela dos honorários das manipulações

(Portaria n.º II:547)

Bolos :

Até seis	3\$00
Por cada um a mais	\$20

Caixas (divisão incluída) :

Até seis	2\$00
Por cada uma a mais	\$50

Cápsulas (Le Huby) :

Até três	3\$00
Por cada uma a mais	\$50

Cataplasmas :

Até 500 gramas	2\$50
Por cada 100 gramas a mais	\$30

Cozimentos :

Até 250 gramas	4\$00
Por cada 100 gramas a mais	\$50

Electuárics :

Até 250 gramas	2\$50
Por cada 100 gramas a mais	\$50

Empolas esterilizadas de 1 a 20 centímetros cúbicos :

Até seis	10\$00
Por cada uma a mais	\$50

Emulsões :

Até 100 gramas	5\$00
Por cada 100 gramas a mais	1\$50

Esterilizações, cada	8\$00
----------------------------	-------

Geleias :

Até 100 gramas	5\$00
Por cada 100 gramas a mais	2\$00

Glicerados :

Até 50 gramas	3\$00
Por cada 25 gramas ou fracção a mais	\$50

Hóstias :

Até três	2\$00
De mais de três até seis	4\$00
Por cada uma a mais	\$50

Infusos :

Até 250 gramas	3\$50
Por cada 100 gramas a mais	\$50

Macerados :	
Até 250 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais.....	\$40
Misturas :	
Até 100 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais.....	\$50
Óvulos:	
Até três.....	5\$00
Por cada um a mais.....	\$50
Papeis :	
Até três	2\$00
Por cada um a mais.....	\$30
Pastilhas (comprimidos ou não) :	
Até seis.....	2\$00
Por cada um a mais.....	\$20
Pílulas :	
Até seis.....	4\$00
Por cada uma a mais	\$50
Com revestimento de qualquer induto :	
Até seis.....	5\$00
Por cada uma a mais	\$50
Poções :	
Até 100 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais.....	\$50
Pomadas :	
Até 50 gramas	3\$00
Por cada 25 gramas ou fracção a mais.....	\$50
Pós compostos :	
Até 50 gramas	2\$50
Por cada 25 gramas ou fracção a mais.....	\$50
Soluções:	
Até 250 gramas	3\$00
Por cada 100 gramas a mais.....	\$40
Supositório :	
Até seis.....	5\$00
Por cada um a mais.....	\$50

Durante as horas extraordinárias de serviço obrigatório os honorários são acrescidos de 50 por cento.

Serviço noturno, desde as 0 horas às 9, por cada chamada, além do custo total dos medicamentos, mais 5\$.

Ministério do Interior, 28 de Outubro de 1946. — O Subsecretário de Estado da Assistência Social, *Joaquim Trigo de Negreiros*.

Tabela do preço dos medicamentos

	Valores em escudos					
	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
A						
Açafrão (*)	—	—	—	4 ⁵ 00	⁶ 00	—
— em pó	—	—	40 ⁵ 00	6 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—
Acetato de amónio, líquido	—	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—	—
— de chumbo (*)	20 ⁵ 00	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—	—
— de chumbo, líquido	—	3 ⁵ 00	⁴ 40	—	—	—
— de chumbo, puro	—	—	1 ⁵ 50	² 20	—	—
— de morfina (*)	—	—	80 ⁵ 00	20 ⁵ 00	3 ⁵ 00	1 ⁵ 00
— de potássio (*)	—	—	1 ⁵ 00	² 20	—	—
— de sódio	—	4 ⁵ 00	1 ⁵ 00	² 20	—	—
— de tálio	—	—	—	8 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—
— de urânio	—	—	—	1 ⁵ 00	—	—
Acetona (*)	—	6 ⁵ 00	⁵ 80	—	—	—
— iodada (a 30 por cento)	—	35 ⁵ 00	5 ⁵ 00	—	—	—
Acetopirina	—	—	5 ⁵ 00	⁶ 60	—	—
Aceto tartarato de alumínio	—	40 ⁵ 00	5 ⁵ 00	⁸ 80	—	—
Ácido acético aquoso	—	2 ⁵ 00	³ 30	—	—	—
— acético glacial (*)	—	6 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—	—
— agarístico	—	—	—	—	5 ⁵ 00	1 ⁵ 00
— arsenioso (*)	—	—	2 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— azótico puro (*)	—	6 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—	—
— benzóico (*)	—	—	3 ⁵ 50	⁵ 50	—	—
— bórico (*)	14 ⁵ 00	2 ⁵ 00	⁴ 40	—	—	—
— bórico em pó	—	3 ⁵ 00	⁴ 40	—	—	—
— bromídrico	—	—	2 ⁵ 50	⁵ 50	—	—
— canfórico	—	—	7 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—
— carbólico (*)	—	7 ⁵ 00	1 ⁵ 00	³ 30	—	—
— cianídrico	—	—	1 ⁵ 00	—	—	—
— cítrico (*)	—	4 ⁵ 00	1 ⁵ 00	³ 30	—	—
— clorídrico puro (*)	—	5 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—	—
— crisofânico	—	—	8 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—
— crómico	—	—	4 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— fénico (*)	—	11 ⁵ 00	1 ⁵ 60	⁵ 50	—	—
— fénico alcoolizado	—	—	1 ⁵ 00	³ 30	—	—
— fórmico	—	—	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— fosfórico (*)	—	12 ⁵ 00	2 ⁵ 00	—	—	—
— fosfórico medicinal	—	6 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—	—
— gálhico	—	—	4 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— ginocárdico	—	—	15 ⁵ 00	2 ⁵ 00	—	—
— láctico (*)	—	15 ⁵ 00	2 ⁵ 50	⁵ 50	—	—
— nucleínico	—	—	20 ⁵ 00	3 ⁵ 00	⁵ 50	—
— oxálico	—	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—	—
— pícnico (*)	—	—	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— pirogálhico	—	—	6 ⁵ 00	⁸ 80	—	—
— salicílico (*)	—	12 ⁵ 00	1 ⁵ 50	³ 30	—	—
— sulfúrico puro (*)	—	6 ⁵ 00	1 ⁵ 00	—	—	—
— tânico pelo alcool	—	—	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—
— tânico pelo éter (*)	—	20 ⁵ 00	3 ⁵ 00	⁵ 50	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Ácido tartárico (*).....	-	6,00	1,00	0,50	-	-
— tímico (*)	-	-	12,00	1,50	0,50	-
— tricloacético.....	-	-	7,00	1,00	-	-
— valérico (*).....	-	-	8,00	1,00	-	-
Acoína	-	-	-	12,00	1,50	-
Aconitina amorfa.....	-	-	-	-	8,00	1,50
— cristalizada.....	-	-	-	-	10,00	1,50
Acónito em pó.....	-	-	-	0,50	-	-
— raiz em pó.....	-	-	-	0,50	-	-
Acriflavina.....	-	-	80,00	10,00	1,50	-
Açúcar cãndi	-	2,00	0,50	-	-	-
— cãndi em pó.....	-	3,00	0,60	-	-	-
— granuloso (*).....	-	0,80	0,20	-	-	-
— de leite (*).....	-	4,00	0,50	-	-	-
Adalina	-	-	-	4,00	0,50	-
Adamona	-	-	-	3,50	0,50	-
Adonidina	-	-	-	-	10,00	1,50
Adonis vernalis	-	-	1,50	0,50	-	-
Agar-agar.....	-	15,00	2,00	-	-	-
— em pó.....	-	71,50	7,70	1,00	-	-
Agaricina.....	-	-	-	-	5,00	1,00
Agárico branco em pó.....	-	-	4,00	0,60	-	-
Água albuminosa	5,00	2,50	-	-	-	-
— de alcátrão.....	4,00	1,00	0,30	-	-	-
— de alface.....	8,00	1,00	0,50	-	-	-
— de alfazema	8,00	1,00	0,30	-	-	-
— de Alibour	15,00	2,00	0,50	-	-	-
— aluminosa benzoinada	6,00	2,50	-	-	-	-
— de amêndoas	20,00	2,50	0,50	-	-	-
— de anis	8,00	1,00	0,30	-	-	-
— bórica	3,00	0,50	-	-	-	-
— de Botó	30,00	4,00	0,50	-	-	-
— branca	4,00	0,50	-	-	-	-
— de cal (*).....	3,50	1,50	-	-	-	-
— de camomila.....	20,00	3,00	0,80	-	-	-
— de canela	8,00	1,00	0,30	-	-	-
— canforada	6,00	1,00	-	-	-	-
— de cerejas pretas.....	8,00	1,00	0,30	-	-	-
— cloroformada (*).....	5,00	1,00	0,30	-	-	-
— de Colónia	50,00	6,00	0,80	-	-	-
— de copaiba	8,00	1,00	0,30	-	-	-
— destilada (*).....	1,20	0,30	-	-	-	-
— fénica	2,50	0,50	-	-	-	-
— fénica forte	5,00	0,60	-	-	-	-
— fervida	1,00	0,20	-	-	-	-
— de flores de laranjeira (*).....	12,00	1,50	0,30	-	-	-
— fluoroformada	-	20,00	2,50	-	-	-
— de funcho.....	8,00	1,00	0,40	-	-	-
— de Goulard.....	6,00	1,00	-	-	-	-
— de hamamelis virgínica.....	12,00	2,00	0,50	-	-	-
— de hortelã.....	10,00	1,20	0,40	-	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Água de hortelã pimenta (*)	10,00	1,20	0,40	—	—	—
— de Javelle	6,00	1,50	0,40	—	—	—
— de Labarraque	6,00	1,50	0,40	—	—	—
— de louro cerejo	12,00	2,00	0,50	—	—	—
— de macela	12,00	2,00	0,50	—	—	—
— de melissa (*)	8,00	1,00	0,40	—	—	—
— mentolada	5,00	1,50	0,50	—	—	—
— oxigenada (*)	12,00	1,50	0,50	—	—	—
— de Rabel	—	—	1,00	—	—	—
— raz (*)	10,00	1,50	0,30	—	—	—
— de rosas	10,00	1,50	0,40	—	—	—
— de sabugueiro	10,00	1,50	0,40	—	—	—
— saturnina	4,00	0,50	—	—	—	—
— sedativa (*)	6,00	1,00	—	—	—	—
— de sublimado	3,50	0,50	—	—	—	—
— sulfocarbonada	6,00	1,50	—	—	—	—
— de terebintina	6,00	1,00	0,30	—	—	—
— de tília (*)	10,00	1,50	0,40	—	—	—
— de valeriana	12,00	2,00	0,50	—	—	—
— vegetal mineral	4,00	0,50	—	—	—	—
Aguardente alemã (*)	—	12,00	1,50	—	—	—
— de cana	—	4,00	0,50	—	—	—
Agurina	—	—	—	4,00	0,50	—
Airol (iodogalato de bismuto) ..	—	—	10,00	1,50	0,40	—
Albargina	—	—	—	3,00	1,00	—
Alcaçuz (*)	20,00	2,50	0,50	—	—	—
— em pó	25,00	4,00	0,60	—	—	—
Alcatrão (*)	15,00	3,00	0,50	—	—	—
— mineral	—	2,50	0,50	—	—	—
Alcool a 65°	8,00	0,90	0,50	—	—	—
— a 85° (*)	9,00	1,00	0,50	—	—	—
— a 90° (*)	9,50	1,10	0,50	—	—	—
— a 95°	10,00	1,20	0,50	—	—	—
— absoluto	—	8,00	1,00	—	—	—
— bórico	10,00	2,00	0,50	—	—	—
— canforado	35,00	5,00	0,60	—	—	—
Alcoolatos (<i>Vide</i> Espíritos).						
Alcoolatura de acónio (fólias ou raízes) (*) ..	—	15,00	3,00	0,50	—	—
— de beladona (*)	—	15,00	3,00	0,50	—	—
— de casca de laranja	—	6,00	1,00	0,30	—	—
— de casca de limão	—	6,00	1,00	0,30	—	—
— de cicuta	—	7,00	1,50	0,30	—	—
— de cocleária	—	7,00	1,50	0,30	—	—
— de dedaleira (*)	—	—	2,00	0,40	—	—
— de estramónio	—	6,00	1,20	0,30	—	—
— de meimendo	—	6,00	1,00	0,30	—	—
— de pulsatila	—	—	2,00	0,40	—	—
Alecrim (*)	—	1,50	0,30	—	—	—
Alfavaca de cobra	—	1,50	0,30	—	—	—
Alfazema (*)	—	2,00	0,40	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Algodão iodado (*)	-	-	2,00	-	-	-
Alpina	-	-	-	15,00	2,00	-
Aloés sacotrina em pó (*)	-	4,00	1,00	0,30	-	-
Aloína	-	-	-	-	0,50	-
Altea cortada (*)	20,00	3,00	0,50	-	-	-
— em pó	35,00	4,00	0,60	-	-	-
Alucol	-	-	6,00	1,00	-	-
Alúmen anidro (*)	-	3,00	0,50	-	-	-
— calcinado (*)	-	3,00	0,50	-	-	-
— cristalizado (*)	6,00	1,00	-	-	-	-
— cristalizado, em pó	7,00	1,20	0,30	-	-	-
Alumol	-	-	7,00	1,00	-	-
Amido (*)	18,00	2,00	0,30	-	-	-
— de arroz	20,00	3,00	0,50	-	-	-
— de batata	10,00	1,20	0,20	-	-	-
— de mandioca (*)	10,00	1,20	0,20	-	-	-
— de trigo	20,00	3,00	0,50	-	-	-
Amieiro negro (casca)	-	4,00	0,60	-	-	-
Amilofórmio	-	-	6,00	1,00	-	-
Amónia (*)	12,50	1,50	0,40	-	-	-
— pura	30,00	4,00	0,60	-	-	-
Analgesina (*)	-	-	4,00	0,50	-	-
Anestésina	-	-	20,00	2,50	0,50	-
Anis	-	3,00	0,50	-	-	-
— estrelado (*)	-	11,20	1,30	-	-	-
— estrelado, em pó	-	4,00	0,60	-	-	-
Anticãnia	-	-	9,00	1,20	-	-
Antifebrina	-	-	2,50	0,40	-	-
Antipirina (*)	-	-	4,00	0,50	-	-
Antrasol	-	-	12,00	1,50	0,50	-
Apiol verde	-	-	-	1,20	-	-
Arbutina	-	-	-	1,50	-	-
Argirol (vitelinato de prata)	-	-	16,00	2,00	0,50	-
Argonina	-	-	-	3,00	-	-
Aristol di-iododitimidol	-	-	15,00	2,00	0,40	-
Aristoquina (carbonato neutro de quinina)	-	-	75,00	8,00	1,20	-
Arrenal (*)	-	-	-	1,50	-	-
Arrôbe de amoras	40,00	5,00	0,80	-	-	-
— de sabugueiro	40,00	5,00	0,80	-	-	-
Arruda	-	2,00	0,50	-	-	-
— em pó	-	-	2,00	0,50	-	-
Arseniato de estricnina (*)	-	-	-	-	1,50	-
— de ferro	-	-	-	-	1,50	-
— de quinina	-	-	-	-	2,00	-
— de sódio (*)	-	-	-	-	1,00	-
Artemisia em pó	-	-	2,00	0,50	-	-
Artemisina	-	-	-	30,00	4,00	1,00
Asaprol	-	-	10,00	1,20	-	-
Aspirina (ácido acetilsalicílico) (*)	-	-	3,00	0,50	-	-
Assafétida em pó (*)	-	15,00	3,00	0,50	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Atofão.....	—	—	—	2 ⁰⁰	—	—
Atoxil.....	—	—	—	3 ⁰⁰	—	—
Avenca (*).....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Azeite esterilizado.....	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— neutro (*).....	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
— virgem.....	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—	—
Azotato de aconitina.....	—	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de estricnina.....	—	—	—	—	1 ⁵⁰	—
— de mercúrio, líquido.....	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de pelocarpina.....	—	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
— de potássio (*).....	—	2 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
— de prata, cristalizado (*).....	—	—	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
— de prata, fundido.....	—	—	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— de urânio.....	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Azotito de amilo.....	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de sódio.....	—	—	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—
Azul de metilene (*).....	—	50 ⁰⁰	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
B						
Badiana (*).....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Bálsamo de Arceu (*).....	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— do Comendador.....	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de copaiba.....	—	—	2 ⁵⁰	3 ⁴⁰	—	—
— de Fioravanti (*).....	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
— de Meca.....	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— nerval.....	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— peruviano (*).....	—	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Tolu (*).....	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— tranquilo.....	—	6 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—	—	—
Banha benzoinada.....	—	4 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
— preparada (*).....	—	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Barbas de milho.....	—	52 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—	—
Baunilha.....	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Beladonna (fôlhas).....	—	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— (fôlhas) em pó.....	—	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— (raiz) em pó.....	—	—	—	3 ⁵⁰	—	—
Benjoim em pó (*).....	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Sião.....	—	—	1 ⁵⁰	3 ³⁰	—	—
— de Sumatra.....	—	9 ⁰⁰	1 ²⁰	3 ²⁰	—	—
Benzina.....	—	1 ⁵⁰	3 ²⁰	—	—	—
— rectificada.....	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Benzoato de amónio.....	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de benzilo.....	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de bismuto.....	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁷⁰	3 ⁵⁰	—
— de cafeína.....	—	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
— de lítio.....	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
— de mercúrio.....	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— de quinina.....	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
— de sódio (*).....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—
Benzonaftol (*).....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Benzosol.....	-	-	-	1 ⁰⁰	-	-
Betol.....	-	-	5 ⁰⁰	7 ⁰⁰	-	-
Bicanforato de piramido.....	-	-	-	1 ⁵⁰	4 ⁰⁰	-
Bicarbonato de potassa (*).....	-	-	1 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-
— de soda (*).....	6 ⁵⁰	1 ³⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
— de soda quimicamente puro (*).....	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
Bicloreto de quinina.....	-	-	18 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
Bicromato de potássio.....	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-	-
Biiodeto de mercúrio (*).....	-	-	-	1 ⁵⁰	5 ⁰⁰	-
Bissulfato de mercúrio.....	-	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de quinina.....	-	-	18 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
Bissulfito de sódio.....	-	2 ⁵⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
— de sódio anidro.....	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-	-
Bitartarato de potássio.....	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-	-
Boldo (fôlhas).....	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-	-
Bólo arménio.....	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-	-
Borato de sódio em pó (*).....	6 ²⁰	1 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
— de sódio quimicamente puro.....	-	-	1 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
Boricina.....	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-	-
Borotartarato de potássio (*).....	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
Borragem.....	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-	-
Brometo de amónio (*).....	-	-	3 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-
— de amónio e rubídio.....	-	-	-	1 ⁰⁰	-	-
— de arecolina.....	-	-	-	15 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de cálcio.....	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cânfora (*).....	-	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de estrôncio.....	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de etilo.....	-	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de ferro.....	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de hiosciamina.....	-	-	-	-	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de hioscina.....	-	-	-	-	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰
— de lítio.....	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de potássio (*).....	-	7 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-
— de quinina (*).....	-	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
— de sódio (*).....	-	-	3 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-
Bromídia.....	-	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
Brómio.....	-	-	-	1 ⁰⁰	-	-
Bromofórmio (*).....	-	-	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
Brucina.....	-	-	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-
C						
Cacodilato de estricnina.....	-	-	-	-	2 ⁰⁰	-
— de ferro.....	-	-	-	1 ⁵⁰	-	-
— de gaiacol.....	-	-	-	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
— de sódio (*).....	-	-	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
Cafeína (*).....	-	-	28 ⁰⁰	3 ³⁰	6 ⁰⁰	-
Calomelanos pelo vapor (*).....	-	-	4 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
Calumba em pó.....	-	-	1 ⁵⁰	3 ⁰⁰	-	-
Camala em pó.....	-	12 ⁰⁰	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
Camomila francesa.....	-	6 ⁰⁰	8 ⁰⁰	-	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Camomila francesa em pó.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Canela de Ceilão (*)	—	13 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— de Ceilão em pó.....	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
— da China.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
— da China em pó	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Cânfora (*)	390 ⁰⁰	47 ⁰⁰	5 ⁵⁰	3 ⁷⁰	—	—
— em pó	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	3 ⁴⁰	—	—
— monobromada	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Canforato neutro de piramido	—	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Cantáridas em pó (*)	—	37 ⁵⁰	7 ³⁰	1 ³⁰	—	—
Caparrosa branca (*)	—	—	1 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
Capilária (*)	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Carbonato ácido de sódio (*)	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—	—
— de amónio (*)	—	—	1 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de bismuto (*)	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
— de cálcio (*)	—	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—	—
— de cálcio quimicamente puro	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—
— de chumbo (*)	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de ferro	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de gaiacol	—	25 ⁰⁰	6 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—	—
— de lítio (*)	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
— de magnésio (*)	—	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de manganés	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— monossódico (*)	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—	—
— de potássio (*)	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de sódio (*)	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	3 ²⁰	—	—	—
— de sódio, do comércio	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—
— de sódio quimicamente puro	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de sódio quimicamente puro, anidro	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Cardamomo	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— em pó	—	—	—	3 ⁶⁰	—	—
Carmim (*)	—	5 [—]	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ³⁰	—
Carvalho (casca)	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
Carvão animal, lavado	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— vegetal (*)	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Cáscara sagrada em pó (*)	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Cascarilha	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Caseína	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
Castóreo em pó (*)	—	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—
Cataplasma aluminosa	—	7 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— americana	—	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— de arroz	—	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— resolutiva	—	7 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—
— saturnina	—	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
Cato em pó	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Caulino medicinal	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	3 ³⁰	—	—
Cáustico de Viena	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
Cera amarela (*)	—	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— branca (*)	—	5 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—	—	—
Ceroto de chumbo	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Ceroto de espermacete	—	6 ⁰⁰	6 ⁸⁰	—	—	—
— simples	—	5 ⁰⁰	5 ⁶⁰	—	—	—
Cerveja preta	10 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—	—	—
Choleval	—	—	30 ⁰⁰	3 ⁵⁰	3 ⁶⁰	—
Cianeto de mercúrio	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— de potássio	—	—	2 ⁰⁰	—	—	—
Cila em pó	—	—	—	5 ⁵⁰	—	—
Cinoglossa em pó (*)	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Cissatite	—	5 ⁰⁰	5 ⁷⁰	—	—	—
Citarina	—	—	—	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—
Citrato de cafeína	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
— de ferro amoniacal (*)	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de ferro e quinina	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
— de lítio	—	—	6 ⁰⁰	6 ⁷⁰	—	—
— de magnésio açucarado	—	4 ⁰⁰	4 ⁶⁰	—	—	—
— de potássio (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—	—
— de quinina	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
— de sódio (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—	—
Citrofena (citrato de fenetidina) ..	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	1 ³⁰	—
Clorato de potássio (*)	—	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— de potássio em pó	—	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— de sódio	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
Cloreto de amónio, do comércio	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—	—
— de amónio puro (*)	—	—	1 ⁵⁰	1 ³⁰	—	—
— antimónio líquido	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de cálcio cristalizado (*)	—	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ³⁰	—	—
— de cálcio sêco	—	10 ⁰⁰	2 ⁵⁰	2 ⁵⁰	—	—
— de cocaína (*)	—	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰
— de emetina	—	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de eucaina	—	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁸⁰
— de eufalmina	—	—	—	60 ⁰⁰	8 ⁰⁰	2 ⁰⁰
— fenocôla	—	—	—	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
— de ferro anidro	—	—	2 ⁵⁰	2 ⁸⁰	—	—
— de heroína (*)	—	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰
— de hidrastina	—	—	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰
— de hioscina	—	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de ioimbina	—	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰
— de lítio	—	—	5 ⁰⁰	5 ⁶⁰	—	—
— de magnésio	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— mercúrio (*)	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de morfina (*)	—	—	80 ⁰⁰	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰
— de optoquina	—	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—
— de ouro	—	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de papaverina (*)	—	—	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de pilocarpina (*)	—	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
— de potássio	—	4 ⁰⁰	4 ⁵⁰	—	—	—
— de quinina (*)	—	120 ⁰⁰	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
— de quinina e ureia	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
— de sódio puro (*)	—	4 ⁰⁰	4 ⁵⁰	—	—	—
— de zinco (*)	—	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
Cloretona	—	—	—	6 ⁰⁰	6 ⁸⁰	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramas — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Cloridratos (<i>Vide</i> Cloretos).						
Cloridrossulfato de cálcio	—	—	2 th 50	50	—	—
Cloridrossulfato de quinina (*) ..	—	—	20 th 00	2 th 50	50	—
Clorofórmio (*)	—	10 th 00	1 th 50	50	—	—
Coca (fóllhas)	—	—	1 th 00	—	—	—
— (fóllhas) em pó	—	—	—	50	—	—
Cocaína	—	—	—	20 th 00	2 th 50	1 th 00
Cochinilha (*)	—	10 th 00	1 th 50	30	—	—
Codeína (*)	—	—	—	15 th 00	2 th 00	1 th 00
Cola granulada	30 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— em pó	—	—	1 th 00	30	—	—
Colargol (prata coloidal) (*)	—	—	25 th 00	3 th 00	50	—
Cold-cream	—	8 th 00	1 th 00	—	—	—
Colódio (*)	—	8 th 00	1 th 00	—	—	—
Coltar	—	2 th 50	50	—	—	—
Condurango	—	5 th 00	60	—	—	—
— em pó	—	—	1 th 00	20	—	—
Conhaque	—	8 th 00	1 th 00	—	—	—
Conservas de rosas	—	—	1 th 00	—	—	—
Couso em pó	—	8 th 00	1 th 00	—	—	—
Cozimento de amido	5 th 00	2 th 00	—	—	—	—
— branco de Sydenham	10 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— de malvas	5 th 00	2 th 00	—	—	—	—
— peitoral solutivo	15 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— de quina	10 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— de ratânia	10 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— de salsaparrilha	10 th 00	4 th 00	—	—	—	—
— de salsaparrilha composto	20 th 00	5 th 00	—	—	—	—
Cravagem de centeio em pó	—	10 th 00	4 th 00	80	—	—
Cré preparado (*)	—	2 th 00	30	—	—	—
Creme gelante	—	8 th 00	1 th 00	—	—	—
Creór de tártaro	—	8 th 00	90	—	—	—
— de tártaro solúvel (*)	—	10 th 00	1 th 50	—	—	—
— de tártaro solúvel, em pó	—	12 th 00	1 th 80	30	—	—
Creolina (*)	10 th 00	1 th 20	—	—	—	—
Creosota (*)	—	—	4 th 00	50	—	—
— mineral	—	10 th 00	1 th 20	—	—	—
Creosotal (carbonato de creosota) (*)	—	—	4 th 00	50	—	—
Criogenina (meta-benzamido-semi-carbazida)	—	—	10 th 00	1 th 20	30	—
Crisarobina	—	—	8 th 00	1 th 00	—	—
Cristal violeta	—	—	—	2 th 00	50	—
Cúbebas em pó	—	—	2 th 00	50	—	—
Cumarina cristalizada	—	—	—	1 th 50	50	—
D						
Dedaleira em pó	—	—	—	50	—	—
— em pó titulada	—	—	15 th 00	2 th 00	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Gramma 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Dermatol (subgalhato de bis- muto) (*)	-	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
Dextrina pura	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
Diabelha	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
Diadermina	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
Diástase (*)	-	-	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-
Digitalina amorfa	-	-	-	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— cristalizada (*)	-	-	-	-	-	38 ⁰⁰
Diiodofórmio	-	-	-	2 ⁵⁰	-	-
Dionina (*)	-	-	-	-	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰
Diuretina (salicilato de teobromina e de sódio)	-	-	16 ⁵⁰	1 ⁹⁰	-	-
Dormideiras (*)	-	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
E						
Ectogão	-	-	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	-	-
Electuário de cúbebas	-	25 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-	-
— de sene (*)	-	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	-	-	-
Elixir calmante de Lebas	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
— de Garus (*)	-	5 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
— paregórico (*)	-	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— polibromado	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-	-
— Stoughton	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
— traumático	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Emplastro da Baviera	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de beladona	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
— de cantáridas (*)	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
— de chumbo	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de cicuta	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— comum	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— confortativo	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— diaquilão, gomado	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— diaquião de Hebra	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— mercurial	-	12 ⁰⁰	1 ³⁰	-	-	-
— de trevo	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Emulsão de amêndoas	30 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-	-	-
— comum	30 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-	-	-
— de óleo de ricino	-	8 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
Ênula-campânula em pó	-	-	1 ⁵⁰	-	-	-
Enxôfre coloidal	-	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-
— lavado (*)	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
— octaédrico	-	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	-	-
— precipitado (*)	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— sublimado (*)	-	1 ⁵⁰	3 ³⁰	-	-	-
Ergotino (*)	-	-	14 ⁰⁰	1 ⁶⁰	-	-
Erisimo	-	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Eritrol	-	-	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-
Escamônia em pó (*)	-	-	-	3 ⁵⁰	-	-
Espécies aromáticas	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— carminativas	-	-	1 ⁵⁰	-	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Espécies peitorais	-	-	1 50	-	-	-
Espermacete (*)	-	8 00	1 00	-	-	-
Espírito de alecrim	30 00	5 00	5 70	-	-	-
— de alfazema	30 00	5 00	5 70	-	-	-
— amoniacal aromático	-	6 00	1 00	-	-	-
— aromático	50 00	6 00	5 80	-	-	-
— de cocleária composto	-	6 00	1 00	-	-	-
— de hortelã-pimenta	-	5 00	1 00	-	-	-
— de melissa composto	-	8 00	1 50	-	-	-
— de Mindererus	-	3 00	5 50	-	-	-
— de nitro doce	-	-	2 00	-	-	-
— de zimbro composto	-	6 00	1 00	-	-	-
Essência de alecrim	-	-	6 00	5 80	-	-
— de alfazema	-	-	8 00	1 00	-	-
— de anis (*)	-	-	14 20	1 60	-	-
— de badiana	-	-	6 00	5 80	-	-
— de bergamota	-	-	8 00	1 00	-	-
— de canela	-	-	8 00	1 00	-	-
— de cravinho	-	-	8 00	1 00	-	-
— de eucalipto	-	-	4 00	5 60	-	-
— de flor de laranjeira (natural) (*)	-	-	-	8 00	1 50	-
— de flor de laranjeira (sintética)	-	-	-	2 50	5 50	-
— de gerânio	-	-	-	2 00	5 50	-
— de hortelã-pimenta (*)	-	-	15 00	2 00	5 50	-
— de limão	-	-	5 00	5 70	-	-
— de melissa	-	-	7 00	1 00	-	-
— de mostarda (*)	-	-	12 00	1 50	-	-
— de pinheiro silvestre	-	-	6 00	5 80	-	-
— de quenopódio	-	-	-	2 00	5 50	-
— de rosas (natural)	-	-	-	50 00	8 00	-
— de rosas (sintética)	-	-	-	4 00	5 80	-
— de sândalo	-	-	10 00	1 50	-	-
— de terebintina, rectificada (*)	-	5 00	5 80	-	-	-
— de tomilho	-	-	5 00	5 80	-	-
— de violetas	-	-	6 00	5 80	-	-
— de Winter-green	-	40 00	6 00	5 80	-	-
— de zimbro	-	-	5 00	5 70	-	-
Estanho em pó	-	-	-	1 50	5 50	-
Estiletos de milho	-	2 00	5 30	-	-	-
Estipticina (cloreto de cotarnina)	-	-	-	6 00	5 80	-
Estoraque líquido	-	12 00	1 50	5 50	-	-
Estovaína	-	-	-	6 00	5 80	-
Estramónio	-	4 00	5 50	-	-	-
Estricnina	-	-	-	2 50	1 00	-
Éter (*)	-	8 00	1 00	5 30	-	-
— alcoolizado	-	-	1 50	5 30	-	-
— de petróleo	40 00	5 00	5 80	-	-	-
Eucalipto (fóllhas)	-	2 00	5 30	-	-	-
Eucaliptol (*)	-	20 00	3 00	5 50	-	-
Eufórbio em pó	-	6 00	5 80	-	-	-
Euforina	-	-	-	3 00	5 50	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Eugenol	-	-	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-
Euquinina (etil-carbonato de quina (*))	-	-	58 ⁰⁰	6 ⁵⁰	9 ⁰⁰	-
Eurofena	-	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
Evonimina	-	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-
Exalgina	-	-	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ⁰⁰	-
Extracto de acónito	-	-	4 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de adonis vernalis	-	-	6 ⁰⁰	8 ⁰⁰	-	-
— de alcaçuz (*)	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de alface	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de algodoeiro, fluido	-	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de beladona (*)	-	-	6 ⁵⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de beladona, alcoólico	-	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	5 ⁰⁰	-
— de boldo	-	-	-	1 ⁰⁰	-	-
— de boldo, fluido	-	-	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cactus grandiflora, fluido	-	-	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de calumba	-	-	6 ⁰⁰	7 ⁰⁰	-	-
— de cânhamo	-	-	-	3 ⁵⁰	5 ⁰⁰	-
— de casca de laranja, fluido	-	-	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de casca de Panamá, fluido	-	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cáscara sagrada	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de cáscara sagrada, fluido	-	-	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de castanhas da Índia, fluido	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— catártico	-	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ⁰⁰	-
— de cato	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cicuta (*)	-	-	5 ⁰⁰	7 ⁰⁰	-	-
— de cila	-	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de cimicífuga racemosa, fluido	-	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	-	-	-
— de coca *)	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de coca, fluido	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cola	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de cola, fluido (*)	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ⁰⁰	-	-
— de coloquintidas	-	-	6 ⁰⁰	7 ⁰⁰	-	-
— de condurango, fluido	-	-	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de convalária	-	-	-	5 ⁰⁰	-	-
— de crataegus oxiacantha, fluido	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de dulcâmara	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de estamónio	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de estrofantó	-	-	-	3 ⁰⁰	-	-
— de estrofantó, fluido	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de euphorbia pilulifera, fluido	-	-	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de fel de boi	-	-	6 ⁰⁰	8 ⁰⁰	-	-
— de fel de boi, seco	-	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de feto macho, etéreo	-	-	6 ⁰⁰	8 ⁰⁰	-	-
— de galega	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de gensiana (*)	-	15 ⁰⁰	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de grossípio, fluido	-	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de guaiaco	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	-	-
— de hamamelis virginica (*)	-	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
— de hamamelis virginica, fluido (*)	-	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	-	-
— de hidrastis canadensis	-	-	-	4 ⁰⁰	5 ⁰⁰	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Extracto de hidrastis canadensis, fluido (*)	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de ipeca alcoólico (*)	—	—	3 ⁵⁰	—	—	—
— de lactuário	—	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
— de losna	—	—	4 ⁰⁰	—	—	—
— de lúpulo	—	—	—	—	—	—
— de marroio	—	—	4 ⁰⁰	—	—	—
— de meimendo (*)	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— de noqueira	—	—	4 ⁰⁰	—	—	—
— de noz vómica (*)	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
— de ópio (*)	—	—	—	9 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
— piscidia-eritrina, fluido	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
— de polígala	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de polígala, fluido	—	—	2 ⁰⁰	—	—	—
— de quássia	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de quina (*)	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de quina cinzenta	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de quina, fluido (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— de quina, mole	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de ratânia (*)	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de ramnus frangula, fluido	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— de romeira	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de ruibarbo	—	—	10 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—
— de ruibarbo, fluido	—	—	2 ⁵⁰	—	—	—
— de salsaparrilha (*)	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de Saturno	—	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— de sinécio, fluido	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
— de taráxaco	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— tebaico (*)	—	—	—	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
— de valeriana (*)	—	95 ⁰⁰	12 ⁰⁰	1 ⁶⁰	—	—
— de valeriana, fluido	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
— de vibúrnio, fluido	—	—	3 ⁵⁰	—	—	—
F						
Farinha de linhaça (*)	5 ⁰⁰	—	—	—	—	—
Fava de Santo Inácio, em pó	—	—	—	—	—	—
Féculas (Vide Amidos).	—	—	—	—	—	—
Fel da terra	—	3 ⁰⁰	—	—	—	—
Fenacetina (*)	—	—	4 ⁰⁰	—	—	—
Fenoltaleína (*)	—	—	5 ⁰⁰	—	—	—
Fenolsalil	—	—	2 ⁵⁰	—	—	—
Ferratina	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Ferricianeto de potássio	—	—	2 ⁰⁰	—	—	—
Ferripirina	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Ferrocianeto de potássio	—	—	1 ⁵⁰	—	—	—
Ferropirina	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Ferro reduzido pelo hidrogénio	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
Feto macho em pó	—	6 ⁰⁰	—	—	—	—
Figueira do inferno	—	4 ⁰⁰	—	—	—	—
Fitina	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Fluoreto de amónio	-	-	-	1 000	-	-
— de cálcio	-	-	-	1 000	-	-
— de sódio	-	-	-	1 000	-	-
Formalina (*)	-	5 000	1 000	-	-	-
Formiato de cálcio	-	-	3 000	0 50	-	-
— de potássio	-	-	3 000	0 50	-	-
— de quinina	-	-	-	3 0 50	0 60	-
— de sódio	-	-	3 000	0 50	-	-
Formol (*)	-	5 000	1 000	-	-	-
Fosfato de amónio	-	-	3 000	0 50	-	-
— de amónio magnésiano	-	-	3 000	0 50	-	-
— bicálcico	-	6 000	0 80	0 30	-	-
— de cálcio (*)	-	4 000	0 80	-	-	-
— de codeína	-	-	-	15 000	2 000	-
— de ferro	-	-	3 000	0 50	-	-
— de gaiacol	-	-	-	1 000	-	-
— de magnésio	-	-	2 000	0 30	-	-
— de monocalcico	-	15 000	2 000	0 50	-	-
— de potássio	-	8 000	1 000	0 30	-	-
— de sódio anidro	-	5 000	0 80	0 30	-	-
Fosfato de sódio cristalizado (*)	-	4 000	0 60	-	-	-
— tricálcico (*)	-	4 000	0 80	-	-	-
Fosfito de gaiacol	-	-	15 000	2 000	-	-
Fosforeto de zinco	-	-	-	-	1 0 50	-
Fragária (fóllhas)	-	3 000	0 50	-	-	-
Fumária	-	3 000	0 50	-	-	-
Funcho (sementes)	-	3 000	0 50	-	-	-
— (sementes) em pó	-	5 000	1 000	-	-	-
Fucsina	-	-	-	2 000	0 50	-
Gálbano em pó	-	-	3 000	0 50	-	-
Gelante	-	6 000	1 000	-	-	-
Gelatina	-	7 0 00	1 000	-	-	-
Genciana (*)	-	4 000	0 60	-	-	-
— em pó	30 000	6 000	1 000	0 30	-	-
Genebra	-	6 000	1 000	-	-	-
— canforada	-	7 000	1 000	-	-	-
Gengibre em pó	-	4 000	0 50	-	-	-
Glicerado de alcatrão	-	7 000	1 0 50	-	-	-
— de amido	-	6 000	1 000	-	-	-
— de bismuto	-	10 000	2 000	-	-	-
— de óxido de zinco	-	8 000	1 0 50	-	-	-
Glicéreo de ácido gálgico	-	10 000	3 000	-	-	-
— de azul de metilena a 3 por cento	-	13 000	3 0 50	-	-	-
— de bórax	-	7 000	2 0 50	-	-	-
Glicerina félica	-	7 000	1 000	-	-	-
— pura (*)	42 000	3 0 50	0 90	-	-	-

6 Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramas — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Glicerina solidificada	40 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Glicerosfato de cálcio (*).....	—	23 ⁷⁰	2 ⁹⁰	3 ⁶⁰	—	—
— de cálcio granulado	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de ferro (*)	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de magnésio (*)	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de manganés	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— de potássio (*).....	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de quinina	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—
— de sódio a 50 por cento	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de sódio cristalizado (*).....	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Glicerrizina.....	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Glicose pura, anidra (*).....	100 ⁰⁰	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Glutol.....	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Goivos amarelos (flores)	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
Goma adraganta.....	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— adraganta em pó (*)	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— alcatira	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— alcatira em pó (*).....	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— amoníaca em pó (*).....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— arábica em pó (*).....	—	4 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
— guta em pó.....	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Gomenol (*).....	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Gotas amargas de Baumé	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Grindle	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— negras inglasas	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Gramma	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Guaiacol cristalizado	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— líquido (*).....	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Guaraná em pó	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Helenina	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Heliotropina	—	—	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Helmitol (citroformina)	—	—	7 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Hemoglobina (*)	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— líquida	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Hera terrestre	—	4 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Hermofenil	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Herva doce.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Hetol	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
Hidrato de amilena.....	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de cloral (*).....	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Hidroquinona.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Hiosciamina	—	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰
Hipnal	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Hipofisina em pó	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Hipofosfito de cálcio.....	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
— de sódio	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
— de estriçnina	—	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—

Centro de Documentação Farmacêutica

Ordem dos Farmacêuticos

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramas — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Hipossulfito de sódio, do comércio	5 ⁰⁰	2 ⁸⁰	2 ²⁰	—	—	—
— de sódio puro	—	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁴⁰	—	—
Hissopo	—	4 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
Hopogão	—	—	5 ⁰⁰	2 ⁶⁰	—	—
Hortelã-pimenta	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
I						
Ictalbina	—	—	—	2 ⁸⁰	—	—
Ictiofórmio	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
Ictiol (*)	—	—	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
Incenso	—	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— em pó	—	4 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
Infusão de alteia	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de anis estrelado	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de coca	7 ⁰⁰	—	—	—	—	—
— de dedaleira	10 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— de eucalipto	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de genciana	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de linhaça	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de polígala	8 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— de quina	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— de sene	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de sene, composto	30 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—	—	—
— de tilia	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
Iodeto de amónio	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de arsénio	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—
— de cafeína	—	—	—	3 ⁰⁰	—	—
— de cálcio	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de chumbo	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de codeína	—	—	—	—	2 ²⁵⁰	2 ⁵⁰
— de enxofre	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de estrôncio	—	—	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de etilo	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— de lítio	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— mercúrico (*)	—	—	—	1 ²⁵⁰	2 ⁵⁰	—
— mercuroso (*)	—	—	—	1 ²⁵⁰	2 ⁵⁰	—
— de potássio (*)	—	109 ⁰⁰	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	—	—
— de rubídio	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— de rubídio e amónio	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— de sódio (*)	—	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Iodo (*)	—	—	—	1 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
Iodofórmio (*)	—	80 ⁰⁰	12 ⁰⁰	1 ²⁵⁰	2 ⁵⁰	—
Iodol	—	—	—	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
Iodopirina	—	—	—	1 ²⁵⁰	—	—
Iotion	—	—	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—
Ipeca (raiz)	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— (raiz) em pó (*)	—	—	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
Iridina	—	—	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—
Iris de Florença em pó	—	3 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Orama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
J						
Jalapa em pó (*)	—	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Julepo canforado	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—	—	—
— gomoso	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
K						
Kamala (<i>Vide</i> Camala).						
Kermes (<i>Vide</i> Quermes).						
L						
Lactato de cálcio	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de estrôncio	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de ferro	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de magnésio	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de manganés	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de mercúrio	—	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
— de quinina	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Lactofenina	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Lactofosfato de cálcio cristalizado	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Lactose	—	8 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—
Lactucário pelo alcool	—	—	3 ⁰⁰	—	—	—
Lanolina (*)	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	1 ⁰⁰	—
Laranja de citrato de magnésio	12 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—
Laranjeira (flores)	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— (fôlhas)	—	2 ⁵⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
Láudano de Rousseau	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
— de Sydenham (*)	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Lecitina	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Legação	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Levedura de cerveja, seca	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Licetol (tartarato de dimetil-piperazina)	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Licopódio (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
Licor amoniacal anisado	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de arrenal	—	—	2 ⁵⁰	—	—	—
— de Boudin	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Donovan Ferrari	—	20 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de Fowler	—	—	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Gowland	40 ⁰⁰	7 ⁰⁰	—	—	—	—
— de Hoffmann	—	8 ⁰⁰	—	—	—	—
— de Pearson	—	—	1 ⁵⁰	3 ⁰⁰	—	—
— de Squire (*)	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de Van-Swieten	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—	—
— de Villate	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
Limonada azótica	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— benzóica	7 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— de citrato de magnésio	10 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— cítrica	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— clorídrica	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Limonada de cremor de tártaro so-						
— lúvel	7 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— fosfórica	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— láctica	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— láctica laudanizada	8 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— de percloro de ferro	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
— sulfúrica	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— sulfúrica laudanizada	7 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— tartárica	6 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—	—
Linhaça seleccionada	8 ⁰⁰	1 ²⁰	3 ³⁰	—	—	—
— em pó (*)	13 ⁵⁰	1 ⁶⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
Linimento calcáreo	40 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de espermacete	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— de sabão com ópio	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—	—
— sedativo de Ricord	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— volátil	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— volátil canforado	—	9 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
Lírio florentino em pó	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Lisol	40 ⁰⁰	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
Listerina	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
Looch branco (<i>Vide</i> Luque branco).	—	—	—	—	—	—
Losna	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Lúcia-lima	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
Luminal (*)	—	—	35 ⁰⁰	4 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
— sódico	—	—	35 ⁰⁰	4 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
Lupulino	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
Lúpulo	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Luque branco	40 ⁰⁰	8 ⁰⁰	—	—	—	—
M						
Macela (*)	12 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—	—
Macerado de altea	4 ⁵⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de dedaleira	10 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de quássia	4 ⁵⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de quina	8 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—
Magnésia calcinada (*)	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	3 ²⁰	—	—
— hidratada (*)	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ³⁰	—	—
Maltina (*)	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Malva (flores)	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— (fóllhas)	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—	—
Malvaíscio branco (cortado)	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Maná em lágrimas	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— em sortes (*)	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Manita	—	50 ⁰⁰	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Manteiga de cacau (*)	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Maretina	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
Marmelo (sementes)	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Massa balsâmica	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de cinoglossa	—	—	1c ⁰⁰	1 ²⁰	—	—
Medinal	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Meimendro	—	4 ⁰⁰	60	—	—	—
— em pó.....	—	—	2 ⁰⁰	50	—	—
Mel	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	50	—	—	—
— mercurial	—	5 ⁰⁰	80	—	—	—
Melissa	—	4 ⁰⁰	80	—	—	—
Melito de bórax	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de rosas (*)	—	5 ⁰⁰	80	—	—	—
— simples	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
Melubrina	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
Mentol (*)	—	—	22 ⁰⁰	2 ⁸⁰	90	—
Mercurio doce (*)	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
Mercurocromo 220	—	—	90 ⁰⁰	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—
Mesotano	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Metavanadato de sódio (*)	—	—	—	—	1 ⁰⁰	—
Metilal	—	—	9 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—
Metol	—	—	5 ⁰⁰	80	—	—
Microcidina	—	—	6 ⁰⁰	80	—	—
Mirra	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— em pó	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	50	—	—
Mistura de cânfora	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—	—	—
— de carbonato de cálcio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de copaíba	—	10 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—
— cretácea	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de magnésia	20 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— salina	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
Morangueiro (fólias)	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
Mostarda em pó (*)	16 ⁰⁰	2 ⁵⁰	50	—	—	—
Multanina	—	—	5 ⁰⁰	60	—	—
Murta em pó	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
Musgo branco	—	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— islândico	—	4 ⁰⁰	50	—	—	—
N						
Naftalão	—	—	5 ⁰⁰	80	—	—
Naftol α (*)	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
Naftol β (*)	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
— canforado	—	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—
Naftolato de bismuto	—	—	10 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—
Nitrato ácido de mercúrio	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Nitroprussiato de sódio	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Nogueira (fólias)	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
Novalgina	—	—	—	2 ⁰⁰	—	—
Novocaína	—	—	45 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Noz de cola em pó	—	—	1 ⁰⁰	30	—	—
— da galha	—	6 ⁰⁰	80	—	—	—
— moscada	—	6 ⁰⁰	80	—	—	—
— vómica em pó (*)	—	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—
Nucleína	—	—	—	3 ⁰⁰	50	—
Nucleinato de sódio	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Gramma 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Óleo de amêndoa doce (*)	—	8,500	1,500	—	—	—
— de amendoim	—	3,500	500	—	—	—
— de aroeira	—	4,500	500	—	—	—
— de beladona	—	6,500	1,500	—	—	—
— de bétula	—	—	2,500	500	—	—
— de cade (*)	—	8,500	1,500	500	—	—
— de camomila	—	4,500	500	—	—	—
— de camomila, canforado	—	6,500	800	—	—	—
— conforado	—	10,500	1,200	—	—	—
— de chaulmoogra	—	25,500	3,500	500	—	—
— de croton	—	—	—	1,500	—	—
— de figado de bacalhau (escuro) (*)	10,500	1,500	—	—	—	—
— de figado de bacalhau (louro)	20,500	3,500	—	—	—	—
— de figado de bacalhau creosotado	25,500	3,500	—	—	—	—
— de figado de bacalhau ferruginoso	25,500	3,500	—	—	—	—
— de figado de bacalhau fosforado	25,500	3,500	—	—	—	—
— fosforado	—	30,500	5,500	1,500	—	—
— gomenolado a 5 por cento	—	10,500	1,500	—	—	—
— gomenolado a 10 por cento	—	15,500	2,500	—	—	—
— de linhaça	—	2,500	500	—	—	—
— de losna	—	6,500	800	—	—	—
— de mamona (*)	16,500	4,500	500	—	—	—
— de meimendro (*)	—	4,500	500	—	—	—
— de nicociana	—	8,500	1,500	—	—	—
— de ricino (*)	23,500	4,500	600	—	—	—
— russo	—	—	2,500	500	—	—
— de solano	—	4,500	500	—	—	—
— de trigo	—	10,500	1,500	—	—	—
Ópio em pó	—	—	15,500	2,500	500	—
Optoquina	—	—	—	15,500	2,500	—
Ortofórmio	—	—	—	3,500	500	—
Ouréguas	—	3,500	500	—	—	—
Ovarina	—	—	25,500	3,500	500	—
Oxalato de cério	—	—	3,500	500	—	—
Oxicánfora	—	—	15,500	2,500	—	—
Oxicianeto de mercúrio (*)	—	—	5,500	800	—	—
Oxicloreto de bismuto	—	—	—	1,500	—	—
Oxido branco de de antimónio (*)	—	—	—	1,500	—	—
— de estanho	—	—	4,500	500	—	—
— férrico, anidro	—	5,500	700	—	—	—
— de magnésio	—	6,500	800	200	—	—
— de mercúrio, amarelo (*)	—	—	—	1,500	—	—
— de mercúrio, vermelho (*)	—	—	—	1,500	—	300
— de zinco (*)	—	5,500	800	200	—	—
Oxigénio (*) — litro	500	—	—	—	—	—
Oximel de cila	—	7,500	1,500	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas	Cem gramas	Dez gramas	Grama	Decig.	Centig.
	1000	100	10	1	0,1	0,01
Oximel de cólquico.....	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— simples	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de verdete	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
P						
Pancreatina (*).....	-	-	5 ⁰⁰	80	-	-
Pantopon	-	-	-	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰
Papaína	-	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-
Papoiças (pétalas)	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Parafina líquida quimicamente pura (*)	25 ⁰⁰	3 ⁵⁰	60	-	-	-
Parietária.....	-	1 ⁵⁰	30	-	-	-
Pasta de Lassar	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Pedra divina	-	-	-	50	-	-
— infernal (*)	-	-	7 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-
— pomes, em pó fino	-	2 ⁰⁰	50	-	-	-
Pepsina (*)	-	-	3 ⁰⁰	50	-	-
— amilácea	-	-	3 ⁰⁰	50	-	-
— líquida	-	-	4 ⁰⁰	50	-	-
— em palhêtas	-	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
Peptona sêca, de carne	-	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	80	-	-
Perborato de sódio	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	20	-	-
Percloro de ferro, líquido (*)	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Permanganato de potássio (*)	-	-	1 ⁰⁰	20	-	-
— de zinco	-	-	-	60	-	-
Peróxido de magnésio	-	-	5 ⁰⁰	60	-	-
— de zinco	-	-	5 ⁰⁰	60	-	-
Perpétuas roxas	-	5 ⁰⁰	80	-	-	-
Persulfato de sódio	-	-	4 ⁰⁰	50	-	-
Piperazina	-	-	16 ⁰⁰	2 ⁰⁰	50	-
Pirâmido, (dimetilamido-antipi- ridina) (*)	-	5	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
Piridina	-	-	6 ⁰⁰	80	-	-
Pirofosfato de ferro citro-amonia- cal	-	-	3 ⁰⁰	50	-	-
Pirogalhol	-	-	6 ⁰⁰	80	-	-
Pó de alcaçuz composto	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— antimonial	-	-	-	1 ⁰⁰	30	-
— de ipeca composto	-	-	8 ⁰⁰	2 ⁰⁰	50	-
— de mentol composto	-	-	5 ⁰⁰	70	-	-
— de siba e lactose	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Poção antiemética de Rivière	20 ⁰⁰	10 ⁰⁰	2 ⁵⁰	-	-	-
— de cola com arrenal	25 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-	-	-
— de Jaccoud	-	3 ⁰⁰	-	-	-	-
— de Jaccoud	-	7 ⁰⁰	-	-	-	-
— de Food	-	5 ⁰⁰	80	-	-	-
Podofilino (*)	-	-	-	1 ⁵⁰	30	-
Pomada de ácido fénico	-	6 ⁰⁰	80	-	-	-
— de ácido salicílico	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de ácido tânico	-	7 ⁵⁰	2 ⁵⁰	-	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Pomada de alcatrão	-	6 ⁰⁰	6 ⁸⁰	-	-	-
- alvíssima	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
- de aristol	-	20 ⁰⁰	4 ⁵⁰	-	-	-
- de beladona	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
- de bismuto (subazotado)	-	9 ⁰⁰	1 ²⁰	-	-	-
- canforada (*)	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
- de cicuta	-	10 ⁰⁰	2 ⁵⁰	-	-	-
- de cocaína a 1 por cento	-	-	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-
- colargol (Crédé)	-	70 ⁰⁰	8 ⁰⁰	-	-	-
- de dermatol	-	10 ⁰⁰	1 ²⁰	-	-	-
- de enxôfre	-	5 ⁰⁰	6 ⁷⁰	-	-	-
- de hamamelis	-	12 ⁰⁰	2 ⁵⁰	-	-	-
- de Helmerich	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
- de ictiol	-	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-	-	-
- de iodeto de chumbo	-	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de iodeto de potássio	-	12 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de iodeto de potássio, iodada	-	12 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de iodofórmio	-	17 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-	-
- de iodol	-	35 ⁰⁰	5 ⁵⁰	-	-	-
- de mentol	-	17 ⁰⁰	4 ⁰⁰	-	-	-
- de mentol composta	-	9 ⁰⁰	1 ²⁰	-	-	-
- mercurial (*)	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	6 ⁵⁰	-	-
- de óxido amarelo de mercúrio	-	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de óxido de zinco	-	5 ⁰⁰	6 ⁷⁰	-	-	-
- oxigenada	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
- de pepino	-	6 ⁰⁰	6 ⁸⁰	-	-	-
- de popúlea	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
- de precipitado branco	-	6 ⁰⁰	6 ⁸⁰	-	-	-
- de resorcina	-	10 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de salicilato de metilo a 20 por cento	-	8 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- de salicilato de metilo e mentol	-	14 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
- de veratrina	-	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	-	-	-
- da Viúva Farnier	-	-	4 ⁰⁰	6 ⁷⁰	-	-
- de Wilkinson	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Pós de Dover	-	-	8 ⁰⁰	2 ⁰⁰	6 ⁵⁰	-
- de James	-	-	-	1 ⁰⁰	6 ³⁰	-
Precipitado amarelo (*)	-	-	-	2 ⁰⁰	6 ³⁰	-
Precipitado branco (*)	-	-	3 ⁰⁰	6 ⁵⁰	-	-
Protargol (proteinato de prata) (*)	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁷⁰	-	-
Protoxalato de ferro (*)	-	-	3 ⁰⁰	6 ⁵⁰	-	-
Psílio (sementes)	-	5 ⁰⁰	6 ⁸⁰	-	-	-
Ptialma	-	-	-	5 ⁰⁰	6 ⁸⁰	-
Quássia	-	3 ⁰⁰	6 ⁵⁰	-	-	-
- em pó	-	-	1 ²⁵⁰	6 ⁵⁰	-	-
Quassina amorfa	-	-	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	-
- cristalizada	-	-	-	-	10 ⁰⁰	1 ²⁵⁰
Quermes mineral (*)	-	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰	6 ³⁰	-

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Quina (*).....	25 ⁰⁰	4 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—	—
— em pó.....	30 ⁰⁰	6 ⁰⁰	0 ⁸⁰	—	—	—
Quiloneína.....	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	0 ⁸⁰	—
R						
Ratânia.....	30 ⁰⁰	5 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—	—
— em pó.....	—	6 ⁰⁰	0 ⁸⁰	—	—	—
Reagente de Esbach.....	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de Fehling.....	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de Tanret.....	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
Resina de jalapa.....	—	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Resorcina (*).....	—	—	4 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—
Rivanol.....	—	—	—	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—
Romã (casca).....	—	3 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—	—
Romeira (casa da raiz).....	—	3 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—	—
— (casca da raiz) em pó.....	—	—	2 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—
Rosas rubras (*).....	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Ruibarbo em pó (*).....	—	—	3 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—
Rum.....	—	10 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
S						
Sabão animal (*).....	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— medicinal (*).....	—	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— medicinal em pó.....	—	—	1 ⁰⁰	0 ³⁰	—	—
— mole.....	—	4 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—	—
— negro.....	—	4 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—	—
Sabugueiro (*).....	—	3 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—	—
— em pó.....	—	6 ⁰⁰	0 ⁸⁰	—	—	—
Sacarina.....	—	—	6 ⁰⁰	0 ⁸⁰	—	—
Sacarose (*).....	—	0 ⁸⁰	0 ²⁰	—	—	—
Sal antiperiódico (*).....	—	—	14 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—
— de chumbo (*).....	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—	—
Sal de Epsom (*).....	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ²⁰	—	—	—
— de Glauber (*).....	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ²⁰	—	—	—
— de Vichy (*).....	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	0 ³⁰	—	—	—
Salacetol (éter acetol-salicílico).....	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—
Salapo em pó.....	—	20 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
Salicilato de bismuto (*).....	—	—	4 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—
— de chumbo.....	—	—	4 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—
— de eserina.....	—	—	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de lítio.....	—	—	5 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—
— de magnésio.....	—	—	5 ⁰⁰	0 ⁶⁰	—	—
— de metilo (*).....	—	12 ⁰⁰	1 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—	—
— de piramido.....	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de quinina.....	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁰⁰	0 ⁵⁰	—
— de sódio (*).....	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	0 ³⁰	—	—
Salicilina.....	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Salipirina.....	—	—	5 ⁰⁰	5 ⁸⁰	—	—
Salofena (acetil-piramido-salol) ...	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
Salol (*).....	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Saloquinina.....	—	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
Salsaparrilha (*).....	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Salva.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Santónico em pó.....	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Santonina (*).....	—	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰
Saponária.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Saponina.....	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Seidlitz granulado.....	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Seiva de pinheiro (*).....	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Semen-contra em pó.....	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Sene (*).....	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— em pó.....	—	—	1 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
— lavado pelo alcool.....	—	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—
— folículos.....	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
Serpão.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Serpilho.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Siba em pó.....	—	5 ⁰⁰	3 ⁷⁰	—	—	—
Sidonal.....	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Silicato de cálcio.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de magnésio.....	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de potássio.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de potássio, líquido.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de sódio.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de sódio, líquido.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Solano.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
Solda em pó.....	—	—	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—
Soluto de ácido picrico a 5 por mil.....	5 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—	—
— de acetato de amónia.....	—	—	3 ⁵⁰	—	—	—
— de adrenalina a 1 por mil.....	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de benzoato de benzilo a 20 por cento.....	—	15 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— benzoinado de Mentel.....	50 ⁰⁰	7 ⁰⁰	—	—	—	—
— de borato de sódio a 3 por cento.....	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—
— de boricina a 4 por cento.....	5 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—	—
— de Bourget.....	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de citrato de potássio.....	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de clorato de potássio a 3 por cento.....	4 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—	—
— de cloridrofosfato de cálcio.....	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de cloridrofosfato de cálcio creosotado.....	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—	—	—
— de Dakin.....	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de digitalina cristalizada (milesimal) (*).....	—	—	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—
— de fenolsalil a 2 por mil.....	3 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—	—
— de hipoclorito de soda.....	6 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
— iodotânico.....	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
— iodotânico fosfatado.....	25 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Soluto de oxicianeto de mercúrio a 1 por mil	4 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—	—
— de permanganato de potássio ..	3 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—	—
— de pirofosfato de ferro de Leras	—	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de potassa sulfurada.....	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de subacetato de chumbo.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁴⁰	—	—	—
— de sublimado corrosivo a 1 por mil.....	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—	—
Soluto de Tarnier	9 ⁰⁰	4 ⁰⁰	—	—	—	—
— de trinitrina (centesimal) (*)...	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
— de valerato de amónio	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Sôro fisiológico	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— glicosado.....	12 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—	—
Sosoiololato de sódio.....	—	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
— de zinco	—	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
Subazotato de bismuto (*).....	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
Sudan III	—	—	—	2 ⁰⁰	—	—
Sulfato de atropina	—	—	—	—	3 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de bário quimicamente puro (*)	40 ⁰⁰	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
— de cálcio.....	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— cinchonina	—	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—
— de cobre amoniacal	—	—	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de cobre puro.....	—	—	1 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
— de duboisina	—	—	—	—	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰
— de eserina	—	—	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de esparteína (*).....	—	—	—	11 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
— de estricnina (*).....	—	—	—	2 ⁵⁰	1 ⁰⁰	—
— de ferro puro (*)	—	—	3 ⁶⁰	—	—	—
— de magnésio (*).....	—	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—	—
— de magnésio em pó (*).....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de mercúrio básico.....	—	—	—	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—
— de morfina (*).....	—	—	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	1 ⁰⁰
— de potássio.....	—	—	3 ⁶⁰	—	—	—
— de quinidina	—	—	45 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—
— de quinina (*).....	—	—	—	4 ⁵⁰	—	—
— de sódio (*)	—	1 ⁵⁰	3 ²⁰	—	—	—
— de sódio, anidro	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de sódio em pó.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de zinco (*).....	—	—	1 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
— de zinco quimicamente puro...	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Sulfito de sódio, anidro	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Sulfofenato de zinco	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Sulfonal (diethylsulfona-propana) ..	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	3 ²⁰	—
Sulfarricinato de sódio.....	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Sulfureto de antimónio.....	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de cálcio	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de carbónio	40 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de potássio (*).....	—	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—	—
— de potássio, liquido	12 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—	—
— de sódio	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
T						
Talco (*)	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—
— de Veneza	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—	—
Tamarindos	—	4 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Tanalbina (tanato de albumina)	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Tanato de bismuto	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
— de orexina	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
— de quinina	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—
Tanigénio (acetiltanino)	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Tanino pelo alcool	—	—	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— pelo éter	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Tanismuto	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—
Tanofórmio	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Targesina	—	—	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—
Tartarato ácido de potássio	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
— boro-potássico (*)	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— boro-potássico em pó	—	12 ⁰⁰	1 ³⁰	3 ³⁰	—	—
— de potássio	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de potássio e antimónio (*)	—	—	—	1 ⁰⁰	—	—
— de potássio e ferro	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
— de potássio e sódio (*)	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Teobromina (*)	—	—	16 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—
Teocina	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Terebintina de Veneza (*)	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Terpina (*)	—	—	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Terpinol (*)	—	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Terra silícica	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Tetracloro de carbónio	50 ⁰⁰	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Tigenol	—	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—
Tília (*)	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
Timol (*)	—	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—
Tintura de acaçafão	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
— de acónito	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de alcatrão	—	5 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
— de almiscar	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ²⁰	3 ⁶⁰	—
— de aloés	—	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
— de âmbar	—	—	—	—	—	—
— de aniz	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—
— de arnica (*)	—	5 ⁰⁰	3 ⁶⁰	—	—	—
— de assafétida	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
— de badiana	—	—	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—
— de bálsamo de Tolu	—	—	2 ⁰⁰	3 ³⁰	—	—
— de baunilha	—	—	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de beladona	—	—	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
— de benjoim	—	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	—	—	—
— de benjoim, composto (*)	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de boldo	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ³⁰	—	—
— de calumba	—	—	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—
— de camomila	—	—	1 ⁰⁰	3 ²⁰	—	—
— de canela	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ³⁰	—	—
— de canela, composta	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Gramma 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Tintura de cânfora	76 ⁰⁰	11 ⁰⁰	1 ³⁰	—	—	—
— de cânfora, composta (*)	—	35 ⁴⁰	4 ⁰⁰	—	—	—
— de cannabis indica	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de cantáridas (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	50	—	—
— de cápsico	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— de casca de laranja	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
— de castóreo	—	—	5 ⁰⁰	80	—	—
— de cato	—	6 ⁰⁰	80	—	—	—
— de cevadilha	—	5 ⁰⁰	70	—	—	—
— de cila	—	—	1 ⁰⁰	30	—	—
— de coca	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de cochonilha	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	30	—	—
— de cocleária	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
— de cola	—	6 ⁰⁰	80	—	—	—
— de cólquico	—	—	2 ⁰⁰	50	—	—
— de cólquico (sementes)	—	—	2 ⁰⁰	50	—	—
— de condorango	—	5 ⁰⁰	2 ⁰⁰	30	—	—
— de crataegus oxyacantha	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
— de cravagem de centeio	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de dedaleira (*)	—	—	1 ⁵⁰	30	—	—
— de drósera	—	—	4 ⁰⁰	50	—	—
— de erísimo	—	6 ⁰⁰	1 ⁵⁰	30	—	—
— de estramónio	—	—	1 ⁰⁰	20	—	—
— de estricnina	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de estrofantó (*)	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
— de eucalipto (*)	—	5 ⁰⁰	80	—	—	—
— de euphorbia pilulifera	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de funcho	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	20	—	—
— de gelsémio	—	—	2 ⁰⁰	30	—	—
— de genciana	—	6 ⁰⁰	80	20	—	—
— de genciana, composta	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
— de gengibre	—	—	1 ⁵⁰	30	—	—
— de grindélia (*)	—	—	2 ⁵⁰	50	—	—
— de guaco	—	—	1 ⁵⁰	30	—	—
— de guaiaco	—	—	1 ⁵⁰	30	—	—
— de hamamelis virginica (*)	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
— de hydrastis canadensis (*)	—	—	6 ⁰⁰	80	—	—
— de iodo (*)	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	50	—	—
— de iodo recentemente preparada	—	—	12 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
— de iodo guaiacolada	—	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—	—
— de iodo morfinada	—	—	—	5 ⁰⁰	—	—
— de ipeca	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	50	—	—
— de jaborandi	—	10 ⁰⁰	1 ²⁰	—	—	—
— de jalapa	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de jalapa, composta (*)	—	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—	—
— de lobélia (*)	—	—	2 ⁰⁰	50	—	—
— de malato de ferro	—	—	3 ⁰⁰	50	—	—
— de meimendro	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
— de mirra	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
— de mostarda	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	80	—	—	—
— de noz vómica (*)	—	15 ⁰⁰	2 ⁵⁰	50	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Gramma 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
Tintura de ópio (*)	-	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de piretro	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de piscidia-eritrina	-	-	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de poligala	-	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de polsatila	-	-	1 ⁵⁰	3 ³⁰	-	-
— de quássia	-	-	1 ⁵⁰	3 ³⁰	-	-
— de quilaia	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ³⁰	-	-
— de quina (*)	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	3 ³⁰	-	-
— de quina, composta	-	12 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-	-	-
— de ratânia	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ³⁰	-	-
— de ruibarbo	-	-	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de simulo	-	-	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de sulfato de quinina	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— de valeriana (*)	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ³⁰	-	-
— de valeriana amonical (*)	-	9 ⁰⁰	1 ²⁰	3 ³⁰	-	-
— de valeriana etérea	-	-	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de veratrina	-	16 ⁰⁰	1 ⁸⁰	-	-	-
— de viburnio	-	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
— de zimbro	-	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Tiocol (sulfoguaiacolato de potásio)	-	-	3 ⁰⁰	3 ⁷⁰	-	-
Tiosinamina	-	-	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	3 ⁵⁰	-
Tiroidina	-	-	-	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-
Tomilho	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
Tormentila em pó	-	-	1 ⁰⁰	3 ²⁰	-	-
Traumaticina	-	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
Tricloreto de bismuto	-	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-
Trional (metilsulfonal)	-	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	3 ³⁰	-
Tripaflavina	-	-	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-
Tripsina	-	-	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-
Tumenol	-	-	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-
Turbite mineral (*)	-	-	-	2 ⁰⁰	3 ³⁰	-
Tussol	-	-	-	2 ⁰⁰	3 ³⁰	-
Tutia	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-	-
Tutocaína	-	-	-	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	-
U						
Ulmarena	-	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
Ungüento de altea	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-	-
— amarelo	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-	-
— de elémi	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
— nervino	-	6 ⁰⁰	3 ⁸⁰	-	-	-
— santo	-	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	-	-	-
Untura forte	-	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
Ureia quimicamente pura (*)	-	25 ⁰⁰	3 ⁵⁰	3 ⁵⁰	-	-
Uretano	-	-	4 ⁰⁰	3 ⁶⁰	-	-
Urgebão	-	3 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-
Urotropina (hexametilena-tetramina) (*)	-	-	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-
Uva ursina	-	4 ⁰⁰	3 ⁵⁰	-	-	-

Valores em escudos

	Mil gramas 1000	Cem gramas 100	Dez gramas 10	Grama 1	Decig. 0,1	Centig. 0,01
V						
Valerato de amónio	—	—	—	1 ²⁰	50	—
— de cério	—	—	—	1 ²⁰	50	—
— de quinina (*)	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—
— de zinco	—	—	—	1 ²⁰	30	—
Valeriana (*)	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— em pó	50 ⁰⁰	8 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—
Validol	—	—	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—
Vanadato de sódio	—	—	—	—	1 ⁰⁰	—
Vanilina	—	—	—	1 ⁵⁰	30	—
Vaselina (*)	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— amarela	15 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— bórica	15 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— líquida	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— líquida mentolada a 1 por trinta (Vide Vaselito de mentol).	—	—	—	—	—	—
— quimicamente pura (*)	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—	—
Vaselito de mentol	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
Vasogénio	—	—	4 ⁰⁰	60	—	—
Veramon	—	—	—	2 ⁵⁰	50	—
Veratrina	—	—	—	11 ⁰⁰	30	—
Veratro branco	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
Verdete	—	6 ⁰⁰	80	—	—	—
Veronal (dietilmalonilureia) (*)	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—
— sódico	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	30	—
Vinagre aromático (*)	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	30	—	—	—
— canforado	—	4 ⁰⁰	60	—	—	—
— de cila	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de cólquico	—	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de Saturno	—	3 ⁰⁰	40	—	—	—
Vinho aromático	10 ⁰⁰	2 ⁰⁰	50	—	—	—
— de calumba	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de canela, composto	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de carne	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de coca	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de cola (*)	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de cólquico	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de dedaleira, composto (*)	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de ferro	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de genciana	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de genciana, composto	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de hemoglobina	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— iodotânico	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— iodotânico fosfatado	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de ipecacuanha	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— do Pôrto (*)	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de peptona	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de quássia	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de quina (*)	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de quina, composto	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Grama — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Vinho de quina ferruginosa.....	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de quínio	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
Violetas	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	30	—	—
X						
Xarope de açatirão, composto (gé- nero Delabarre)	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—	—
— de acetato de morfina	—	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de ácido fénico	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de agriões	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de alcatrão	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de alcatrão, composto	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de altea	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de amoras	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	80	—	—	—
— balsâmico *)	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de balsamo de Tolu (*)	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de beladona	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de benzoato de sódio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de bromofórmio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de bromofórmio, composto	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de café	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de capilária	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de casca de laranja	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de casca de limão	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de chicória, composto	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— das cinco raízes	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de codeína	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	70	—	—	—
— comum	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	40	—	—	—
— de Disessartz	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de diacódio	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	50	—	—	—
— de deonina	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	70	—	—	—
— de éter (*)	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de eucalipto	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de felândrio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de felândrio, composto	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de flor de laranjeira	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de framboesas	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de genciana	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de Gibert	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	70	—	—	—
— de glicerofosfato de cálcio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de goma	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de groselhas	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—
— de hemoglobina	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	70	—	—	—
— de heroína	50 ⁰⁰	6 ⁰⁰	70	—	—	—
— de hidrato de cloral	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de hipofosfito de cálcio	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— de hortelã-pimenta	20 ⁰⁰	3 ⁰⁰	40	—	—	—
— de iodeto de ferro (*)	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— iodotânico	30 ⁰⁰	4 ⁰⁰	50	—	—	—
— iodotânico fosfatado	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	60	—	—	—

	Valores em escudos					
	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramas — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Xarope de ipecacuanha	50,000	6,000	670	—	—	—
— de ipecacuanha, composto	40,000	5,000	660	—	—	—
— de lactofosfato de cálcio	30,000	4,000	650	—	—	—
— de lactucário	30,000	4,000	650	—	—	—
— de louro-cereje	20,000	3,000	640	—	—	—
— de maná	—	6,000	670	—	—	—
— de marmelos	30,000	4,000	650	—	—	—
— de ópio	30,000	4,000	650	—	—	—
— polibromado	50,000	6,000	670	—	—	—
— de polígala	30,000	4,000	650	—	—	—
— de quina	30,000	4,000	650	—	—	—
— de quina e ferro	40,000	5,000	660	—	—	—
— de quina vinoso	40,000	5,000	660	—	—	—
— de rábão iodado	30,000	4,000	650	—	—	—
— de ratânia	30,000	4,000	650	—	—	—
— de ruibarbo	30,000	4,000	650	—	—	—
— de sabugueiro	30,000	4,000	650	—	—	—
— de salsaparrilha	40,000	5,000	660	—	—	—
— de salsaparrilha, composto	50,000	6,000	670	—	—	—
— de seiva de pinheiro	20,000	3,000	640	—	—	—
— de terebintina	30,000	4,000	650	—	—	—
— de terpina	30,000	4,000	650	—	—	—
— de tiocol	—	10,000	1,050	—	—	—
— de tomilho	30,000	4,000	650	—	—	—
— de Tolu (*)	25,000	3,000	640	—	—	—
— de violetas	50,000	6,000	670	—	—	—
Xerofórmio (tribromofenato de bis- muta) (*)	—	—	—	1,150	—	—
Xilol	—	6,000	680	—	—	—
Z						
Zimbro	—	4,000	660	—	—	—
— em pó	—	6,000	680	—	—	—

Tabela anexa dos preços dos produtos com marca comercial registada

Valores em escudos

	Mil gramas — 1000	Cem gramas — 100	Dez gramas — 10	Gramma — 1	Decig. — 0,1	Centig. — 0,01
Airol, <i>Roche</i>	—	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—
Argirol, <i>Barnes</i> (*).....	—	—	45 ⁰⁰	6 ⁰⁰	8 ⁰⁰	—
Aristol, <i>Bayer</i>	—	—	45 ⁰⁰	5 ⁰⁰	8 ⁰⁰	—
Aristoquina, <i>Bayer</i>	—	—	80 ⁰⁰	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—
Aspirina, <i>Bayer</i>	—	—	10 ⁰⁰	1 ²⁰	3 ⁰⁰	—
Boricina, <i>Meissonnier</i>	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—	—
Carvão de <i>Belloc</i> (*).....	—	—	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—
Citrofena, <i>Koos</i>	—	—	35 ⁰⁰	5 ⁰⁰	8 ⁰⁰	—
Colorgol, <i>Heydem</i>	—	—	70 ⁰⁰	8 ⁰⁰	1 ²⁰	—
Coltar saponinado, <i>Le Beuf</i>	—	15 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—	—	—
Creolina, <i>Pearson</i>	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—	—
Creosotal, <i>Bayer</i>	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—	—
Criogenina, <i>Lumière</i>	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Diuretina, <i>Knoll</i>	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Estipticina, <i>Merck</i>	—	—	—	25 ⁰⁰	3 ⁰⁰	—
Euquinina <i>Zimmer</i>	—	—	—	7 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Luminal, <i>Bayer</i>	—	—	—	6 ⁰⁰	1 ⁰⁰	—
Magnésia de <i>Henry</i>	—	—	—	1 ⁵⁰	—	—
Peptona, <i>Witte</i>	—	60 ⁰⁰	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Piramido, <i>Meister Lucius</i>	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Protargol, <i>Bayer</i>	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	—	—
Salacetol, <i>Chemia</i>	—	—	30 ⁰⁰	3 ⁵⁰	—	—
Soluto de digitalina, <i>Mialhe</i>	—	—	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—
— de digitalina, <i>Nativelle</i>	—	—	40 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—	—
Sulfonal, <i>Bayer</i>	—	—	5 ⁰⁰	6 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—
Tanalbina, <i>Knoll</i>	—	—	10 ⁰⁰	1 ⁵⁰	—	—
Tamigénio, <i>Bayer</i>	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Tiocol, <i>Roche</i>	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Trional, <i>Bayer</i>	—	—	8 ⁰⁰	1 ⁰⁰	2 ⁰⁰	—
Urotropina, <i>Schering</i>	—	—	18 ⁰⁰	2 ⁰⁰	5 ⁰⁰	—
Veronal, <i>Bayer</i>	—	—	20 ⁰⁰	2 ⁵⁰	5 ⁰⁰	—
Xerofórmio, <i>Heyden</i>	—	—	—	2 ⁰⁰	—	—

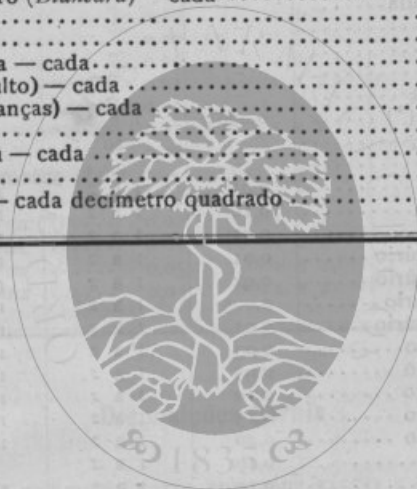
Tabela anexa dos preços dos produtos
com marca comercial registrada

Prontuário dos preços dos medicamentos de uso comum

	Preço em escudos
Adesivo — cada decímetro quadrado	1\$00
Cápsulas de apiol — cada	\$40
— de copaiba — cada	\$25
— de creosota — cada	\$25
— de creosotal — cada	\$30
— de éter — cada	\$25
— de guaiacol — cada	\$30
— de óleo de rícino a 2 gramas — cada	\$30
— de óleo de rícino a 3 gramas — cada	\$35
— de óleo de rícino a 4 gramas — cada	\$40
— de óleo de rícino a 5 gramas — cada	\$50
— de terpinol — cada	\$30
Comprimidos de sulfato de quinina de 0,25	1\$80
Confeitos de aloés dúzia	1\$20
— de lactato de ferro — dúzia	1\$20
Hóstias de antipirina a 0,50 — cada	\$60
— de antipirina a 0,25 — cada	\$40
— de aspirina a 0,50 — cada	\$50
— de benzonaftol a 0,50 — cada	\$50
— de piramido a 0,50 — cada	\$80
— de piramido a 0,25 — cada	\$50
— de subazotato de bismuto a 0,50 — cada	\$60
— de subazotato de bismuto a 1 grama — cada	\$80
— de sulfato de quinina a 0,25 — cada	1\$20
Moscas de Milão — cada	1\$00
Opodeldoque — frasco	4\$00
— com arnica — frasco	5\$00
— com beladona — frasco	5\$00
— com clorofórmio — frasco	5\$00
— com iodeto de potássio — frasco	7\$00
— com láudano — frasco	6\$00
Papéis de ácido bórico a 40 gramas — cada	1\$00
— de ácido bórico a 30 gramas — cada	\$70
— de borato de sódio, em pó, a 40 gramas — cada	\$50
— de borato de sódio, em pó, a 30 gramas — cada	\$40
— de permanganato de potássio, em pó, 1 grama — cada	\$25
— de permanganato de potássio, em pó, a 0,50 — cada	\$20
Papel nitrado, folhas — cada	\$50
Pastilhas de altea — dúzia	1\$00
— balsâmicas — dúzia	1\$00
— de bicarbonato de soda — dúzia	1\$00
— de bicarbonato de soda (comprimidos) — dúzia	1\$00
— de clorato de potássio — dúzia	1\$00
— de clorato de potássio (comprimidos) — dúzia	1\$00

Preço
em escudos

Pastilhas de hortelã-pimenta — dúzia	1 th 00
— de mentol — dúzia	1 th 00
— de mentol e eucalipto — dúzia	1 th 00
— de santonina a 0,01 — cada	th50
Pílulas ante-cibum — cada	th40
— balsâmicas — cada	th40
— de carbonato ferroso (<i>Bland</i>) — cada	th40
— de cinoglossa — cada	th50
— de protiodeto de ferro (<i>Blancard</i>) — cada	th40
Sodas — cada	th40
— purgativas — cada	1 th 00
Supositórios de beladona — cada	th70
— de glicerina (para adulto) — cada	th60
— de glicerina (para crianças) — cada	th50
— de hamamelis — cada	th70
— de manteiga de cacau — cada	th50
— mercuriais — cada	th80
Vesicatório <i>Albespeyres</i> — cada decimetro quadrado	3 th 00



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Tabela anexa dos produtos para pensos, soros e solutos injectáveis, esterilizados

Nomes dos produtos	Dosagem por c. c.	Capacidade em c. c.	Quantidade	Preço
Algodão hidrófilo esterilizado (*).	-	-	50 gramas	6 th 00
Cloreto de etilo (tubo de).....	-	-	15 gramas	6 th 00
Compressas de gazes (4 fôlhas, 0,10 x 0,10) (*).....	-	-	12 gramas	5 th 00
— de gaze 4 fôlhas, 0,20 x 0,20) (*)	-	-	12 gramas	10 th 00
Gaze hidrófila esterilizada.....	-	-	1 metro	5 th 00
Sêda para sutura (*).....	-	-	1 ^m ,50	5 th 00
Sôro antidiftérico (*).....	-	-	-	-
— antitetânico (*).....	-	-	-	-
Vaselina esterilizada (*).....	-	-	-	2 th 00
Empôlas de adrenalina (*).....	0,0005	I a 2	1 empôla	2 th 00
— de água destilada (*).....	-	10	1	2 th 00
— de água destilada.....	-	20	1	2 th 50
— de arrenal.....	0,05	I a 2	12 empôlas	8 th 00
— de arrenal.....	0,10	I a 2	12	9 th 00
— de azul de metilena.....	0,05	I a 2	12	10 th 00
— de benzoato de mercúrio.....	0,01	I a 2	12	9 th 00
— de benzoato de mercúrio.....	0,02	I a 2	12	9 th 00
— de biiodeto de mercúrio.....	0,005	I a 2	12	9 th 00
— de bicloreto de mercúrio.....	0,01	I a 2	12	8 th 00
— de cacodilato de ferro.....	0,03	I a 2	12	8 th 00
— de cacodilato de sódio.....	0,05	I a 2	12	8 th 00
— de cacodilato de sódio.....	0,10	I a 2	12	8 th 00
— de cacodilato de sódio.....	0,15	I a 2	12	9 th 00
— de cacodilato de sódio.....	0,20	I a 2	12	9 th 00
— de cafeína (*).....	0,10	I a 2	1 empôla	1 th 80
— de cafeína.....	0,10	I a 2	12 empôlas	9 th 60
— de cafeína.....	0,20	I a 2	1 empôla	1 th 80
— de cafeína.....	0,20	I a 2	12 empôlas	10 th 80
— de cloridrato de cocaína.....	0,01	I a 2	1 empôla	2 th 00
— de cloridrato de emetina.....	0,01	I	1	2 th 00
— de cloridrato de emetina.....	0,02	I	1	2 th 00
— de cloridrato de morfina.....	0,01	I a 2	1	2 th 00
— de cloridrato de morfina.....	0,01	I a 2	12 empôlas	10 th 00
— de cloridrato de morfina.....	0,02	I a 2	1 empôla	2 th 00
— de cloridrato de morfina.....	0,02	I a 2	12 empôlas	12 th 00
— de cloridrato de quinina (*).....	0,10	I a 2	1 empôla	1 th 50
— de cloridrato de quinina.....	0,10	I	12 empôlas	10 th 00
— de cloridrato de quinina.....	0,25	I a 2	1 empôla	2 th 00
— de cloridrato de quinina.....	0,25	I	12 empôlas	14 th 00
— de cianeto de mercúrio.....	0,01	I a 2	12	8 th 00
— de cianeto de mercúrio.....	0,02	I a 2	12	8 th 00
— de ergotina (*).....	0,10	I a 2	1 empôla	1 th 50
— de ergotina.....	0,10	I a 2	12 empôlas	8 th 00
— de ergotina.....	0,20	I a 2	1 empôla	1 th 50
— de ergotina.....	0,20	I a 2	12 empôlas	9 th 00
— de estovaina.....	0,10	I a 2	1 empôla	1 th 50
— de eteróleo canforado (*).....	0,10	I a 2	1	1 th 50
— de eteróleo canforado.....	0,10	I a 2	12 empôlas	9 th 00
— de eteróleo canforado.....	0,20	I a 2	1 empôla	1 th 50

Nome dos produtos	Dosagem por c. c.	Capacidade em c. c.	Quantidade	Preço
Empólas de eteróleo canforado ...	0,20	1 a 2	12 empólas	10 th 00
— de éter puro (*)	—	1 a 2	1 empóla	1 th 50
— de novocaína (*)	0,02	1 a 2	1 »	1 th 50
— de novocaína	0,02	1 a 2	1 »	1 th 50
— de novocaína e adrenalina	0,02	1 a 2	1 »	1 th 50
— de óleo canforado	0,10	1 a 2	1 »	1 th 50
— de óleo canforado	0,10	1 a 2	12 empólas	8 th 00
— de óleo canforado	0,10	5	1 empóla	2 th 00
— de óleo canforado	0,10	5	6 empólas	7 th 00
— de óleo canforado	0,20	1 a 2	1 empóla	1 th 50
— de óleo canforado	0,20	1 a 2	12 empólas	9 th 00
— de óleo canforado	0,20	5	1 empóla	2 th 00
— de óleo canforado	0,20	5	6 empólas	8 th 00
— de pantopon (*)	0,01	1 a 2	1 empóla	2 th 00
— de pantopon	0,01	1	12 empólas	15 th 00
— de pantopon	0,02	1 a 2	1 empólas	2 th 50
— de pantopon	0,02	1	12 empólas	22 th 00
— de sôro glicosado isotónico (*)	—	5	6 empólas	8 th 00
— de sôro fisiológico (*)	—	5	6 »	7 th 00
— de sulfato de esparteína (*)	0,02	1 a 2	1 empóla	1 th 50
— de sulfato de esparteína	0,02	1 a 2	12 empólas	8 th 00
— de sulfato de esparteína	0,05	1 a 2	1 empóla	1 th 50
— de sulfato de esparteína	0,05	1 a 2	12 empólas	9 th 00

Disposições gerais

1.º Os preços deste regimento serão aplicados exacta e escrupulosamente, salvo quando forem autorizadas algumas alterações sob proposta da respectiva comissão.

2.º Em todas as receitas será aposto o carimbo da farmácia, o preço de cada fórmula e a data da sua execução.

3.º É igualmente obrigatória a inscrição do preço respectivo em cada rótulo, sendo expressamente proibido o uso da cifra convencional.

4.º O preço da venda ao público dos medicamentos é calculado:

a) Pelos preços das substâncias empregadas;

b) Pelos honorários relativos às manipulações consignadas na respectiva tabela.

5.º O preço dos medicamentos que não se acharem taxados neste regimento será o mesmo que tiverem no mercado, aumentando-se:

1.º Nos que se venderem a quilogramas, mais 30 por cento;

2.º Nos que se venderem a hectogramas, mais 60 por cento;

3.º Nos que se venderem a decagramas, mais 90 por cento;

4.º Nos que se venderem a gramas, mais 120 por cento;

5.º Nos que se venderem a decigramas, mais 150 por cento;

6.º Nos que se venderem a centigramas, mais 180 por cento;

6.º O preço dos preparados e compostos que não se acharem taxados calcular-se-á adicionando ao preço dos simples o da preparação ou composição que estes sofre-

rem, segundo a respectiva tabela de manipulações. Quando haja mais de uma manipulação levar-se-á unicamente a que tiver preço mais elevado.

7.º O preço dos medicamentos nas ilhas adjacentes será o indicada neste regimento e no valor da moeda forte do continente da República, aumentado de 10 por cento.

8.º O preço das quantidades intermédias às que se acham taxadas neste regimento será calculado adicionando ao preço da unidade imediatamente inferior o da quantidade restante das primeiras cinco décimas partes da unidade imediatamente superior, avaliado em relação ao preço desta, e o das segundas cinco décimas em relação à diferença entre o preço daquelas e o da referida unidade superior.

9.º O preço das quantidades maiores do que as que se acham taxadas será feito em relação ao preço fixado para a maior unidade, sem mais redução alguma.

10.º O preço das quantidades menores do que as que se acham taxadas será o da menor quantidade indicada.

11.º Os preços regimentais, quer das substâncias quer dos honorários das manipulações, não são aplicáveis a fornecimento por grosso, isto é, fora das preparações e outras condições do receituário clínico.

12.º Dêste regimento faz parte um prontuário com os preços fixos para a venda de medicamentos do uso comum.

13.º Os preços dos produtos químicos cuja marca comercial seja especificada serão regulados pela tabela respectiva anexa a êste regimento.

14.º É obrigatória a existência nas farmácias dos medicamentos marcados neste regimento com o sinal (*).

15.º A importância dos preços dos medicamentos fornecidos às instituições de mutualidade e corporações de assistência é autorizado um desconto de carácter facultativo, que não poderá exceder 20 por cento e que reverterá em favor dos seus cofres.

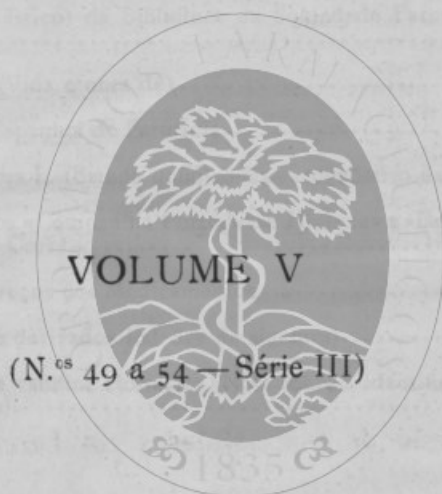
Preparação de especialidades em Farmácias

Segundo a portaria n.º 9480 os proprietários de Farmácia devem remeter aos Serviços Técnicos do Exercício de Farmácia e Comprovação de Medicamentos (Direcção Geral de Saúde) durante o mês de Janeiro, as notas dos nomes e princípios activos das especialidades preparadas nas farmácias.

As farmácias que remeteram o ano passado essas notas, devem indicar apenas as alterações ocorridas durante o ano de 1946: especialidades novas introduzidas no mercado e as que tiverem sido retiradas dêle. No caso de não haver alteração, deve confirmar-se a nota entregue em Janeiro do ano findo.

Tôdas as notas são feitas em papel comum e com a assinatura reconhecida.

ÍNDICE



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

1946

«JORNAL DOS FARMACÊUTICOS»

LISBOA

ÍNDICE



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

1) ASSUNTOS

	Pág.
Arsénio pelo método da Farmacopeia Portuguesa (Acerca da dosagem de vestígios de) ..	209
Beladona Nacional (Contribuição para o estudo da)	177
Catálogo (omnomástico) da Biblioteca da Sociedade Farmacêutica Lusitana	I
Charles Lepierre (Vida e obra de)	188
Congresso Luso-Espanhol de Farmácia	229
Gomphrena globosa L. (Estudo químico-farmacognóstico da)	115
Prémios científicos «Companhia Portuguesa Higiene» e «Doutor Manuel Fernandes Cruz»	167 e 227
Regimento dos Preços dos Medicamentos	249
Sulfamidas (Sobre derivados iodados de algumas)	149
Sulfonamidas pela vanilina clorídrica (Nota sobre a identificação microquímica das)	139

2) AUTORES

	Pág.
ALMEIDA BALTAZAR (Joaquim Augusto)	149
CORREIA RALHA (Alberto)	115
MARQUES LEAL (Aluisio)	139
PEREIRA FORJAZ (D. António)	188
PEREIRA JUNIOR (Albano)	115
RIBEIRO (Maria Rosa C.)	139
RIBEIRO CABRAL (Manuel)	177
SOEIRO TORRINHA (J. F.)	209



Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

ALÍSSA DE ALMEIDA RODRIGUES 200
 CORREIA RITA A. (Aristo) 200
 MARCO 200
 PEREIRA FORIAS D. António) 200
 PEREIRA JUNIOR (Albano) 200
 RIBEIRO (Maria Rosa C.) 200
 RIBEIRO CABRAL (Manuel) 200
 SOEIRO TORRINHA D.T. 200



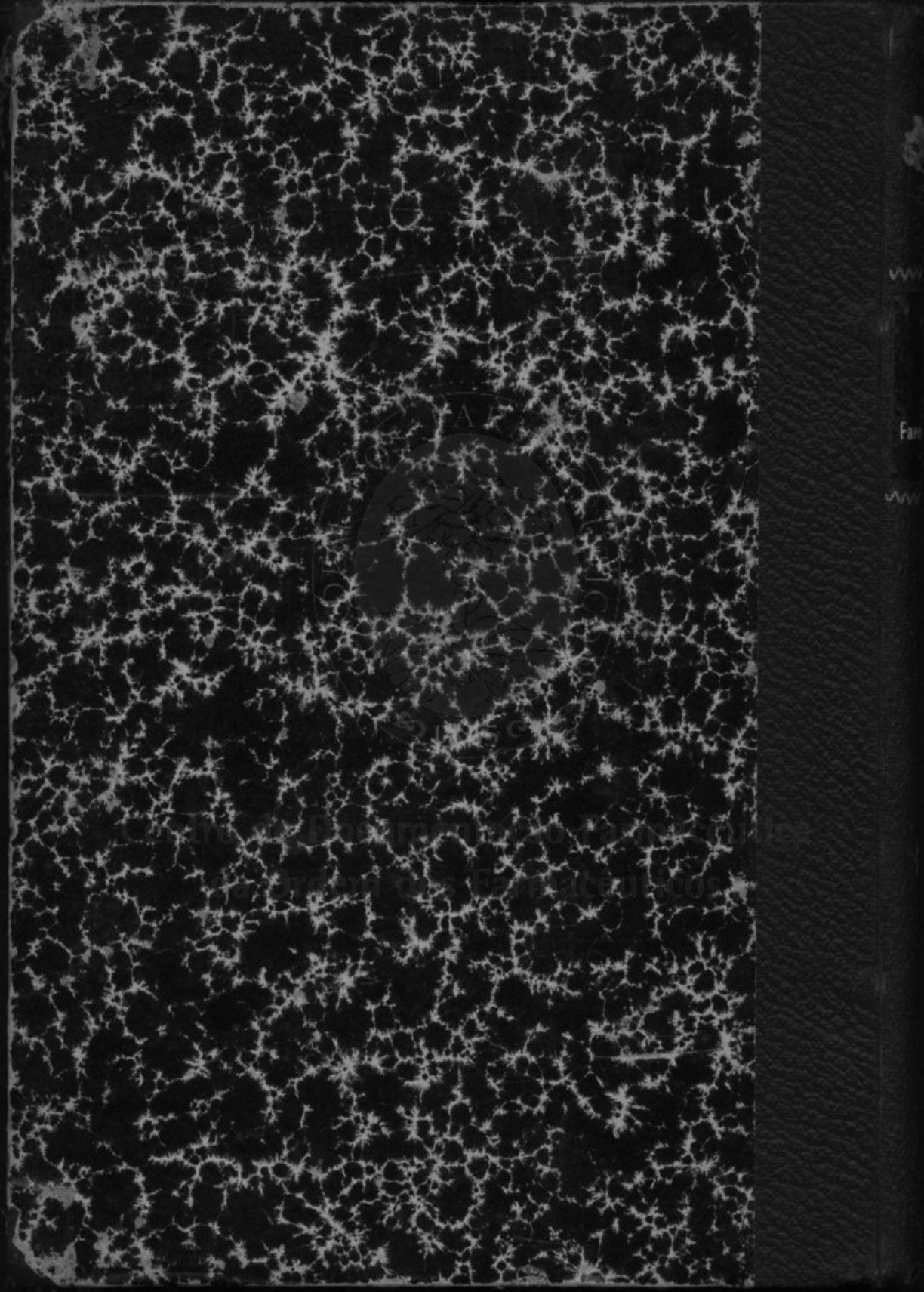
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Jornal

dos

FAAP
Farmacêuticos

1835

1946

S.N.F.